

Octávio Caúmo Serrano

**Eu vi(vi)
São Paulo**

**Registro no EDA 353407, em 16/09/2005
BIBLIOTECA NACIONAL**

Eu vi (vi) São Paulo

Mero exercício de memória... ...histórias narrando a história.

O que vou lhes contar, depois de viver mais de setenta e cinco anos, talvez acrescente pouco às suas vidas. Os mais velhos poderão, quando muito, recordar. Mas como há relatos curiosos de um tempo que passou e registra a evolução da sociedade, creio que possa interessar aos mais jovens que não imaginam como eram certas coisas do passado, sem o celular, a informática, a TV, o acúmulo de automóveis que entopem as ruas, produzem celulite e fabricam varizes. Sem falar que também respondem pelos abdomens crescidos, que procuramos destruir nas malhações, e pelos enfartos, filhos da angústia, da ansiedade, mas também do sedentarismo. Com esse conhecimento talvez passem a respeitar mais as suas vidas e se animem a mudar algo em suas rotinas e objetivos.

O roteiro é a história do menino pobre que chegou a remediado. Foi de proletário a visionário, sem chegar a milionário. Embora lhe sobrasse garra e discernimento, faltaram-lhe ganância, avareza e cinismo, que foram abafados pela solidariedade e respeito aos parceiros de jornada. Não ficou rico, mas viveu de consciência tranquila, fartura que muitos gostariam de possuir.

Ao mencionar datas, endereços, telefones e outros dados desnecessários para a compreensão da história, enaltece o milagre da memória e as sutilezas da retina que conseguem guardar, como um filme perene, os detalhes e as imagens de cada trecho percorrido, da cada olhar lançado, de cada fato vivido! O milagre da Criação.

Certos fatos da vida pessoal e sentimental foram ig-

Octávio Caúmo Serrano

norados em troca de outros que marcaram a vida de diferentes pessoas ou que, ao ser mencionados, provocam surpresa nos que aportaram no mundo nestes tempos mais modernos e de mais tecnologia.

A história, e talvez seja essa a sua maior mensagem, comprova que todos podem ser felizes se lutarem e agirem de modo a merecer a confiança de Deus e dos homens. Quem nasce em berço simples não está condenado a ser miserável. A estrada é plena de oportunidades, mas contempla, com prioridade aquele que em vez de queixar-se luta e tem fé. Uma comprovação do que já disse o poeta e cancionista paraibano: “esperar não é saber; quem sabe faz a hora, não espera acontecer”.

Peço desculpas aos parentes, amigos ou inimigos que não foram mencionados e que fizeram parte de momentos desta história, bons ou maus. Além do que digo no próprio título, que se trata de um exercício de memória, relatar os pormenores transformaria este desprezioso apinhado em antologia genealógica, o que está bem longe da nossa intenção.

Espero que gostem das mais de sete décadas da minha vida, que correram paralelas à vida da minha cidade, que vi e vivi, apesar de formarem uma história absolutamente comum.

O autor

Eu vi (vi) São Paulo

1934 - 1940

O tempo do desembarque.

Cheguei logo depois da revolução constitucionalista de 1932.

No mês que nasci, a Viação Aérea São Paulo-VASP-fundada em 4/11/1933 numa sala na Rua São Bento, Centro, com dois bimotores, estava comprando o seu terceiro avião; um inglês para dez passageiros.

Entrei no mundo pela capital de São Paulo, esta megalópole que em 1895 – apenas 115 anos passados -, tinha somente 130 mil habitantes dos quais 71 mil eram estrangeiros.

O nome que me deram é Octávio Caúmo Serrano. Pelas leis brasileiras, deveria ser Octávio Serrano Caúmo, porque no Brasil o nome do pai, Caúmo, vem no fim. Mas como nas leis espanhola e italiana, das quais descendo, o pai vem primeiro, e muitos nem mencionam o nome da mãe, meu nome está invertido. Mas isso em nada mudou a minha vida. Não creio na cabala ou em qualquer outra simbologia ou superstição. Acredito mesmo é no amor e no trabalho.

Entrei pelo bairro do Bexiga, a Bela Vista, na Rua Itapeva, 81, uma travessa da avenida Paulista, a soberba via do espigão, aberta em 1891. Uma rua simples que começava a ganhar status, porque ali moravam os barões do café e os senhores de importantes empresas nascentes. Na casa morava a tia Leonor, irmã do meu pai.

Um ano depois da abertura da Av. Paulista, em 1892, outro cartão postal nascia na minha cidade: o Viaduto do Chá, construído sobre o córrego do Anhangabaú, que ain-

Octávio Caúmo Serrano

da hoje segue o seu caminho perene, sepultado sob o asfalto do vale famoso e de tantos acontecimentos nacionais importantes. As plantações de chá deram lugar ao movimentado corredor, bem no coração da cidade.

Meu nascimento deu-se há algum tempo. Era 1934, e o mês novembro; para quem gosta, o signo é Escorpião. Nasci a 13, mas o pai registrou como 21; só teve dinheiro para o documento nessa data, porque cabia multa pelo atraso e ele não podia pagar.

A Rua Itapeva fica próxima ao MASP, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand fundado, em sua primeira versão, em 2 de outubro de 1947. Ali em 1951, Francisco Matarazzo Sobrinho, o Ciccilo Matarazzo, inaugurava a primeira Bienal de São Paulo. Faz parte do parque Tenente Siqueira Campos, o Trianon, mais antigo, construído entre 1911 e 1918.

O MASP daquele tempo foi reformado e hoje é um marco também da engenharia civil. Graças ao Dr. José Carlos de Figueiredo Ferraz, engenheiro que mais tarde foi prefeito de São Paulo, o museu tem um vão livre de 74 metros apoiado sobre quatro colunas, o que extasia os visitantes. Usou o sistema de protensão, que consiste em dotar o concreto de tensões prévias. A obra demorou de 1956 a 1968, e foi inaugurada pela Rainha Elizabeth II, da Inglaterra.

Minha mãe tivera um filho antes de mim. O Antonio, nascido em 1 de novembro de 1933 numa maternidade, que viria a falecer com 20 dias de vida. Como ela nunca o viu nem o enterrou sempre acreditou que a enganaram e ele fora dado a alguém que buscava crianças para adoção, algo comum naquele tempo, mais do que hoje.

Eu vi (vi) São Paulo

Minha mãe sonhava sempre com essa cena. Por isso, quando chegou a minha vez ela ficou longe das maternidades e eu nasci em casa mesmo; com parto de parteira.

Meu pai nasceu em Ribeirão Bonito, interior de São Paulo, em trinta de outubro de 1903, mas foi registrado em três de novembro. Era filho dos imigrantes italianos trentinos (norte da Itália), Josepha Marigo e Giusepe Caúmo, que tiveram dezoito filhos (nove mulheres e nove homens).

Em dezenove de setembro de 1906 nasceu minha mãe que se chamava Antonia Serrano e era filha da portuguesa de Vila Real, Trás-os-Montes, Joana da Silva Serrano e do espanhol José Serrano que tiveram nove filhos, (sete mulheres e dois homens). Meus avós pertenciam todos à leva de europeus que desembarcou no Brasil no final do século XIX para trabalhar na lavoura.

Meus pais se casaram em doze de novembro de 1932, o ano da revolução constitucionalista. O casamento durou vinte e cinco anos, até a morte dele, e tiveram, depois de mim, mais um filho, o Oswaldo, quase sete anos mais moço, já falecido em 1999.

O avô materno era marceneiro, uma característica do artesão espanhol. Trabalhava na Serraria Domingos Regalmutto, na Rua Domingos de Moraes, próximo à Igreja de Nossa Senhora da Saúde, na Vila Mariana, onde meus pais se casaram e eu fui batizado. Havia sido antes capataz de fazenda de algodão em Botucatu e outras cidades. Viveu algum tempo na Argentina, mas não conheço detalhes desse período. O avô paterno, depois de trabalhar nas fazendas de café, mais tarde mudou-se para a Capital onde era amolador de facas e tesouras, com seu carrinho pelas ruas de São Paulo, algo comum na época. Meu pai trabalhou um tempo com ele.

Octávio Caúmo Serrano

Depois de sair de Ribeirão Bonito, ele ainda trabalhou em São Carlos-SP, uma cidade próxima de sua terra natal, na Fiação de Tecidos São Carlos. Destacou-se como operador de tear e foi convidado a chefiar uma turma. Analfabeto, não pode aceitar o trabalho. Por vergonha, demitiu-se, comprou uma colher, um prumo e uma desempenadeira e foi tentar a vida como pedreiro. Foi o que fez até morrer, como competente profissional.

Aos meus quatro anos, lembro-me que moramos num canteiro de obra na Rua Clélia, no bairro da Lapa -1938 - onde conhecemos o mestre, Sr José Placentar e sua esposa Maria, húngaros, que moravam em Mirandópolis, um bairro que despontava próximo à primeira sessão do bonde e que na década de 1950 passou a ser a Praça da Árvore; entre a Vila Mariana e o Jabaquara. Inaugurada pelo então prefeito Jânio da Silva Quadros. A rua principal do bairro era a Caramuru.

Nesse ano morreu minha avó materna, Josepha, na rua Vergueiro esquina com a rua Machado de Assis, no bairro da Vila Mariana. Era uma vila com entrada pelas duas ruas. Lembro-me dela no caixão, com um chinelo de lã marrom. Eu era muito pequeno, apenas quatro anos, e lembro que meu pai me pegou no colo para mostrar minha avó. Eu, evidentemente, não entendia o que estava acontecendo.

Eu vi (vi) São Paulo

1941 - 1950

Infância e adolescência

Quanto eu estava com pouco mais de cinco anos, fomos morar na Rua Oscar Freire, 1753, telefone 8-1586, Pinheiros, a duas quadras de onde está hoje o Hospital das Clínicas, que não existia na época. A casa era da dona Anita e do seu Inácio Rúbio, pais do Sr. Luiz Ballesteros diretor do Banco Mercantil de São Paulo S/A, casado com dona Mabel, pais da Anitinha, Mercedes e Luizinho que moravam na mesma casa.

Era uma propriedade com uns 2 a 2.500 m². de terreno, entre as avenidas Rebouças e Teodoro Sampaio. No fundo havia gramados, galinheiros e até um campo de pelota basca ou frontão. Nada de edifícios naquele tempo.

Com eles, enquanto o pai ficava trabalhando em São Paulo, minha mãe e eu íamos para a praia de São Vicente, litoral paulista, um local descoberto por Gaspar Lemos, chefe de uma expedição portuguesa que veio ao Brasil em 1502 e deu esse nome ao lugarejo. Mais tarde em 22/1/1532, Martin Afonso de Souza, que foi mandado pela coroa para constituir a primeira Vila do Brasil, confirmou o nome de São Vicente dado por Gaspar Lemos.

Nesse local, agora um município agradável, separado de Santos pela Avenida Pinheiro Machado, o canal 1, ficávamos na Rua Rangel Pestana, próximo à linha do trem, à pedreira e à biquinha, onde íamos buscar água fresca e de boa qualidade, vinda de mina do alto da montanha, que continua jorrando até hoje numa praça toda urbanizada com venda de doces caseiros. A casa era no segundo quarteirão da praia e foi batizada como Vila Anita.

Octávio Caúmo Serrano

A baixada santista - na verdade, baixada paulista - continua sendo o paraíso do lazer dos paulistanos e dos que vivem em muitas outras cidades do interior.

Como curiosidade, peço licença para um parêntesis e contar a odisséia da viagem entre São Paulo e Santos.

Só havia a Estrada Velha, também conhecida por Caminho do Mar, a SP 148. Não existia a Rodovia Anchieta, SP-150, construída pelo governador Adhemar de Barros, (o mesmo que ganhava eleições por ser também o construtor da Via Anhanguera, que liga S.Paulo a Campinas, com 90 quilômetros de extensão, e do Hospital das Clínicas). Também não havia a Rodovia dos Imigrantes, SP-160, inaugurada só em 1976, pista ascendente, pelo Secretário dos Transportes Paulo Salim Maluf. A pista descendente foi projetada em 1986 e terminada só recentemente; em 17 de dezembro de 2002.

O carro que nos levava era um lustroso e impecável FORD 29, preto, com bancos de couro, que saía do bairro de Pinheiros, passando pelas cidades do ABC, que não tinham nenhuma expressão, até chegar à cidade de Cubatão, no Alto da Serra. O motorista era o velho seu Inácio. Queria desfrutar ele mesmo o prazer de dirigir. Aliás, o carro era como um troféu na imensa garagem de onde só saía em situações especiais.

Os proprietários paravam os carros e levavam à fiscalização o título de posse do automóvel bem como o comprovante do licenciamento para uso do veículo e a carteira de motorista. Todos eram inspecionados. O certificado de propriedade se assemelhava a uma escritura imobiliária.

Liberado o veículo, sob aplausos e votos de boa viagem, começava a aventura numa descida acentuada, cheia

Eu vi (vi) São Paulo

de pontos perigosos (como a Curva da Morte) onde sempre havia acidentes. Descíamos cerca de 800 metros até o nível do mar, num trajeto de 20 quilômetros mais ou menos, o que feria os ouvidos pela diferença de pressão. Na volta, se o carro não estivesse bem regulado não subia.

Atualmente a viagem do alto da serra, passando pela casa onde Dom Pedro descansava em suas viagens a cavalo do litoral para a capital até a refinaria de Cubatão, não demora mais de dez minutos. Naquele tempo, gastava-se no mínimo quarenta a cinquenta, dependendo da coragem e habilidade do motorista.

Alguns dados curiosos sobre esse trajeto. Em 16 de abril de 1908, uma quinta-feira santa, Antonio Prado Júnior fez a viagem da Praça da Sé à Praça dos Andradas, no centro de Santos, exatos sessenta e seis quilômetros em trinta e seis horas, ou seja 2,7 km/h. Um rali! Em 1913 começaram a restaurar a estrada, porque ligava com o porto de Santos, o maior da América do Sul, inaugurado em 2 de fevereiro de 1892 que tem hoje mais de doze quilômetros de extensão.

A história do automóvel em S.Paulo é curiosa. Em 1900 o prefeito Antonio Prado fez as primeiras leis para o uso de carros e já cobrava uma taxa. Estava inaugurado o IPVA. Henrique Santos Dumont pediu isenção da taxa sob a alegação que as ruas estavam muito esburacadas. Perdeu a licença e a placa P-1, que foi dada a Francisco Matarazzo. Já existia vingança naquele tempo! E buraco!

Em 1903 havia em São Paulo 6 carros e era exigida a licença e o emplacamento. Em 1904 passou a ser obrigatório o exame para carteira de habilitação, sendo a primeira entregue a Menotti Falchi, da Fábrica de Chocola-

Octávio Caúmo Serrano

tes Falchi. Já havia, então, 83 carros. A velocidade normal era a de um homem andando e jamais podia ultrapassar 30 km/h!

Voltemos ao passeio e às nossas férias.

Ficávamos em São Vicente por uns três meses. Em março, voltávamos para São Paulo para começar novo ano.

Quando morava nessa casa em Pinheiros comecei a estudar. Entrei no primeiro ano do Grupo Escolar Godofredo Furtado. Minha mãe, apesar da pouca habilidade com as letras, havia me alfabetizado. Daí, no grupo não usei a cartilha e fui logo para o primeiro livro de leitura.

Eu já lia com certa fluência, mas infelizmente fiquei ali por pouco tempo. Tivemos que mudar porque minha mãe se desentendeu com Da. Anita, a sua patroa. Essa senhora tinha ciúmes do neto Luizinho e cometia certas injustiças. Minha mãe foi me defender e acabou se aborrecendo. Demitiu-se. Por suas crias, as mães viram bichos e as avós ficam irracionais. Um duelo sem perdedores ou vitoriosos no qual todos têm razão!

Morar em São Paulo era muito complicado. Havia mais inquilinos do que casas. O leitor verá que daqui para frente nós vivemos o problema repetidas vezes.

Corria o ano de 1941. O mundo em guerra e as dificuldades eram grandes, apesar de o Brasil estar tão distante dos campos de batalha.

Quando saímos de Pinheiros, fomos morar na casa dos avós maternos, na Rua José do Patrocínio, Vila Mariana, entre as ruas Machado de Assis e da União. Um só quarto, na frente da casa. Foi nessa época que ele ficou doente do estômago e fugiu do Hospital S.Paulo, onde o internaram, porque queriam operá-lo sem lhe mostrar a

Eu vi (vi) São Paulo

radiografia com a úlcera. Embora pedreiro e analfabeto, ele acreditava que podia ler uma radiografia!

Nesse ano de 1941, quando eu já ia fazer sete anos, no dia 12 de maio, veio ao mundo meu único irmão, Oswaldo, que, como já informei, faleceu em 1999.

A cozinha era no corredor, onde havia um fogão improvisado e uma mesa de madeira sobre dois caixotes. Nesse corredor eu vivia chutando bola de meia e quase sempre abria uma tampa no dedão do pé.

Um dia a mãe colocou remédio contra ratos, um pó azul, sobre a mesa cuja toalha era uma folha de jornal. Como me pareceu açúcar, experimentei e, por ser doce, dei uma vasta lambida na folha de jornal. Em seguida, começou a amargar e arder e sei que minha mãe entrou em pânico. Felizmente, não houve maiores problemas ou sequelas. Pelo menos que se possam perceber!...

Ainda morando na casa dos avós maternos, numa tarde de domingo, eu ouvia, pela Rádio Recorde de São Paulo, uma transmissão do jogo Palmeiras e São Paulo. O rádio era do tipo capelinha, da década 40/50, a válvula. Demorava-se a esquentar antes de falar. Pesava uns dez quilos e media 35 cm. de altura por 20 cm. de profundidade. Só pegava AM. Tinha três botões. Um para ligar e desligar, outro para mudar de estação e o outro para alterar o volume.

O rádio era o mais importante meio de comunicação da época. Em São Paulo havia desde 1940 o Grande Jornal Falado, na Tupi (de boa audiência como o Jornal Nacional da Rede Globo), com Maurício Loureiro Gama, José Carlos de Moraes (o Tico-Tico) e Carlos Spera. Um dos locutores do jornal era Homero Silva, que chegou a

Octávio Caúmo Serrano

ser deputado e foi um dos primeiros animadores de programa de auditório na PRF3TV - Tupi-Difusora.

A Rádio Bandeirantes, a São Paulo e a Excelsior, tinham também boa audiência com as novelas, que começaram no rádio em 1941, no Rio de Janeiro, com a novela “Em busca da felicidade”.

Um dos produtores mais expressivos era o Octávio Gabus Mendes, o pai do escritor Cassiano, e que tem outros famosos na família, como Tato e Caio Gabus Mendes, atores da Globo. Novelas famosas foram levadas ao ar pelo rádio: O Pimpinela Escarlata, O Direito de Nascer, O Conde de Monte Cristo. As pessoas de ouvido pregado no rádio se debulhavam em lágrimas, imaginando as cenas de amor e sofrimento. E os sonoplastas faziam viajar a nossa imaginação.

Entre os artistas famosos, os galãs da época, destacavam-se Odair Marzano e Walter Foster, o mesmo que deu o primeiro beijo nas novelas da TV, contracenando com Vida Alves.

A Rádio Record foi fundada em 1927, era conhecida como “PRB 9, a maior”, com estúdios no Centro, na Rua Quintino Bocaiúva, no primeiro andar de um sobrado, próximo à rua Direita. O locutor esportivo era o afamado Geraldo José de Almeida, o pai de Luiz Alfredo da Rede TV. Mais tarde, ele sofreria a concorrência de Edson Leite, da Rádio Bandeirantes e, no início dos anos 70, de Pedro Luiz Paoliello da Rádio Panamericana. Na Record se apresentavam Alvarenga e Ranchinho, com suas paródias políticas que quase sempre terminavam num camburão que os levava à delegacia de polícia; Tônico e Tinoco, Isaurinha Garcia, Raul Torres eram outros famosos da época.

Eu vi (vi) São Paulo

A Rádio Panamericana havia sido fundada em maio de 1944, na Rua São Bento, 279, no centro de São Paulo, para transmitir novelas, mas se transformaria na emissora dos esportes, atual Jovem Pan, já na Rua Riachuelo, 275, 13º andar, ao lado da Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Ali trabalhava também Wilson Fitipaldi, o pioneiro do automobilismo no Brasil, que acabou incentivando os filhos Wilsinho e Emerson, a se interessarem pelo esporte, tendo culminado com a conquista do campeonato mundial de fórmula 1, por Emerson Fitipaldi.

Voltemos ao jogo do Palmeiras e São Paulo.

Era 20 de setembro de 1942. Com incompletos oito anos de idade, eu não torcia por nenhum clube, porque nada entendia de futebol. O pai, embora houvesse jogado quando moço, também não mostrava preferência. Decidi que passaria a torcer pelo clube que ganhasse naquele dia. O Palmeiras, que alguns dias antes, 12 de setembro de 1942, havia trocado o nome de Palestra São Paulo, que já havia substituído o Palestra Itália, por implicações da guerra, ganhou por 3 a 1. O Palmeiras viria a ser campeão daquele ano eu me tornei seu ferrenho torcedor. Desculpem, mas torço pelo Palmeiras até contra a seleção brasileira. Virou paixão incontrolável!

No ano seguinte, em 1943, com menos de nove anos de idade, fui pela primeira vez assistir a um jogo no Pacaembú. São Paulo e Palmeiras empataram por zero a zero e o São Paulo foi o campeão. Vi jogar Leonidas da Silva, o homem borracha e inventor da bicicleta, falecido em 2003. O goleiro do Palmeiras era um dos melhores que o clube já teve: Oberdan Catani, da seleção brasileira.

Era um tempo em que se jogava por amor à camisa.

Octávio Caúmo Serrano

O jogador que fosse artilheiro numa partida ou o goleiro que impedisse que seu gol fosse vazado, ganhava como prêmio um par de sapatos da Casa dos 40 (Qua-qua-quarenta) ou um corte da falecida Casimiras Nobis (Nobis a marca fabril da melhor casimira do Brasil). Não havia os sintéticos as roupas de casimira eram chiques.

Minha avó era ranheta demais e acabamos mudando para a casa do tio Manoel, na casa vizinha. Para ela os netos só serviam para levar às freguesas a roupa que ela lavava. Todos os netos fugiam dela. Nunca fez um carinho em nenhum de nós. Meu avô, não. Era atencioso. Até quando ficou preso a uma cama com mal de Parkinson, por mais de vinte anos. De poucas letras, mas de muita sabedoria. Um espanhol do tipo “si hay gobierno, soy contra”. Afinal, fora capataz de fazenda.

A seguir, moramos depois por alguns meses na casa da Da. Maria e do seu Salvador, na Rua Guimarães Passos, 134, entre as Ruas Machado de Assis e Rua da União. Essa rua era a primeira paralela da José do Patrocínio, onde havia a casa dos avós.

Na casa de Da. Maria havia deliciosas jabuticabas. Seu Salvador tinha muito ciúme da árvore e não nos deixava nem tocar nela. Subir no pé era um sacrilégio.

Logo depois, mudamos para a Rua João do Prado, 85, na casa da Ana e do Antonio, meus primos. Ela era filha da tia Maria, a irmã mais velha da minha mãe. Ele era condutor (cobrador) de bonde camarão, aquele bonde vermelho, todo fechado. Em São Paulo eles faziam a linha para Santo Amaro, Avenida Angélica, Lapa, Perdizes, entre outras.

Nesse tempo, arranjei um lugar como auxiliar de um

Eu vi (vi) São Paulo

pintor de quadros a óleo. Aprendi a fabricar o branco, a tinta mais usada nas telas, com alvaiade, óleo de linhaça e secante, que eu amassava com uma espátula sobre uma pedra de mármore. Preparava também as telas, Tomava o tecido de algodão, esticava na moldura, tacheava e pintava com cal. Duas ou três de mãos.

O nome do pintor era Gino Bruno, casado com Da. Maria, pais da Marília e do Luizão. Íamos sempre ao Jardim da Aclimação, um belo parque em São Paulo, onde seu Gino pintava a natureza. Eu carregava o cavalete e a maleta com tintas e pinceis. Ele tentou me ensinar a desenhar, mas eu nunca levei jeito.

Eu tinha também como tarefa engraxar os seus sapatos de couro de crocodilo. O italiano tinha quase 1 metro e 90, pesava uns 100 quilos e era um cidadão elegante. Algumas noites por mês ele pintava na casa do Sr. Scarmagnan, fabricante de vermute e do vinagre Castelo. Pintava a família do industrial, já que seu Gino era também bom retratista. Hoje sei que ele foi muito famoso e participou da semana modernista de 1922. Faleceu em 1977 e suas obras ainda são vendidas para colecionadores.

Toda noite, no fim do expediente, eu tinha de ir até a Padaria Portuense, na Rua Topázio esquina com a Avenida Aclimação, comprar uma garrafa de vinho português SS (Souza Santos). Não havia vinho brasileiro bom naquele tempo. Muitas vezes eu saía antes que ele se lembrasse do vinho, porque era longe e escuro e eu nunca fui corajoso!... No dia seguinte, tomava bronca, mas eu dizia que havia esquecido. Ele nunca aceitaria os argumentos!

Quando chegava a época de Natal, sempre me lembro desse tempo duro. A mãe e o pai iam buscar cartões

Octávio Caúmo Serrano

(senhas) nas igrejas para receber doces e presentes. Muitas vezes vi meu pai me deixar num canto e tentar ganhar na força um carrinho ou um saquinho de balas.

Nossos Natais sempre foram magros. Mesmo quando eu já sabia que tudo era folclore, ganhava um Papai Noel de chocolate de uns 15 centímetros que o pai fazia questão de pôr no sapato, embaixo da cama. O triste é que a mãe e ele ficavam esperando meu irmão e eu encontrarmos o presente para ver a nossa cara de felicidade, que eu quase nunca fazia. Coitados. Devia ser um sofrimento! Só depois que se é pai sabe-se o que isso significa.

A mãe lavava e passava para fora. Além disso, nos fins de semana trabalhava na casa da Da. Rosa Bovary Hesse, parteira, casada com Sr. Edmundo. A mãe era cozinheira e arrumadeira. Era um sobrado no Largo Ana Rosa, onde está hoje a Estação Ana Rosa do metrô. Em baixo havia o Mercearia Madragoa. O telefone eu lembro bem, porque foi ali que aprendi a usá-lo, já que telefone era privilégio de poucos. Era uma honra, com aquela idade, saber telefonar. Era 7-3981. Diferente do mundo dos nossos dias quando todos levam um celular a tiracolo.

O estudo era no Grupo Escolar Marechal Floriano, na Rua Dona Júlia, 37, próximo à Estação dos Bondes da Vila Mariana, que já havia sido a cocheira dos bondes, quando eles eram puxados por burros. Foi no tempo em que professor era respeitado e sentia prazer em ensinar.

De vez em quando eu fazia uma visita à Da. Rosa, porque era meu caminho da escola para casa. Ela gostava de mim e sempre me dava uma maçã ou uma moeda de mil reis. Maçã era uma fruta que pobre nem pensava em comer. Só havia “manzanas argentinas”, importadas, em-

Eu vi (vi) São Paulo

brulhadas uma a uma. Da. Rosa as usava para enfeitar inclusive sua árvore de Natal.

Nessa época, 1941, meu pai estava doente e quase não trabalhava. A mãe sustentava a casa como doméstica e lavava roupa para fora. Para ajudar um pouco mais, eu catava algum esterco de cavalo para adubar plantas.

Um bom freguês era o seu Edmundo, o marido da Da. Rosa, pois embora morassem na parte alta de um sobrado tinham um belo jardim. Eu levava sacos de adubo de trinta quilos e ele pagava cinco mil reis por saco. Ajudou um pouco, naquele difícil momento.

Às vezes acontecia alguma coisa esquisita. Coisa de gente pobre; bem pobre, bom que se diga!

Fui levar e buscar roupa no Empório do Jaú, na esquina da Rua Gaspar Lourenço com Machado de Assis. Na hora de trazer a roupa suja a freguesa foi botando roupa, botando roupa e depois três pessoas puseram na minha cabeça. “Vai conseguir levar, menino?” “Claro!”, respondi com um tom de macheza, com os quase oito anos.

Saí cambaleando feito bêbado, com o pescoço torto, de lado, até que no meio do caminho (eram mais ou menos seis ou sete quarteirões compridos) a trouxa caiu. Nem sei quem me ajudou a pôr de novo na cabeça e também nem imagino como consegui chegar em casa. Minha mãe ficou brava, mas eu não ia deixar de levar a roupa para ela ganhar o dinheiro que a gente precisava!

Depois que deixei o emprego na casa do pintor Gino Bruno, o Mario, filho de Da. Maria e seu Salvador, me arranhou um emprego de ajudante de ourives, na Rua Machado de Assis, quase em frente ao Empório do Jaú.

Como o brasileiro é gozador e gosta de gaiatice, logo

Octávio Caúmo Serrano

no primeiro dia me mandaram derreter uma bala de revólver com um maçarico bombeado a fole de pé, num cadinho de porcelana para derreter ouro. Ingenuamente comecei o serviço até que um dos funcionários, com pena de mim, interrompeu meu trabalho e repreendeu os outros pela maldade que faziam com uma criança.

Firmei-me no emprego e, trabalhando sério, aprendi a fundir ouro, polir anéis, alianças, broches, brincos, alargar peças e outras coisas relacionadas com a profissão. Foram poucos meses, mas eu gostava. Por isso é que hoje eu entendo de tudo um pouco.

Meu pai continuava doente. dores eram insuportáveis e nada do que comia ficava no estômago. Nem água.

Diante das terríveis dores de meu pai, provocadas pela úlcera, tia Leonor, a sua irmã, aquela da casa onde eu nasci, se ofereceu para levá-lo a um certo senhor na Avenida Rebouças, próximo ao Hospital das Clínicas, para fazer uma consulta. Na hora da dor vale tudo. Esse homem que não conheci chamava-se Waldomiro.

Conforme relatado pelo meu pai, ele o olhou e disse: “Sente-se. Você tem fé, meu filho?”

“Tenho muita,” respondeu meu pai.

“Pois você vai se curar; aguarde uns instantes.” Atendeu outras pessoas e depois lhe deu um chá para tomar ali mesmo.

“Quando devo voltar?”, o pai perguntou.

“Não precisa voltar, você já está curado.”

Uma semana depois meu pai voltou a trabalhar com toda a energia, não teve mais dores e durante mais de quinze anos comeu e bebeu de tudo.

Faço aqui um parêntesis para dar sequência ao epi-

Eu vi (vi) São Paulo

sódio:

Infelizmente, depois desse tempo em que a doença ficou hibernando, meu pai teve uma crise de úlcera supurada, com grande hemorragia. Chamei o SAMDU (Serviço de Assistência Médica Domiciliar e Urgente) e o levamos para o Hospital São Luiz, Avenida Santo Amaro, onde seria atendido pelo IAPI, o Instituto dos Industriários. Depois de entrar em choque pela demora, porque a assistente social não autorizava a internação sem a guia do instituto, foi finalmente socorrido e passou ali uma semana, quando teve alta.

Voltou para a casa para se recuperar e preparar-se durante trinta dias para a cirurgia na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, na Rua Cesário Mota Júnior, na Vila Buarque. Na véspera de sua internação ouvi quando ele disse à minha mãe, sentado na soleira da porta da cozinha: “Agora eu aceito essa operação tranquilo. Teus filhos estão crescidos e encaminhados. Hoje já posso morrer. Naquela época em que fugi do hospital eu não podia. Vocês precisavam de mim.”

Foi operado numa segunda-feira e faleceu no domingo seguinte. Disseram que ele foi vítima de transfusão de sangue de tipo errado. Isso não importa. O fato é que ele deixou o mundo um mês antes de completar cinquenta e quatro anos de idade, mas depois de realizar a importante tarefa de educar os filhos e dar à sua família uma casa própria. Pouca gente imagina a façanha que isso representava naquele tempo.

Fecho aqui o parêntesis da odisséia do meu pai, para voltar ao tempo em que ele havia melhorado pela assistência do senhor Waldomiro.

Octávio Caúmo Serrano

Minha prima resolveu pedir o quarto e a cozinha onde morávamos. Havia melhorado de vida e queria acomodar-se melhor.

Meus pais passaram a procurar onde morar, todas as tardes. Era na base da informação boca a boca. Praticamente não havia imobiliárias nem classificados nos jornais. Mas era muito difícil. A grande guerra grassava no mundo todo.

Por mais que procurassem uma casa, e a prima sabia da dificuldade, não encontravam. Isso criou grande animosidade entre ela e nós. Afinal, dividíamos o quintal e praticamente a casa.

Sem encontrar onde morar, após muitas retaliações da nossa prima, acabamos convidados por outros parentes que se condoeram da nossa situação para morar na casa deles. Não de favor, porque em todos os lugares que moramos sempre pagávamos o aluguel. Mas de toda forma, foi uma atenção deles.

Mudamos para Av Lins de Vasconcelos, 2623, no bairro da Vila Mariana, num quarto e cozinha bem no fundo. Era a casa da Tia Maria (irmã do meu pai) e do Tio João Trevisan.

Comecei a fazer o curso de admissão no Ginásio das Américas, na mesma Lins de Vasconcelos, à tarde, enquanto cursava o último ano do grupo escolar na parte da manhã. Tinha dez para onze anos. Era o ano de 45 e a guerra havia terminado no dia oito de maio, com a rendição das forças aliadas, embora os japoneses houvessem resistido até os episódios de Hiroshima e Nagasaki, em agosto do mesmo ano.

Lembro quando um dirigível, conhecido por Zeppe-

Eu vi (vi) São Paulo

lin, devido ao seu inventor, Ferdinand Adolf August Von Zeppelin, o conde falecido em 1917 e que fez o primeiro vôo em 1900, passou por cima da nossa casa.

Uma emoção e uma novidade, aquele enorme balão com uma cesta pendurada, cheia de gente.

Como o Zeppelin atualmente só é usado para propaganda, penso que seriam interessantes alguns dados sobre essa máquina.

Uma década depois da sua criação, ou seja, em 1910, o dirigível começou a operar no transporte de passageiros e operações militares e foi usado em larga escala na primeira grande guerra mundial de 1914 a 1918. Havia uma frota de mais de cem desses balões.

O mais famoso foi o Hindenburg construído em 1936. Confirmam os dados dessa aeronave:

Comprimento de 245 metros e diâmetro de 41 metros (praticamente a altura de um prédio de quinze andares). Carregava 235 toneladas e levava 50 passageiros e 60 tripulantes, mais a bagagem, a carga do correio e com combustível para os motores. Inacreditável!

Voltemos às nossas histórias: minha e da cidade!

Uma das cenas comuns na São Paulo dessa época eram os caminhões da Companhia Cervejaria Antártica entregando barras de gelo. Pouquíssimas pessoas tinham geladeira a querosene ou elétrica (importada) e a Antártica, além da cerveja, do chope, do guaraná, da água tônica e da soda limonada, mais conhecida como gasosa, tinha como um dos seus negócios a fabricação de gelo que distribuía pelas casas e bares de São Paulo. Caminhões com carrocera aberta, com barras de 5 a 6 metros que eram carregadas por dois ou três homens.

Octávio Caúmo Serrano

No Rio de Janeiro o monopólio era da Brahma, inclusive nos estádios de futebol. Em São Paulo, a Antártica era absoluta. Só existiam as duas. E quem tentasse fabricar eles compravam e sumiam com a marca.

Moramos na casa do tio João algum tempo quando o engenheiro Biccí Piscioti, para quem meu pai trabalhava, cedeu um terreno numa vila da Rua Pelotas, na altura do número 550, no bairro do Paraíso, que desembocava na Rua Caravelas. Iríamos economizar o aluguel.

Ali o pai construiu um barracão de uma só água, 5x3 metros, e um puxado que servia de cozinha, de 3x1,5. O engenheiro ofereceu também o material enquanto o pai e nós entramos com a mão de obra.

Um fogão a lenha e comida feita com banha. O banheiro era nos fundos. Uma fossa entijolada, com tábuas em cima, três paredes de um metro e meio de altura, sem telhado e sem porta.

Tivemos ali tempos felizes, apesar da miserabilidade em que vivíamos. Entre os poucos passeios dessa época, um era ir à Associação Atlética Parques e Jardins, da Prefeitura de São Paulo, ao lado do Detran no Ibirapuera, assistir aos treinos da Associação Portuguesa de Desportos. Era um dos grandes, embora nem campo tivesse, porque nesse tempo o Santos F.C. não tinha expressão. Palmeiras, Corinthians, São Paulo e Portuguesa formavam a seleção paulista.

Na inauguração do Estádio Estadual do Maracanã, no Rio de Janeiro, em 1950, os paulistas ganharam dos cariocas por 3 a 1 e a base da seleção foi a Portuguesa de Desportos. No tempo de craques como Caxambu, Renato, Julio Botelho, Nininho, os irmãos Pinga I e II, Simão,

Eu vi (vi) São Paulo

Brandãozinho, Djalma Santos. Nesse tempo, o Canindé era o campo de treinamento do São Paulo, onde eu ia às vezes quando passei a trabalhar na cidade como boy. O Canindé foi vendido à Portuguesa depois que o São Paulo construiu o Morumbi. Muito tempo se passou até que a lusa construísse o Estádio do Canindé, na Marginal do Rio Tietê, onde manda atualmente os seus jogos.

Nessa época de após guerra, havia racionamento de tudo: sabão, leite, carne, açúcar, pão...

Meu pai trabalhava das sete da manhã às cinco da tarde, jantava e dormia um pouco. Levantava às dez da noite para entrar na fila do pão. Ficava ali toda a noite, mas às cinco e meia da manhã ele tinha de ir para o trabalho e eu ficava no lugar dele e esperava a padaria abrir às sete mais ou menos, para comprar pão com um talão de racionamento. Eram duzentos e cinquenta gramas por pessoa, dia sim dia não. Os últimos da fila nem sempre eram atendidos. O pão acabava. A farinha era racionada e as padarias tinham cota.

Minha cidade não parava de crescer. Migrantes vinham de todas as partes do Brasil e imigrantes de todas as nações do mundo. E a cidade solidária acolhia a todos. É a mais nordestina de todas as cidades brasileiras. É a maior cidade japonesa fora do Japão. É a segunda cidade portuguesa do planeta, depois de Lisboa. Tem mais empresas alemãs que qualquer cidade daquele país. São também expressivos os números que envolvem italianos, árabes, judeus e outras descendências.

Posteriormente, consegui emprego nessa padaria, que era na Rua Caravelas, em frente à Estamparia Caravelas. O patrão era o Sr. Carmelo Creazzo, um italiano simpáti-

Octávio Caúmo Serrano

co e bastante humano. Eu ia para a padaria de madrugada e lá pelas três horas tomava café com leite e pão quente, saído do forno. Um banquete para os famintos. Carregávamos o carro e íamos fazer as entregas, pela Paulista e Jardins. Às oito horas voltávamos; eu dormia um pouco e depois do almoço ia para a escola.

Com meus onze anos, havia ingressado no Ginásio do Ateneu Brasil, na Rua Domingos de Moraes, esquina com a Rua Estela, na Vila Mariana. A escola era particular porque colégio do estado era mosca branca. A mensalidade era de cento e sessenta reais, mas o diretor, Dr. José Vicente de Barros Filho, me deu um desconto de quarenta por cento e eu pagava só noventa e seis. O pai achava caro, mas a mãe havia decidido que eu continuaria o estudo, mesmo com sacrifícios.

Eu havia pedido para estudar à tarde, porque, com as economias do aluguel, meus pais resolveram comprar um terreno e decidiram construir. Era na Vila Maria, bem distante da escola, e logo nos mudaríamos. Nesse colégio os meninos estudavam de manhã e as meninas à tarde. Só fez exceção para quatro mancebos: Lincoln Marques Ribeiro, José Groissmann, Milton Fonseca Bueno e eu.

Na nossa sala havia mais de trinta meninas, de classe média. Entre elas estavam a Matilde Jofre, parente do campeão de boxe Eder Jofre (penso que irmã) e a Adieme Penachi (a comediante Lílian Fernandes, esposa do comediante Colé).

Certa tarde havia um alvoroço no pátio das meninas. Havia estacionado na frente da escola um caminhão que estava fazendo campanha para difundir uma bebida nova, pouco conhecida e pouco consumida: a Coca-Cola. Só se

Eu vi (vi) São Paulo

tomava guaraná, água tônica e soda limonada.

Entrou com um freezer vermelho no pátio e podíamos beber o quanto aguentássemos. A garrafa era pequena, do tamanho do guaraná caçula da Antártica, com duzentos e trinta e sete mililitros. Eu tomei umas dez, mas fiquei longe dos recordistas do dia. Houve quem passasse das vinte e cinco. Como tudo na vida, até a Coca-Cola, tão consumida em todo o mundo, teve começo difícil.

Criada em 1886 por John Pemberton, em Atlanta-USA, começou a ser fábrica no Brasil só em 1941. Foi em Recife, Pernambuco, pela Fábrica de Água Mineral Santa Clara. Em 1942 começou a fábrica do Rio de Janeiro e logo depois passou a ser produzida em São Paulo, pela Spal-Indústria Brasileira de Bebidas S/A.

Convencer as pessoas a tomar esse refrigerante foi complicado devido ao gosto estranho quando comparados às gasosas habituais e à recomendação que devia ser tomada gelada. Como já vimos, poucas casas tinham geladeiras e não era costume tomar refrigerante gelado. Daí a campanha maciça pelas ruas, escolas, clubes, etc. O slogan de lançamento era “a pausa que refresca”.

Mas, voltemos ao terreno.

Por insistência da mãe, o pai havia comprado o tal lote de 10x30 no alto da Vila Maria. O bonde saía da praça Clóvis Bevilácqua (hoje unificada com a praça da Sé) descia pela avenida Rangel Pestana, avenida Celso Garcia, rua Catumbi, até o largo da Vila Maria, o reduto do velho político Jânio Quadros.

Ficava longe. Depois do ponto final, caminhávamos quarenta minutos, morro acima para chegar ao local. O pai começou logo a construir a casa. Durante mais de seis

Octávio Caúmo Serrano

meses, nosso final de semana era ir aos sábados para a obra, comer pão, mortadela, tomar leite e voltar no fim da tarde. Aos domingos o passeio era repetido. Loucura!

No dia da mudança o pai recomendou que eu saísse do colégio e fosse direto para a casa nova. Uma casa sem rebocar, sem piso e sem forro. Apenas paredes e telhado. Mas havia dentro algum material para dar início ao acabamento. Que pessoal corajoso. Tinham uma fé que os fazia enfrentar qualquer problema!

Chovia muito. Tomei o bonde na porta da escola até a Praça da Sé e depois outro, o Vila Maria, na Praça Clovis Bevilacqua. Quando cheguei no ponto final o Rio Tietê havia alagado tudo até o largo da Vila Maria. Mesmo assim lá fui eu na maratona em direção à sonhada casa nova. Eram lá pelas quatro horas da tarde, porque eu havia pedido dispensa mais cedo na escola.

Ao chegar, meus pais não estavam. Fiquei na vizinha, mas foi ficando tarde e eles não chegavam. Entrei em pânico, porque jamais havia dormido fora de casa. Mesmo contra a vontade da senhora que me acolhera dei meia volta e fui embora.

Já no coletivo, passa um caminhão e o pai me chama. Desci do bonde andando, no lado da contramão, caíram cadernos na água, mas cheguei à cabine. Motorista, ajudante (irmão do motorista) o pai, a mãe, meu irmão menor e agora eu, nos aboletávamos naquele cubículo.

Todo mundo de mau humor porque desde as nove horas da manhã procuravam um encerado para cobrir a carga. Duas camas, uma cômoda, dois criadomudos, um guardaroupa e um fogão. Pronto. Era toda a mudança.

Rangendo, lá foi o caminhão GMC subindo o morro

Eu vi (vi) São Paulo

rumo ao Alto da Vila Maria. Lá em cima, seguimos pela Avenida Cinco. Nem sei que rua é hoje...

A noite já descia. Próximo à casa, o pai deu a ordem: “Vira nessa próxima à direita.” Quando o veículo havia andado uns cem metros, o pai se dá conta do engano e pede para voltar. “Não é nessa rua. Eu me enganei. É na próxima.”

O motorista e o ajudante, irritados, logo descascaram: “Você nem sabe onde mora?!”

Ao dobrar na esquina seguinte, em ligeiro aclave, o caminhão andou 10 metros e a gasolina acabou. Aí é que todo mundo virou bicho. Não faltava acontecer mais nada. Era o que todos pensavam!

E a chuva caía...

O pai pediu calma porque tinha um amigo que morava perto e usava lampião à gasolina. No local não existia luz elétrica, a água era de poço e as ruas eram de terra.

A chuva apertava. Peguei uma cadeira, pus sobre a cabeça e levei até o terraço. A mãe que estava com meu irmão de quatro anos no colo, foi convidada pela vizinha a entrar e dar algo para as crianças comer. Eram quase oito da noite...

Enquanto o pai foi procurar gasolina, sentamos e comíamos quando escutamos um estrondo. A mãe correu e viu a casa destruída por um raio. Virou um monte de entulho! Tratou de procurar o pai para dar a notícia com cuidado, mas ele já estava chegando.

Pôs as mãos na cabeça e lamentou: “Que mal fiz eu a Deus?”

A mãe tomou os filhos e fazendo o caminho de vol-

Octávio Caúmo Serrano

ta saiu noite afora para tomar o bonde no Largo da Vila Maria, por onde ela havia passado, cheia de sonhos, poucas horas antes. Caminhava pelas ruas lamacentas debaixo de um pequeno guarda-chuva, quando passou um taxista:

-Ó dona, aonde vai com as crianças a essa hora da noite e com essa chuva? Sobe aqui.

-Não obrigada.

-Anda dona, a senhora não pode andar pelas ruas numa noite como essa.

-Obrigada, mas eu não tenho dinheiro.

-Eu não quero seu dinheiro. Quero ajudar a senhora.

-Mas nós estamos todos cheios de barro e vamos sujar o seu carro.

-Eu não me importo. Suba!

Finalmente a mãe aceitou e lá fomos nós de carro até o ponto final do bonde, graças a generosidade de um anônimo. No caminho a mãe contou-lhe o sucedido; ele a confortou: “Graças a Deus que nenhum de vocês estava na casa, dona.”

Fomos para a casa da Pina (a tia Josefa), irmã da minha mãe que nos acomodou e onde passamos o final da noite e tão logo amanheceu, preocupada, a mãe foi até o barracão onde morávamos e lá encontrou meu pai dormindo e a mudança de volta. Serenou, mas ficou meio brava porque haviam quebrado uma pedra do seu belo criadomudo.

Quando a vizinhança nos viu de volta foi uma festa. Comemoraram, o que suavizou a tristeza. A volta dos “favelados” era saudada!

Os vizinhos, de classe média, todos com a vida

Eu vi (vi) São Paulo

organizada e proprietários de seus sobrados. Da. Ceci, esposa do Dr. Lauro Amaral, veterinário da Laticínios Domínio e nos dava sobras de leite e manteiga. Eram os pais da Lila, do Lelo, do Sidney e da Zica. Lelo e Lila, pouco mais novos que eu, deixavam eu andar na bicicleta deles todas as noites depois do jantar.

A vila era praticamente privativa desses moradores. Da. Ruth, a libanesa, que nos oferecia sobras de comida árabe, como charutos, quibes, etc. Da. Luiza, esposa do seu Jorge, que me deixava pular o muro do fundo para tomar banho no banheiro da empregada. E não me deixava sair sem antes comer um pedaço de bolo. Da. Leonor e seu Jonas, pais do Paulo, que nos permitiam usar a torneira do jardim para pegar toda a água que precisássemos; inclusive para o banho da bacia que a família tomava no fim de semana. O portuguesa dona Sara cujo marido tinha padaria, nos fornecia pão. Embora amanhado, tínhamos pão à vontade.

Na vila, jogávamos bola. Iam lá os filhos de gente importante que morava na vizinhança; na rua Caravelas, rua José Antonio Coelho, etc. O deputado Samir Achoa e o irmão sempre participavam da pelada. Eles com seus 18 a 20 anos e eu com 11.

Aos domingos, à tarde, eu assistia a grandes partidas de futebol de várzea no campo do Olímpicos do Paraíso, no final da rua Estela, onde hoje, passa a avenida 23 de Maio que liga o Aeroporto ao Vale do Anhangabaú. O campo ficava há uns duzentos metros do viaduto da Rua Cubatão. Havia outro clube importante que tinha campo onde hoje é a Avenida 23 de maio: O Éden Liberdade, sob o viaduto da Rua Pedroso, próximo ao centro da cidade.

Octávio Caúmo Serrano

Além destes, na Rua Domingos de Morais, esquina com a 11 de junho, havia o Esporte Clube Domingos de Morais, no Bosque da Saúde a Portuguesa de Vila Mariana, o Esporte Clube Vila Mariana, o Estrela da Saúde, que chegou a disputar a série B do campeonato paulista, o Monte Alegre, o LPB, o Esporte Clube Vergueiro, o Clube Esportivo da Penha, o Esporte Clube Maria Zélia e muitos e outros que fizeram história.

Os amadores dos grandes clubes disputavam sempre jogos com esses times varzeanos. No time amador do Palmeiras dessa época vi jogar Gino Orlando e Dino Sani, craques que fizeram sucesso nos grandes de São Paulo e Dino inclusive na Itália. Era raro o jogador brasileiro ir para o exterior. Além das leis que restringiam o número de contratações, tinha de ser especial. Tempo bom, quando o esporte era amador e se jogava por amor à camisa.

Finalmente o pai resolveu, ou melhor dizendo, conseguiu vender o salvado dos escombros por sete mil e poucos cruzeiros. Ele acreditava que valia quinze mil, mas só conseguiu a metade.

O passo seguinte foi dar entrada num terreno na Vila Guarani, Jabaquara, próximo à atual Estação Conceição do Metrô, linha norte-sul. O pai não queria mais saber de casa, mas a mãe o encorajou: “quando compramos o terreno da Vila Maria nós não tínhamos quase nada. Agora temos sete mil cruzeiros. Vamos comprar o terreno, sim”.

Assim foi feito. Uma área de 176 m², com dimensões de 8x22. 100 prestações de Cr\$ 254,20, no total de 25.420,00 cruzeiros. Rua NN n° 17, Vila Guarani, travessa da Av. Diederichsen. Hoje a rua se chama Barra do Parateca e o número da casa é o 107. Uma travessa da Av.

Eu vi (vi) São Paulo

Diederichsen, à direita de quem desce pela Av. do Café, em direção à Rodovia dos Imigrantes.

Num fim de semana, um tio, um primo e nós levantamos nos fundos do terreno um quarto, cozinha e banheiro para onde nos mudamos imediatamente. Ai começou a odisséia da construção da nova casa na parte da frente do lote. Quarto, sala, cozinha, banheiro e um terraço.

Às tardes o pai vinha do trabalho e encontrava barro amassado para assentar tijolos. Depois de coberta, ele rebocava um pouco a cada noite, até às dez horas, porque precisava sair às quatro e meia da manhã para trabalhar. A mãe segurava o lampião a querosene alternando os braços para suportar o cansaço. Toda noite ela lhe pedia para parar o trabalho várias vezes antes que ele atendesse.

Cerca de ano e meio depois, com chão de terra mesmo e sem rebocar, mudamos para a casa da frente e alugamos o fundo. Infelizmente só tivemos inquilinos ruins de pagamento. Mas era melhor que nada. Afinal já éramos senhorios. Tínhamos casa para morar e até para alugar!

Depois de um tempo, quando um inquilino que fez a sua casa saiu, cedemos o local para a tia Leonor e suas filhas, a mesma que morava na rua Itapeva, onde eu nasci. Havia ficado viúva e a vida lhe fora algo malvada.

Eu trabalhava para ajudar os pais.

Antes de começar a trabalhar em escritório, tive alguns empregos. Um deles foi como entregador de leite, com o seu Joaquim, que morava na Rua Maracá, numa casa que meu pai construiu. Meu pai e o irmão dele, o Albino, que era um pouco mais velho, fizeram muitas casas na Vila Guarani. Recebiam o terreno, limpavam, cavavam o poço, construíam e davam a chave da casa pron-

Octávio Caúmo Serrano

ta. Eram pedreiros, carpinteiros, eletricitas, encanadores, azulejistas, taqueadores, pintores e o que mais aparecesse!...

Eu ia para a casa do Seu Joaquim às sete da noite e dormia lá com o outro entregador de leite: o Alberto (Bertico). Lá pelas dez e meia subíamos no carro e íamos para a Rua 25 de janeiro, próximo à Estação da Luz e Av. Tiradentes, onde havia o desfile de carnaval antes da construção do Sambódromo. Lá pegávamos leite na LECO. Esperávamos chegar a Jamanta de Souza, na região de Campinas-SP. Era um acontecimento porque parecia um vagão de trem, todo iluminado, com uma quantidade enorme de leite. O rei da rua! Enorme! Para a época, é claro.

Saíamos com as entregas no centro de São Paulo e lá pelas três da manhã íamos à Laticínios Domínio (depois Vigor) na Rua Dr. Almeida Lima, próximo à Estação do Norte onde desembarcavam os migrantes nordestinos. Ali carregávamos novamente para continuar as entregas.

Carro cheio, em frente à Estação, no Largo da Concórdia, tomávamos um belo café com leite e pão com manteiga. Depois de correr pelas ruas durante umas duas horas sem parar, era o refrigério da noite.

Seguíamos entregando, descendo por todo o bairro da Aclimação, Vila Mariana e terminando com alguns fregueses na Avenida Jabaquara, já próximo de casa.

Eu ganhava cinquenta cruzeiros por mês. Às vezes eu perdia o amor ao dinheiro e comprava um litro de leite para levar porque sempre fui meio bezerrão. A embalagem era de vidro e o português não perdoava: “Não esqueças de trazer o vasilhame logo mais, ó menino.”

No meu único fim de ano nesse emprego, uma das alegrias foi a do Natal. Levava o litro de leite cheio e reti-

Eu vi (vi) São Paulo

rava o frasco vazio. Nessa véspera de Natal havia na boca de muitos litros uma nota de um cruzeiro. Nesse mês dobrei o salário. Foi uma festa! Houve até um freguês que perguntou a medida da cabeça do meu pai e presenteou-o com um belo chapéu. Quase todos os homens usavam chapéu, indumentária que conferia elegância aos varões.

Nesse ano eu ainda estudava à tarde. Dormia, almoçava e ia para a escola depois do almoço.

Do alto dos meus treze anos, aprendi um vício que hoje detesto. Comecei a fumar, o que fiz até os quarenta e um anos de idade. Longos vinte e oito anos. Felizmente, no dia 7 de dezembro de 1975, à mesa do restaurante, de estalo, recusei a carteira de cigarros que o garçom me trouxe. Quando o Toninho viu o maço vazio sobre a mesa, fez o que fazia há anos: trouxe um novo. Da mesma e única marca que sempre fumei. Olhei-o e disse: “Pode levar o cigarro que eu não vou fumar mais.” Ele sorriu, colocou no seu bolso e o cancelou da conta. São quase trinta e cinco anos e nunca mais pus um cigarro na boca. Felizmente, pois tenho hoje, perto dos setenta e cinco anos, mais saúde e fôlego que naquele tempo.

Outro emprego que tive, porque as mudanças eram todas muito rápidas, foi no açougue com o tio Santo Caúmo, outro irmão do meu pai que era empregado do Seu Américo, na Av. Conselheiro Rodrigues Alves, quase esquina com a Rua Cubatão. A uma quadra do atual Metrô Ana Rosa. Nessa época, 1948, eu cursava o terceiro ano ginásial.

Ia para o açougue às 10 da noite, desmanchava os bois para separar as carnes. O açougue só abria terças, quintas e sábados. Aos sábados, recebia, além da carne

Octávio Caúmo Serrano

bovina, meio porco e um ou dois frangos, porque naquele tempo só gente rica comia frango com a macarronada do domingo. Havia até aquele ditado: “Pobre só come frango quando um dos dois está doente.” Toda mulher de resguardo tomava canja e doente em hospital só comia frango com purê. Geralmente três traseiros e dianteiros (meio boi), que era a cota do tendal, e mais dois ou três comprados no câmbio negro, congelados que antes de cortar tinham de ser amolecidos com fogo feito com a queima de jornal. Logo depois da meia noite o tio iniciava o corte das carnes e eu embalava as pesagens, para fazer as entregas que começavam às quatro da manhã.

Terminada essa tarefa, eu voltava para o açougue. Às seis e meia raspava o cepo e ia fazer a última entrega na parada Ipê, em direção ao bairro de Santo Amaro, logo depois do Instituto Biológico. O mesmo onde era biólogo o compositor de Ronda e Volta por Cima, Dr. Paulo Vanzolin.

Tomava o bonde para Santo Amaro, sentido oposto à escola, descia na parada Ipê e caminhava de dez a quinze minutos pelas ruas desertas do lugar. O silêncio era assustador! E era para levar apenas um ou dois quilos de carne!

Tomava o bonde de volta e descia em frente ao colégio, pouco antes da Rua Paraíso, onde entrava às oito. Sem banho, porque no açougue não havia chuveiro. As aulas de ginástica, duas vezes por semana, eu frequentava à tarde, porque não era possível chegar às sete da manhã. Tínhamos normalmente cinco aulas. Das oito às doze e quinze.

Quantas vezes em pleno meio dia eu dormia na classe e tomava bronca. Os exigentes professores cobravam e faziam pouco: “Ei menino, por que você não dorme de noite?” Mas eu tinha vergonha de dizer, no meio de tanta

Eu vi (vi) São Paulo

gente grãfina, que eu era açougueiro. E os meninos só podiam estudar de manhã. O colégio não fez mais exceção. Mas um dia alguém descobriu, ao me ver fazendo entregas de bicicleta, e aí não houve mais jeito. Tive de assumir a pobreza explícita.

Fui uma época quente na cidade de São Paulo. Greves de ônibus e bondes, quebra-quebra. A Light, a empresa inglesa que explorou a energia elétrica e os bondes em São Paulo, de 1909 a 1 de julho de 1947, teve de entregar a concessão dos transportes para a Cia. Municipal de Transportes Coletivos, a CMTC. Como primeiro ato após a estatização, o que não é novidade nos governos, aumentaram a passagem de 20 para 50 centavos. O povo tentou invadir a Prefeitura e ateou fogo nos coletivos. Tínhamos de ir trabalhar em caminhão pau de arara. Foi um tipo de transporte que teve seu tempo e resolveu muitos problemas.

Sempre que íamos para o açougue, lá pelas dez da noite, o tio me oferecia um pedaço de pizza na padaria Universo, esquina da Rua Domingos de Morais com a Avenida Conselheiro Rodrigues Alves. Certo dia eu resolvi fazer o belo gesto e o convidei para tomar um sorvete que chegava como novidade. Era o Chicabom, o primeiro sorvete da Kibon, que foi o único produto da empresa durante algum tempo. Logo depois veio o de caixinha, o Eskibom, e essa dupla reinou por muitos anos antes de virem os outros sabores. Um Chicabom custava um cruzeiro enquanto um bom picolé feito na sorveteria custava dez centavos! Quando fui pagar e vi o preço, quase caí de costas. Eu só tinha 3 cruzeiros para fazer uma porção de coisas. Inclusive condução. O ônibus custava 50 centavos. E gastei 2 cruzeiros com dois sorvetes! Nunca

Octávio Caúmo Serrano

mais convidei o tio para tomar sorvete! Mas até hoje sou fã do Chicabom e do Eskibom.

A Kibon, para os que não sabem, nasceu na China em 1930, criada por um americano, Ulysses Karkson. No Brasil, começou no Rio de Janeiro em 1942, com sorvetes vendidos em carrinhos de rua. A marca era Sorvex Kibon.

Logo depois em São Paulo, os sorvetes passaram a ser vendidos nas padarias, com freezer fornecido pela fábrica. O público demorou a aceitar o formato diferente dos picolés, porque os tradicionais sorvetes de palito, ou de pauzinho, eram todos redondos. De caixinha nem existia. A primeira fábrica da Kibon foi na Vila Prudente, na Rua Presidente Soares Brandão.

Nessa época, minha casa foi contemplada com um expressivo avanço tecnológico. Um equipamento doméstico que revolucionou as cozinhas: O fogão a gás.

Lá em casa, havia um a lenha e em volta havia um reservatório que sempre nos permitia ter água quente. Era o comum, embora algumas pessoas ricas tivessem fogão elétrico.

A fábrica de fogões Brasil, fabricante da marca Cosmopolita, começou a aceitar a inscrição de interessados em adquirir um fogão a gás. Meus pais se candidataram e depois de seis a oito meses, apareceu o caminhão com a peça tão esperada. Foi uma festa. Com o mesmo botijão utilizado nos dias atuais, com 13 quilos de gás engarrafado. A única distribuidora da época era a Ultragás, com entrega automática, semana sim outra não. Fornecia calendário para controle dos dias da entrega em cada bairro.

Na pequena cozinha, a geladeira de madeira, resfriada a gelo comprado, já havia sido substituída por uma

Eu vi (vi) São Paulo

elétrica quando conseguimos um bico de energia cedido por uma pessoa. Foi logo depois que mudamos para a casa da frente que os pais conseguiram com esse vizinho da Av. Diederichsen um ponto de luz que vinha por sobre as casas e terrenos de outras pessoas, a uma distância de uns trezentos metros. Com isso a mãe passava roupa, ouvíamos rádio e eu estudava com luz elétrica. Antes disso, eu lia com luz de lampião a querosene e acordava com o nariz preto por dentro, pela fuligem da fumaça.

Depois de viver algum tempo com essa abençoada energia elétrica improvisada, a rede chegou à porta de casa e passamos a ter medidor e tudo o mais.

A água era tirada do poço (uma cisterna de quinze metros de profundidade) com um sarilho que eu puxava para encher o tanque, antes de a mãe chegar do trabalho, para lavar nossa roupa. Com o ponto de energia, passou a ser elevada por uma bomba Rymer do tipo pistão. Custou Cr\$ 6.500,00 em dez prestações de Cr\$ 650,00.

Que felicidade! Já tínhamos energia e fogão a gás. A energia agora iluminava nossas noites, acabou com o ferro a carvão, fazia funcionar a geladeira e facilitou a retirada da água do poço. Ainda podíamos ouvir livremente o rádio sem eu ter de levar a bateria até o posto para recarregar. E além de tudo isso, meu nariz não se enchia de fumaça preta!

Antes desse ponto de luz, o rádio de casa funcionava a bateria de carro. Dava para ouvir aproximadamente três horas de programação. Quando descarregava, meu primeiro trabalho na manhã seguinte era pôr a bateria num carrinho de pedreiro e levar ao posto de gasolina, a mais ou menos dois quilômetros. À tarde, lá pelas quatro, eu ia

Octávio Caúmo Serrano

buscar para que à noite o pai pudesse ouvir seus programas preferidos. Nos intervalos das propagandas ele desligava para render mais.

Depois da energia elétrica, o gramofone, que era de corda, passou a ser um toca-disco elétrico. Nesse tempo os discos eram de acetato em 78rpm. Uma música de cada lado. E depois de ouvir um ou dois discos, era preciso trocar a agulha. Comprávamos caixas com 100 unidades.

Com o progresso, na condição de proprietários, passamos a ser contribuintes do Imposto Predial e Territorial Urbano. O lançamento pela Prefeitura Municipal de São Paulo era algo hilariante, se não fosse trágico.

O fiscal marcava o dia que visitaria determinada rua. Entrava na casa de cada um, sentava, tomava cafezinho, bolinho, batiam um papo e negociavam o valor a ser pago. Poderia ser mais alto do que o vizinho do lado, cuja casa era absolutamente igual, ou mais barato. Tudo dependia das “negociações”. E eram os papos compridos. Para lançar os impostos de vinte ou 30 casas da rua o fiscal passava a semana inteira em “negociações”.

Por falar em “negociações”, lembrei-me de um episódio ocorrido no Natal de 1948.

O almoço do dia 25 de dezembro na casa de pobre era uma festa. Macarronada com frango e uma bela salada de alface e tomate. Como extra, os pais compravam essência de anis e preparavam um garrafão de anisete. Ficava um licor bem gostoso.

Naquele Natal, meu pai decidiu que teríamos até sobremesa. Pegou-me pela mão e lá fomos nós tomar o ônibus 12 – Jabaquara – até a Praça da Sé. Daí, descemos pela Rua Boa Vista, Ladeira General Carneiro em direção

Eu vi (vi) São Paulo

ao belíssimo Mercado Central. Distante uns quinze quilômetros da nossa casa. Ele queria comprar uma melancia. Uma daquelas de cinquenta centímetros, bem vermelha e bem doce. Melancia não se encontrava em feira ou em qualquer quitanda. Como os tempos mudaram...

Colocou o pesado troféu no ombro e lá vínhamos de volta subindo a Ladeira General Carneiro. Quase na esquina da Boa Vista, um camelô vendia meias de náilon para senhoras.

O náilon ou nylon, havia sido aperfeiçoado pela firma americana Du Pont em 1937 e em 1939 quase todas as lojas americanas vendiam lingerie e meias de náilon, entre outros produtos. Com o ataque dos japoneses a Pearl Harbour, no Hawaii, em 1941, ano em que os Estados Unidos entraram na guerra unindo-se à Rússia, França e Inglaterra, toda a produção foi desviada para a fabricação de paraquedas.

A guerra, porém, não diminuiu o entusiasmo das consumidoras. Quando em 1946 uma loja de Filadélfia, USA, voltou a vender as meias, foi preciso o auxílio de cinquenta policiais para conter as ansiosas freguesas (que chegavam a se esbofetear!).

Na Europa do fim da guerra, as meias desembarcaram junto com os chicletes e chocolates dos soldados americanos; imediatamente as meias tornaram-se mercadoria valorizada no mercado negro para depois fazer parte obrigatória da moda, quando a minissaia valorizou ainda mais as pernas mais roliças.

Como a Du Pont não dava conta do mercado, surgiram outras fábricas em todo o mundo. A pirataria é mais antiga do que se pensa!

Octávio Caúmo Serrano

Pois o tal vendedor, na esquina da ladeira, vendia essa preciosidade, raríssima e só encontrada a preço bem alto em lojas chiques.

O pai parou e pediu para ver a meia. Olhou para mim, com um sorriso feliz e comentou:- É bonita. Sua mãe gostaria de ganhar uma de presente no Natal!

As mulheres que usavam apenas meias de algodão, opacas, sem dúvida gostariam de calçar uma peça como aquela para mostrar a beleza das formas.

-Quanto custa? Perguntou-lhe o pai.

O homem abriu o pacote feito em papel de embrulho cor-de-rosa e deu o preço.

-Dezoito cruzeiros.

O pai assustou-se. Era muito dinheiro.

O homem guardou o embrulho no bolso interno do paletó. Não quis conversa. Era todo camuflado porque devia ser contrabando.

O pai voltou a insistir.

-Dou doze cruzeiros...

O homem tirou o pacote novamente do bolso, abriu de novo, fez desfilar o belo par de meias e disse:

-Doze é pouco. Deixo por dezesseis.

O pai não aceitou e ele voltou a guardar o pacote. Conversa vai, conversa vem, e decidiram pelo preço de quatorze cruzeiros.

O pai pegou o embrulho e fomos para casa. Ele com a melancia pesada sobre o ombro não via a hora de chegar para apreciar a cara de felicidade da mulher dele.

Em casa, ele entrega o pacote à minha mãe e fica esperando que ela abra. Sorria orgulhoso, como quem entregava uma jóia preciosa numa comemoração de

Eu vi (vi) São Paulo

bodas de ouro.

A mãe abre o embrulho e lá estavam algumas tiras de velho e sujo pano branco.

-O que é isto, Octávio? a mãe lhe pergunta.

Vermelho de ódio, porque fora enganado, queria voltar ao centro da cidade para bater no vigarista.

Minha mãe, com prudência, sorrindo e brincando, o acalmou: -Está vendo. Você diz que é tão sabido e foi enganado. Não tem importância. Valeu a intenção.

-Mas era uma meia de náilon bonita que eu comprei para você.

Eu, na altura dos meus treze anos, senti na alma a dor causada pelo desapontamento que meu pai viveu naquele dia. No fim, almoçamos a macarronada, saboreamos a melancia e rimos muito, comentando sobre a habilidade das pessoas para enganar os outros.

O camelô usava dois embrulhos e os dois bolsos internos do paletó e os alternava sem que o freguês percebesse a malandragem. Prova que a gente olha e não vê!

Poucos tempo depois, as meias de náilon invadiram as lojas a preço acessível à maioria; até aos mais pobres.

Segue o tempo!...

Eu já havia completado quinze anos quando meu pai pediu para ajudá-lo na construção de uma casa. O irmão Albino já não estava com ele e meu pai precisava de mim como servente.

Era a casa do Sr. Arlindo Leite, um baiano de Ilhéus, que trabalhava como redator em línguas na firma Irmãos Carvalho Representações S/A, representante de importantes marcas estrangeiras.

Certo manhã, ao fiscalizar a obra, seu Arlindo cum-

Octávio Caúmo Serrano

primentou-nos em inglês: “Good morning, gentlemen” e eu lhe respondi: “Good morning, sir.” Surpreso com a resposta do menino operário, quis saber mais sobre mim e por eu já estar no ginásio acabou por me recomendar para um emprego como office-boy na firma de um amigo: Norte-Sul Importadora e Exportadora Ltda., do seu Paulino (bairano como ele) e do sócio, senhor Orlando Veneziani. Trabalhei com o pai na parte da manhã, tomei banho e lá fui eu para a entrevista, na Rua Anita Garibaldi, 93 – 8º andar sala 83. Próximo à Praça da Sé.

Na entrevista como candidato à vaga, a primeira pergunta: “Você conhece São Paulo?”

“Perfeitamente”, respondi, embora só soubesse ir do colégio para casa e de casa para o colégio. Não ia ao centro de São Paulo a não ser esporadicamente com meus pais para comprar alguma roupa. Quase sempre no Natal.

Ganhei o emprego. Comprei um grosso guia de ruas, meti-o na algibeira e tratei de começar a decorar os itinerários.

Quando cheguei em casa, meu pai estava bravo e reclamou do meu pouco caso deixando-o sozinho na obra, tendo de fazer o papel de servente e de pedreiro. Mas a raiva logo passou. Ele era o meu maior fã. Contava para todo mundo que o filho dele até falava inglês!...

A partir daí eu passei a trabalhar de paletó e gravata, com autorização do juiz porque não tinha ainda dezesseis anos para tirar a carteira de trabalho para menores. Foi em 2 de maio de 1950 que obtive a autorização no juizado de menores pois eu só completaria dezesseis anos em novembro, quando então tirei a carteira profissional de menor.

Eu que hoje sou careca até o pé da nuca, tinha uma

Eu vi (vi) São Paulo

vasta e negra cabeleira que cobria metade da testa. Tinha até um topete tipo Elvis Presley e Tony Curtis, que era armado com Gumex, que eu mesmo preparava.

O dinheiro não dava para comprar Glostora, o fixador da moda, pronto para uso. Era o tempo das Pilulas de Vida do Dr. Ross - pequeninas, mas resolvem -, para prisão de ventre, do Fosfato de Oxford, contra fadiga física e cansaço mental, sem falar do Biotônico Fontoura e da eficiente, mas horrorosa Emulsão de Scott, fortificante feito de óleo de fígado de bacalheu. O jingle do Fosfato de Oxford era feito com a música de Strauss, Danúbio Azul. O mesmo que compôs Vozes da Primavera e Contos dos Bosques de Viena, que nunca faltavam nos bailes de formatura. Bailes quase sempre com a orquestra de Orlando Ferri no Centro do Professorado Paulista, na avenida da Liberdade, ou no luxuoso Clube Homs, da avenida Paulista, próximo à Av. Brigadeiro Luiz Antonio, que liga o centro aos bairros dos jardins.

Para preparar o fixador de cabelo, eu comprava uma embalagem do pó de Gumex, punha num copo e o dissolvia em álcool. Depois que formasse o gel, besuntava o topete, minha mãe fazia um ondulação e lá ia eu parecendo um galo garnisé. Ao secar, ficava todo armado.

Para completar a elegância, nunca faltava o prendedor ou o alfinete na gravata. Dos que eu tinha, o que eu mais gostava era um de ouro com uma pérola. Nos finais de semana, a camisa não era de botão. Era de abotoaduras, que fazíamos questão de exibir. O colarinho e os punhos eram engomados, para melhor realce dos adereços.

Assim, todo enfeitado, cheguei a viajar para o Rio de Janeiro onde assisti a um jogo no Maracanã, entre cari-

Octávio Caúmo Serrano

ocas e paulistas. De trem, é claro, pela Central do Brasil, descendo na praça Mauá. Havia o campeonato brasileiro de seleções estaduais. Conheci lá um delicioso refrigerante que não existia em São Paulo: Grapete, que mais tarde sofreria a concorrência da Fanta Uva. Lembro-me do slogan: Quem bebe Grapete, repete.” Coisa de publicitário sem imaginação...

Depois de um empate por um a um, jogo que assisti em São Paulo e uma vitória na quarta-feira à noite por um a zero, os paulistas foram campeões com um empate por um a um no domingo à tarde, em pleno Maracanã. Naquele dia, deslumbrei-me com o centro avante carioca, do C.R. Vasco da Gama, o pernambucano Ademir Menezes, o queixada, autor do gol de empate. Foi um craque. Começou no Sport Clube do Recife e aos dezesseis anos já era titular da seleção pernambucana.

Voltei a São Paulo para seguir à velha lida.

Meu trabalho no escritório da Norte-Sul, logo ao chegar, era passar o pano nas quatro mesas e varrer a sala. Depois, ainda na parte da manhã, era ler o Boletim do Comércio, verificar o manifesto dos navios e anotar os que traziam mercadorias para os nossos clientes. Em seguida, fazer uma correspondência para oferecer nossos trabalhos como despachantes aduaneiros.

Diariamente, ia também à Empresa de Ônibus Pássaro Marron, ao lado do Corpo de Bombeiros na Praça Clóvis Beviláqua, levar o malote para Santos e pagar a remessa que o escritório da praia nos mandava. Fazia, também, serviços em bancos.

Ia muito a um banco novo, fundado no início dos anos 40 e que em 51 já era o maior banco privado do país.

Eu vi (vi) São Paulo

Chamava-se Banco Brasileiro de Descontos S.A e as suas instalações eram num andar rebaixado em relação às ruas que o delimitavam, Álvares Penteado e XV de Novembro.

Muitos anos depois, quando trabalhava em Diadema, eu conheci o seu presidente, Amador Aguiar, na Gráfica da Cidade de Deus, em Osasco. Um homem que havia sido tipógrafo em Sertãozinho-SP, depois aprendiz no Banco Noroeste do Estado de São Paulo e presidente do Banco em 1963.

Sem ser um homem formado, era extremamente bem informado. Todos os pacotes de impressos que o banco mandava para os clientes (os muitos outros bancos, inclusive) levavam mensagens de autoajuda, de moral e de fé. Ele promovia todo ano o Dia de Ação de Graças, quando reunia católicos, protestantes e espíritas. José Herculano Pires, o grande jornalista que escrevia páginas espíritas no Diário de São Paulo, sob o pseudônimo de Irmão Saulo, o pastor Manoel de Melo, protestante, e o cardeal de São Paulo sempre participavam desse educado encontro onde cada um falava da sua doutrina sem agredir ninguém. Era um encontro de fraternidade.

O Banco do Sr Amador Aguiar é o Bradesco dos nossos dias.

Na firma Norte-Sul, houve algo que me marcou. Nesse mesmo ano de 1950, no mês de julho, depois de doze anos de interrupção devido à guerra, realizava-se novamente uma Copa do Mundo. Exatamente no Brasil, onde se construiu o maior estádio do mundo, o Maracanã, para duzentas mil pessoas, hoje sucateado e só recebe autorização para a venda de setenta mil ingressos.

O Rio de Janeiro tinha o privilégio de tudo, inclusi-

Octávio Caúmo Serrano

ve porque era a Capital da República, a capital do dinheiro, do poder e do divertimento. Hoje, infelizmente, é a capital do desassossego. São Paulo era a capital do trabalho onde se ganhava o dinheiro que os paulistas trouxas gastavam no Rio.

Com muito sacrifício, São Paulo conseguiu ver um jogo da seleção brasileira. E o amadorismo já era tão patente desde aquele tempo, que a seleção brasileira “acariocada” foi “apaulistada” para agradar os torcedores locais. Tiraram diversos craques do futebol carioca para escalar jogadores paulistas, especialmente do São Paulo F.C., o campeão estadual de 1949.

Após estrear contra o México, no Rio, com um sonoro 4x0, empatamos com a fraca seleção suíça, em pleno Pacaembu, por 2 a 2.

No dia do jogo em São Paulo falou-se em eventual feriado o que acabou não acontecendo. A cidade estava agitada com o importante acontecimento.

Pedi ao seu Paulino, um sádico e mórbido patrão, para ir ao jogo e ele, categoricamente olhou para o menino de 15 anos, tirou uma baforada no cachimbo e respondeu: “Não!”.

E começou a envelopar documentos e registrá-los no livro de protocolo. O jogo era às três da tarde e eu ainda estava no escritório às dez da manhã vendo o seu Paulino fumando seu nojento cachimbo e escrever naquele livro maldito. Era assim que eu pensava naquela momento. Por dentro, o ódio me corroia. Misturavam-se lágrimas e veneno!

Às onze da manhã, com um sorriso malvado, entregou-me o livro recheado de cartas e disse. “Pode ir comer

Eu vi (vi) São Paulo

e depois do almoço comece a entregar. Como é muita coisa, o que não der para fazer hoje você termina amanhã.” Não o xinguei nem joguei o protocolo na cara dele porque eu precisava do emprego.

Desci e sentei-me a uma mesa na lanchonete que havia ao lado do prédio, esquina das ruas Anita Garibaldi e Tabatingüera, perto do Fórum.

De repente, deu-me cinco minutos e disse a mim mesmo: “Eu vou ao jogo”. Levantei-me, sem comer nada, e saí. Folheando o guia de ruas, entreguei a primeira carta bem perto dali, na Rua Alcântara Machado, em frente à Associação Paulista de Imprensa, onde havia sempre figuras importantes como o saudoso João Rubinato, que todos conhecem como o gênio Adoniran Barbosa, o Charutinho, nascido em Valinhos, estado de São Paulo.

Desci pela praça da Sé e fui até a Rua 15 de novembro, 220-8º andar, na firma Gerlinger & Cia. Dali, pelo Largo do Anhangabaú, entrei pela avenida Rio Branco e fui à rua General Osório, 398, na CIPA-Cia.Importadora de Peças para Automóveis. Tudo isso, correndo feito um louco. Da CIPA até a Rua dos Andradas, 122, na Importadora Pelegrino.

Tomei a Duque de Caxias, virei à direita e desci a São João, tudo isso correndo, como fazem os atletas da São Silvestre, e fui parar na praça Marechal Deodoro, esquina com a Avenida Angélica, junto ao Minhocão. Fui à firma Auto-Motor, que era a distribuidora da marca Alfa Romeo.

Passava de meio dia e ainda faltava ir a lugares distantes. Tinha de pegar o ônibus 60, Pompéia, que nessa hora do almoço não parava, porque vinha lotado do Anhan-

Octávio Caúmo Serrano

gabaú, para ir à Rua Rodolfo de Miranda, 1241, na firma Amélio Sarto (Tintas Super). Finalmente um ônibus deu uma parada meio de improvisado e eu consegui me agarrar. Da Super nasceu a Suvinil, em 1961, que posteriormente foi adquirida pela Basf.

Saí da Super, pulei o córrego, subi o morro e cheguei na Lapa, na Rua Tito, 215, Indústria Brasileira de Matérias Plásticas (Goyana) para finalmente chegar à Rua Clélia e tomar o ônibus Lapa, 36, com destino à praça Ramos de Azevedo, onde está o Teatro Municipal de São Paulo, junto ao viaduto do Chá, com o trabalho terminado.

Atravessei o viaduto, entrei pela rua Direita, cheguei à praça da Sé, Clovis Bevilacqua, contornei o Fórum e subi a Anita Garibaldi. Cheguei no escritório, a uns dois quilômetros de onde desci, deixei o protocolo sobre a mesa, porque eu tinha a chave, com um bilhete: “Seu Paulino, fui ao jogo!” Eu não precisava ter voltado, mas tive medo de perder o livro no meio da multidão. E depois, eu queria provar que eu podia mais do que ele. Coitado de mim! Que ingenuidade!

Fiz o trajeto de volta, correndo, peguei um ônibus em frente ao Teatro Municipal de São Paulo, construído em 1911 pelo arquiteto que deu nome à praça, o Engenheiro Ramos de Azevedo, e lá fui para o Estádio Municipal do Pacaembu.

Inaugurado em 1940, quando o São Paulo apresentou seu ídolo Leonidas da Silva, o homem borracha e inventor da “bicicleta”, era o nosso melhor campo para jogos importantes. A distância é relativamente pequena. Uns 10 km. da Sé, o marco zero da cidade, se muito.

No Estádio, fiquei de pé espremido na concha acús-

Eu vi (vi) São Paulo

tica, onde hoje existe uma arquibancada. Quase não vi nada. E depois de assistir a uma lamentável pelada, quando o jogo estava no final, 2 a 1 para o Brasil, a torcida resolveu sair porque a condução era um drama. Lá fora escutei gritos e vaias. A Suíça havia empatado. O ponta esquerda Faton, que fizera o primeiro gol, estragou a festa fazendo mais um.

No dia seguinte, o baiano só faltou me engolir. Sentiu-se desrespeitado, embora eu houvesse feito todo o trabalho corretamente e num tempo que ele não acreditava ser possível. Não fora a intervenção do contador, Sr. Freire, em minha defesa e ele teria me despedido.

Infelizmente, veio a fase final, de um campeonato mal programado. O Uruguai, por exemplo, só teve de golear a Bolívia por 8 a 0 para entrar na fase final. Os outros dois da sua chave não apareceram.

Quatro foram os classificados, Espanha, Uruguai, Suécia e Brasil, e jogariam todos contra todos.

Depois de o Brasil marcar 6 a 1 contra a Espanha e 7 a 1 contra a Suécia, enquanto o Uruguai vencida a Suécia por 3 a 2 e sofria para empatar com a Espanha por 2 a 2, veio o último jogo e o Brasil seria campeão com simples empate.

Nos meus imaturos 16 anos, disse à minha mãe na quele fatídico domingo: “Hoje vou chegar tarde porque vou comemorar o título de Campeão do Mundo do Brasil.” Minha mãe me disse: “Mas eles ainda não jogaram. O jogo se ganha no campo. Cuidado para não chegar em casa cedo demais.” E todos sabem o que aconteceu.

Fora essa decepção, eram tempos calmos na cidade de São Paulo.

Octávio Caúmo Serrano

Na paisagem do centro era destaque o prédio construído em oito anos pelo Comendador Martinelli, a partir de 1925. Com cento e trinta metros de altura e trinta andares era o primeiro arranha-céu da América do Sul. Ali tiveram suas sedes muitos partidos políticos e clubes de futebol, como o Palestra Itália e a Associação Portuguesa de Desportos. Hoje em dia, mais da metade abriga repartições públicas.

O comendador Giuseppe Martinelli foi mais um imigrante italiano, pedreiro, que chegou ao Brasil em 1889 e venceu. Não foi para a lavoura, como a maioria. Ficou na cidade, trabalhou em açougues e depois foi mascate visitando as cidades onde a riqueza era o café. Lutou e chegou a ter mais de vinte navios na Sociedade Anônima Martinelli, mais tarde o Lloyd Brasileiro.

O Prédio está entre as Ruas São Bento, Líbero Badaró e Avenida São João. Os elevadores param nas três ruas.

Há muitas histórias envolvendo o prédio Martinelli.

Contam aquela do caipira que descia pelo elevador quando o ascensorista perguntou aos passageiros.

-Quem fica na Rua São Bento?

Em seguida pergunta: - Alguém desce na Avenida São João?

O caipira escuta tudo atentamente.

-Próxima parada, Rua Líbero Badaró?

Como o caipira não se manifesta, o ascensorista lhe pergunta: -E o senhor, vai descer onde?

O homem que ia pegar o trem na Estação da Luz, a mais de dois quilômetros dali, responde:

-Quando chegar na Rua Mauá o senhor pode parar!...

Anos mais tarde, em 27 de junho de 1947, com trin-

ta e cinco andares e cento e sessenta e um metros de altu-

Eu vi (vi) São Paulo

ra, a paisagem passara a ser dominada pelo Edifício do Banespa, que era a maior estrutura de concreto armado do mundo, segundo a revista *Science & Vie*, em 1948. No estilo do Empire State Building, mas este de estrutura metálica. O prédio passou a denominar-se Altino Arantes a partir de 1960, uma homenagem ao primeiro presidente do banco.

Nesse período, em 1949, foi inaugurada a Cia. Cinematográfica Vera Cruz, pelo engenheiro Franco Zampari e um grupo de amigos, em boas instalações no então inexpressivo município de São Bernardo do Campo. Produziu grandes filmes. Foi ali que apareceu Amácio Mazzaroppi, o grande jeca do cinema brasileiro. Nasceu para produzir cinema sério e combater as chanchadas da Atlântida, que já existia desde 1941, no Rio de Janeiro.

Esses empreendimentos, Teatro Brasileiro de Comédia e Cinematográfica Vera Cruz, se devem muito às iniciativas e incentivos de Chateaubriand e de Francisco Matarazzo Sobrinho, o Ciccilo Matarazzo.

Também em 1950, nasceu outra companhia cinematográfica: A Maristela. O primeiro filme passou em 1950. Chamou-se *Presença de Anita*, com atores do calibre de Orlando Villar, Antoniete e Henriette Morineau. No período de 1950 e 1954, vieram *A Sombra da Outra*, *O Comprador de Fazendas*, com Procópio Ferreira e Helio Souto, *Meu Destino é Pecar* e uma série de bons filmes.

Um filme que fez sucesso em 1954 foi *Mulher de Verdade*, com Inezita Barroso, Colé Santana, Raquel Martins, Adoniran Barbosa, Caco Velho (o sambista) e grande elenco. Foi uma boa época do cinema brasileiro quando despontaram grandes artistas, alguns em ação até hoje. Um exemplo é Ruth de Souza que começou naquele tempo.

Octávio Caúmo Serrano

1951-1960

Comecei a soltar as asas. Já tinha meus dezessete.

No ano seguinte, 1951, eu ferrenho palmeirense, teria um grande prazer proporcionado pela Sociedade Esportiva Palmeiras. A conquista das cinco coroas: Campeão do Torneio início (2 vezes), Campeão Paulista (empate com o São Paulo na final por 1 a 1), Campeão do Torneio Rio São Paulo com um 3 a 1 em cima do Corinthians e do Torneio Internacional, chamado Copa Rio. Um título mundial conseguido 372 dias depois da perda da copa do mundo pela seleção brasileira.

Uma curiosidade para os mais novos.

Não havia substituições no futebol. Portanto, nem banco de reservas. Se um jogador saísse de campo machucado o time jogava com dez. E se fosse o goleiro, um jogador da linha ia para o gol. O próprio Pelé viveu essa experiência num jogo contra o Jabaquara A.C., quando demonstrou grande habilidade também nessa função e o Santos ganhou por 4 a 3.

Outro exemplo deu-se em 1946, num jogo Palmeiras e São Paulo, quando o zagueiro tricolor, Armando Renganeschi, machucado foi jogar na ponta esquerda e fez, aos trinta e oito minutos do segundo tempo, o único gol da sua vida, gol que deu ao São Paulo a vitória por um a zero e o único título de campeão invicto na história do tricolor do Morumbi.

Campeão!!! Campeão do Mundo!!! Era a quinta coroa que lhe deu o cognome de campeão das cinco coroas.

Os jornais da época deram grande ênfase à garra dos verde e branco. Mas, tristemente, além do feito alviverde,

Eu vi (vi) São Paulo

os jornais paulistas noticiavam dia após dia o drama de um médico paraibano que contraíra câncer: Dr. Napoleão Laureano. A doença que já matou muito e que hoje é parcialmente controlada, era na época a grande vilã da humanidade. De origem e causa desconhecidas, havia inclusive preconceito e as pessoas não se aproximavam do canceroso imaginando que a doença fosse contagiosa. Evitavam, até, falar o nome da doença.

Depois de voltar dos Estados Unidos em 1951, o Dr. Napoleão Laureano, que tanto lutou contra a sua enfermidade na intenção de desenvolver tratamento também para outras pessoas, morreu em 31 de maio de 1952, no Rio de Janeiro. Foi uma comoção nacional porque cada etapa do seu sofrimento foi cuidadosa e emocionalmente acompanhada por todos os brasileiros. Em São Paulo, rezávamos e torcíamos por ele.

Voltando à minha estrada, surgia a oportunidade de trabalhar num banco e me livrar do maquiavélico seu Paulino, que contrastava com a delicadeza do seu Orlando, o sócio dele. O banco não existe mais. Chamava-se Banco Paulista do Comércio, Rua Boa Vista, 304, esquina com a ladeira Porto Geral, a pequena rua que liga a Boa Vista à conhecida 25 de Março.

Ali trabalhei com o Henrique Romany, que morava num sobrado na rua Paraíso, quase na esquina com a rua Vergueiro, onde hoje está o Centro Cultural de São Paulo e o Controle de Operações do Metrô. Ele era primo do humorista Oscarito. Contou-me muito sobre a vida desse artista. Por exemplo, pouca gente sabe que o comico era espanhol, nascido em 1906 e se chamava Oscar Lorenzo Jacinto de La Imaculada Concepción Teresa Dias. Osca-

Octávio Caúmo Serrano

rito morreu em 1970, depois de fazer muitos filmes engraçados e dar ao povo brasileiro muita alegria.

Durante o expediente para o público, das 12 às 16, todos trabalhávamos de paletó e gravata. Na parte da manhã, das 8 às 11, podíamos ficar de manga de camisa; mas de gravata.

Ao final do ano, a gratificação de Natal ficava a critério de cada patrão. Não existia 13º. Como eu tinha 7 meses de casa não recebi nem um tostão. Eles só gratificaram os que trabalhavam no Banco há mais de um ano. Protestei e decidi sair. Fui para a firma J. Moreira & Cia., atacadista de tecidos, na Rua da Conceição, ao lado do prédio onde funcionava a Gazeta Esportiva.

Ali eu era faturista, mas procurava aprender todos os demais serviços de escritório. Escriturar livro de conta corrente, dar informações comerciais, escrever cartas. Em cada folga que eu tinha me oferecia para ajudar em outra seção. Aprendi bastante e lembro que minha saída foi sentida pelos patrões. Por compreenderem meu interesse em desenvolver-me profissionalmente, aprovaram minha atitude. Os sócios eram seu José e seu Camargo, dois senhores com mais de setenta anos. Eu os achava tão velhinhos! Agora tenho a idade deles e nem me sinto tão velho!...

Saí também para ganhar mais, porque, finalmente, fui convidado para a empresa onde trabalhava o baiano Arlindo Leite, o que me arranhou o primeiro emprego de escritório: Irmãos Carvalho Representações S/A, Rua Miguel Carlos, 72, travessa da Rua Barão de Duprat, próximo às ruas Paula Souza, Cantareira e o bonito Mercado Municipal, um projeto também de Ramos de Azevedo, inaugurado em 1933. Aquele que já foi cenário de novela

Eu vi (vi) São Paulo

da Globo com o ator Tony Ramos como dono de uma banca.

No Mercado Municipal, atualmente, passam por dia vinte mil pessoas e são vendidas 350 toneladas de alimentos.

Quando eu ia para o trabalho, passava sempre em frente a uma autoescola onde batia um papo com o dono, Sr. Jurandyr. O mesmo Jurandyr que havia sido o goleiro do Flamengo do tri-campeonato 42,43,44. Nesse período ele jogou com um dos maiores jogadores da história do Brasil: Thomaz Soares da Silva, Zizinho, companheiro de outro gênio, Jair Rosa Pinto e do “Divino”, Domingos da Guia, o pai do ex-palmeirense Ademir da Guia.

Estava sempre de camisa preta, como era habitual nos goleiros de antigamente. Eram preta, cinza ou azul escuro. Penso que foi Leão, goleiro do Palmeiras, e atual técnico de futebol, o inovador do estilo das camisas coloridas. Ele começou usando uma com listras horizontais verde e brancas. Sempre conversava com Jurandyr e ele sabia que no Rio eu era Vasco, desde 1947, aos 13 anos de idade.

Meu trabalho nessa empresa era passar a limpo cartas redigidas em rascunho pelos correspondentes internacionais. Datilografava em alemão, inglês, francês, italiano e espanhol. Além de português, evidentemente. Talvez tenha nascido aí o meu gosto por línguas estrangeiras.

Eu almoçava numa pensão da Rua Paula Souza. Engolia a comida rapidamente e entrava no sobrado ao lado onde havia o auditório da Rádio Bandeirantes, no trecho entre as ruas Barão de Duprat e 25 de Março, na zona central da cidade.

A emissora, fundada em 1937, ocupava um salão para umas 150 pessoas e um pequeno palco. Ali das 12 às 14 horas, todos os dias, havia um programa de variedades.

Octávio Caúmo Serrano

Esquetes, músicas, piadas. Raul de Barros, o conhecido trombonista, o conjunto de cegos Titulares do Ritmo e grandes comediantes se apresentavam em quadros do programa.

Certa vez, quase não consigo entrar porque havia muita gente. O cantor Francisco Alves, o Chico Viola, o Rei da Voz, estava visitando São Paulo, o que era um acontecimento. Cantor famoso não saía do Rio de Janeiro com muita frequência. Afinal, diziam, “fazer o que em São Paulo, se lá é o túmulo do samba”. No Rio havia o programa de auditório César de Alencar, com Emilinha Borba, Marlene, Dircinha e Linda Batista, Orlando Silva, Carlos Galhardo e toda a grande trupe dos cantores nacionais.

Naquele dia, Chico Alves apresentava seu sucessor, João Dias, e eles cantaram metade da música cada um, para mostrar a semelhança entre as vozes. Foi apoteótico. Vencido o horário de almoço eu saí, mas o público lá ficou a tarde toda. Alguns meses depois, Chico morria em desastre de carro na Via Dutra (estrada de quatrocentos quilômetros que liga o Rio a São Paulo), próximo à cidade paulista de Pindamonhangaba. O automóvel que ele dirigia, um Buick, bateu de frente com um caminhão que trafegava na contramão. Era o dia 27 de setembro de 1952. Seu último sucesso foi a marcha Confete (de Jota Júnior e David Nasser), no carnaval de 1952.

Voltemos à firma Irmãos Carvalho Representações S.A.

Um dos correspondentes em alemão, Sr Günther Bernert, tinha uns amigos chegados de Porto Alegre e ele me indicou como a pessoa que eles precisavam no início de seus negócios em São Paulo. Como eu habitualmente entrava numa empresa, aprendia o trabalho e ia embora, vi nessa oportunidade mais uma possibilidade de progres-

Eu vi (vi) São Paulo

so e aprendizado. Feito o convite, aceitei e fui trabalhar na firma Lambert, Zornitta & Cia. Ltda.

Conversei com o patrão, Sr Alberto José de Carvalho, que tentou me convencer a ficar. Ofereceu melhor salário, até mais do que eu iria ganhar. Permitiria que eu trabalhasse só meio período para poder me dedicar mais aos estudos. A proposta foi tentadora e tive grande vontade de aceitar. Mas como eu dera a palavra ao Sr. Günther e aos seus amigos, aleguei que meus pais preferiam que eu só estudasse. Aprendi com os velhos operários que me trouxeram ao mundo a ter palavra. Muitas vezes saí perdendo por prometer e depois não ter como recuar. A palavra dada é para mim um documento. Nesta vez até precisei criar subterfúgios (mentir) para honrar o compromisso. Penso que morrerei assim.

Nessa época eu fora acometido de uma alergia que feria o corpo inteiro, do pescoço para baixo. Até a ponta dos dedos. Consultei muitos médicos que simplesmente diziam não saber do que se tratava. Receitavam e pediam que eu desse a eles informação, caso desse certo. Pomada de Quemodin, receitava um. Scarbicidin, líquido, que ardia desesperadamente, recomendava outro. “Tome banho de água quente, mas sem sabão e não se enxugue”, dizia um médico. O outro aconselhava: “Ensaboe bastante e enxugue com força.” A cada ano, no inverno, a alergia voltava. Felizmente mais branda a cada ano até que depois de uns seis anos desapareceu e nunca mais voltou. Penso que foi depuração de sangue.

Eu usei a alergia para desculpar-me com o Sr Alberto José de Carvalho, e não aceitar a proposta. Ele era também diretor da Associação Comercial do Estado de São

Octávio Caúmo Serrano

Paulo, com sede à Rua Boa Vista.

Em menos de dois meses ele visitou a minha nova empresa e me viu. Simplesmente me olhou sem dizer nada. Eu fiquei sem graça, evidentemente. Nunca mais o vi, mas a imagem daquele homenzarrão de mais de cem quilos, me olhando, jamais esqueci. Senti grande vergonha!

Meus novos patrões, Srs. Mario José Lambert e Severino João Batista Zornitta, gaúchos, haviam criado um sistema de contabilidade mecanizada, que consistia na escrituração simultânea do diário e do razão, por inserção frontal das fichas, o que podia ser feito em qualquer máquina de escrever comum, com pequena e barata adaptação. Concorreria com as máquinas Remington, Ruf, Olivetti e outras sofisticadas, elétricas, com somadores, etc., acessíveis somente às grandes companhias, devido ao alto preço.

Foi aí que comecei a gostar de contabilidade. Ia aos clientes fazer demonstração, levando máquina de escrever e fichas, de bonde, às vezes pendurado nos estribos, conforme o horário. O Escritório era na Rua Barão de Itapetininga, 264, inicialmente no 8º andar e depois no 13º, no andar inteiro.

Na rua detrás, na 24 de maio, havia o grande teatro do momento, o Santana, onde Walter Pinto fazia shows muito concorridos. Era o tempo do teatro de revista, o teatro rebolado, com belíssimas vedetes. Entre elas as famosas Virgina Lane, a namoradina do Presidente Getúlio Vargas, Dora Vivacqua (a Luz Del Fuego), que dançava com uma cobra enrolada no corpo, e Elvira Pagã, a criadora do biquini. Grandes atrizes como Tônia Carreiro eram também estrelas desse tempo.

A oficina de adaptação das máquinas era num sub-

Eu vi (vi) São Paulo

solo da Rua 7 de abril, 255. Bem próximo havia o chaveiro do Ralf Zumbano, campeão brasileiro de Boxe, ligado à família Jofre. Logo ali também estavam os Diários Associados do Sr. Assis Chateaubriand.

Em frente, havia o suntuoso prédio da Cia Telefônica Brasileira, no tempo em que a pessoa fazia o pedido de telefone e se preparava para esperar 20 anos. Desde que fossem bairros centrais. Os da periferia, nem pensar. Nesse tempo, para falar com as cidades do ABC, zona explorada pela CTBC, pagava-se tarifa de interurbano.

O telefone era comprado. Nos anos 90 ainda se falava em 5 milhões de cruzeiros por um telefone na revenda entre particulares. Muitos viviam de alugar telefones.

Em função do meu desempenho com as demonstrações do sistema Zornitta de contabilidade, que mais tarde mudaria o nome para Front-Feed Mecanizações Contábeis Ltda, acabei recebendo outro convite e aceitei. Eu tinha dois objetivos na vida naquela época de jovem: Aprender e ganhar mais.

Foi nessa década que houve em 1954 uma grande festa na cidade. A comemoração do IV Centenário da Fundação de São Paulo. Durante todo o dia 25 de janeiro, feriado municipal, o vale do Anhangabaú ficou tomado de gente. Desfiles, paradas. Às dez da noite, lembro-me que fui ao Teatro de Alumínio, lá mesmo no vale, próximo à atual Câmara Municipal, para assistir a uma peça com uma conhecida vedete que se chamava Theo Braga. A peça era “Tem Nego Bebo Aí”. Nos intervalos havia um humorista que estava começando e contava causos e piadas. Ali ouvi pela primeira vez a história do “Cadillac que não tinha macaco” e a do jogo “Palmeiras e Botafo-

Octávio Caúmo Serrano

go”. Seu nome, já sabem, José Vasconcelos.

Uma das obras importantes feitas para comemorar o IV Centenário foi o Parque do Ibirapuera, uma bonita reserva ecológica da zona sul, a cinco quilômetros do centro. Ali estão sepultados Martins, Miragaia, Dráuzio e Camargo, os jovens mortos na revolução constitucionalista cujas primeiras letras de seus nomes formam a sigla MMDC.

Obra de Burle Marx e Oscar Niemayer, tem pistas e quadras para esporte, o prédio da Bienal, era onde se realizavam as grandes feiras como o Salão da Criança, o Salão do Automóvel, a Fenit, Feira Nacional da Indústria Textil, a UD, a feira de utilidades domésticas, tem viveiro de mudas, lago, gramados, já abrigou o gabinete do prefeito, tem bares, restaurantes, o Museu de Arte Moderna e um bonito Planetário. As pessoas usam para passeios e exercícios. A partir de 1970, com a construção do Anhembi por empresários particulares, hoje um centro onde a Prefeitura é sócia majoritária, as feiras saíram dali.

Vale a pena informar o leitor algo sobre o conjunto do Anhembi, onde está atualmente o Sambódromo, muito conhecido pelos desfiles do carnaval paulista, tão importante quanto o do Rio de Janeiro, atualmente.

O Anhembi tem área coberta de 57.600 m², ali se realizam mais de vinte grandes feiras e mais de quatrocentos eventos todos os anos. O estacionamento é para sete mil e quinhentos veículos.

Faz parte do conjunto, cujo principal é o palácio das Exposições, o Palácio das Convenções inaugurado em 1972. São dezoito mil metros quadrados, onde há um auditório com 3080 confortáveis lugares.

Eu vi (vi) São Paulo

Nessa época eu estudava no Colégio Estadual Presidente Roosevelt, primeiro ano do científico, onde fui colega de classe do jornalista e radialista esportivo Orlando Duarte Figueiredo, conhecido por Rancharia. Orlando havia chegado, fazia pouco, daquela cidade do interior de São Paulo.

Ali fizemos um folheto de esportes, chamado O Esportista. No Orlando já despertava a carreira que desejava seguir e logo depois ele arrumou emprego em O Mundo Esportivo, um jornal semanal onde tomava conta da página dos consulentes. Respondia às perguntas dos leitores. A redação era na Rua Felipe de Oliveira, 53, próximo ao Fórum da João Mendes, que ligava a praça da Sé à Praça Clovis Bevilacqua. Geralmente eu parava lá para bater papo quando ele me pedia. “Manda umas perguntas pra sessão.” Velhos e bons tempos!

Meu bairro era de operários e nas noites de sábado a turma ficava caçando baile de aniversário ou de casamento em qualquer lugar da Vila Guarani. Era comum dançar no barro porque mesmo com as lonas cobrindo o quintal quando chovia enlameava tudo. A orquestra, eu me lembro bem: um violino feito com dois pedaços de cabo de vassoura, quatro pregos e duas cordas de violão. Um formava o corpo e outro o arco. Um pandeiro sem coro, um pente com um pedaço de papel de seda. Quando aparecia uma sanfona aí a orquestra virava uma sinfônica. E comiam soltos os boleros de Gregório Barrios e os baiões de Luiz Gonzaga, Carmélia Alves, além dos sambas de Ataulfo Alves, Nelson Gonçalves & Cia.

Assim que completei dezoito anos, fiquei “de maior”, eu comecei a dançar em salões e não mais nos terrei-

Octávio Caúmo Serrano

ros cheios de barro da Vila Guarani.

Aos sábados, depois de jogar algumas partidas de sinuca, lá pelas dez da noite íamos dançar no Cine Estrela que se transformara em amplo salão de bailes. Ficava na Avenida Bosque da Saúde, esquina com a Rua Caramuru, no bairro da Saúde. A animação era com a orquestra da casa, mas era comum virem crooners de fora para animar os bailes. Entre os da época que se tornaram famosos, lá se viam Cauby Peixoto e as irmãs Camargo, Estela e Hebe Camargo, que formavam a dupla “Rosalinda e Florisbela”.

Hebe Camargo, até hoje uma expressão da televisão brasileira, esteve entre os convidados de Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, quando uma comitiva foi ao porto de Santos, em 25 de março de 1950, buscar os equipamentos da primeira estação de TV brasileira. Chateaubriand havia também comprado vinte e dois aparelhos e espalhado pela cidade nas vitrines das lojas, para transmitir pela primeira vez um programa de TV. O programa experimental foi “TV na Taba”, animado pelo político e radialista Homero Silva e teve ainda Lima Duarte, Mazzaropi, Lolita Rodrigues e outros famosos. A multidão, inclusive eu, estávamos lá, diante das lojas, para assistir à TV. Imagem em branco e preto, com fantasma, chuvisco e tremida, mas era ótimo! Uma novidade sensacional! Hoje as pessoas só querem TV digital.

A primeira novela da TV, 1951, foi “Sua Vida me Pertence”, escrita por Walter Foster, o mesmo que deu o primeiro beijo na TV. Imaginem, senhores, que atrevimento: um beijo na TV! Era levada ao ar duas vezes por semana. Não havia gravação das novelas. Tudo era encenado ao vivo. Tempos de Vida Alves, José Parisi, Dionísio de

Eu vi (vi) São Paulo

Azevedo, Paulo Autran, Walmor Chagas, Cacilda Becker...

Outros programas que colocavam a cidade diante da televisão eram TV de Vanguarda, sábados à noite, (com peças de teatro), Clube dos Artistas, com o casal Lolita e Airton Rodrigues, nas tardes de sábado e Grandes Atrações Pirani-Philco, com quadros variados durante mais de duas horas, nas noites de domingo a partir das oito. Nesse programa uma das atrações era Aguinaldo Rayol e mais tarde Jerri Adriani e Wanderley Cardoso, que começavam suas carreiras.

O pioneiro das comunicações no Brasil, Assis Chateaubriand, nasceu em Umbuzeiro na Paraíba em 5/10/1892, dia de Francisco de Assis, e faleceu em São Paulo em 4/4/1968. Escreveu para o Diário de Pernambuco, no Correio da Manhã do Rio de Janeiro e finalmente assumiu os Diários Associados, que dinamizou após comprar o Diário da Noite.

Em 1928 lançou a conhecida e tradicional revista O Cruzeiro. Em 1929, o Diário de São Paulo, para ser um jornal sério e logo de início entrevistou Albert Santos Dumont, a nossa maior glória naquele momento.

A partir de 1929 tinha uma cadeia de jornais em vários Estados do Brasil: Diário de Notícias, em Porto Alegre, Jornal da Noite, no Rio de Janeiro, o Estado de Minas. Era dono de seis jornais.

Para se ter uma idéia do arrojo de Chateaubriand, Portugal que está no velho continente europeu, milenarmente mais antigo do que a América, só teve televisão a partir de 7 de março de 1957. Como registro, a TV a cores só chegou ao Brasil, caríssima, a partir de 19 de fevereiro de 1972, embora desde 1954 já funcionasse nos Estados Unidos.

Octávio Caúmo Serrano

Assis Chateaubriand dinamizou também a aviação brasileira, integrando nosso país com a campanha nacional sob o lema “Deem Asas Ao Brasil”. Era um homem também de muita sorte.

Nessa época, assisti a muitos acidentes aéreos.

Um avião da Vasp caiu a 100 metros da minha casa, dois minutos após decolar de Congonhas, que ficava muito próximo. Surpreendentemente ninguém havia se ferido. As pessoas batiam na janela pedindo ajuda para sair.

A aeronave, um Electra da Vasp, caiu sobre três casas, triturando a que foi atingida pela fuselagem, que estava vazia, e cortando outras duas vizinhas com as asas. Lamentavelmente, como não havia iluminação nas ruas, os curiosos e saqueadores se aproximaram com candeeiros a querosene. O avião explodiu, matou os passageiros e tripulantes, além de muitos que se encontravam sobre a aeronave.

Um outro desastre, o primeiro com um avião da Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul, caiu na Rua Piassanguaba, no Planalto Paulista, próximo ao Parque do Ibirapuera. Nele viajava o ator Renato Consorte que foi socorrido e internado com o rim paralisado. Caiu sobre uma casa, nessa região muito povoada, mas a família estava viajando.

É ele mesmo quem conta que pediu à enfermeira uma cerveja. Ela lhe disse que ali era um hospital, não um bar. Mas o doutor liberou a bebida porque ele ia morrer. Nada mais havia a ser feito. Tomou a cerveja e o rim voltou a funcionar. Está vivo até hoje. Mas que ninguém pense em incluir a cerveja entre os medicamentos específicos para o problema. Foi só uma coincidência!... Fazemos a advertência porque o brasileiro tem o hábito de comprar qualquer panacéia anunciada pela mídia.

Eu vi (vi) São Paulo

Na rua Ingá, no bairro do Jabaquara, houve outro acidente onde havia uma conhecida cantora, cujo nome não recordo. Sobreviveu e uma semana depois voltou ao local para agradecer aos moradores pela sua vida.

Ao decolar de Congonhas, um avião da Força Aérea bateu numa torre de alta tensão e caiu numa chácara onde está hoje a Avenida Bandeirantes, próximo à Av. Ruben Berta. O único sobrevivente foi uma criança de colo salva pelo chacareiro porque saiu pela janela e caiu numa plantação de agrião, que, como sabemos, é cultivado dentro d' água, onde flutuou.

O maior que assisti, porém, foi um desastre com uma aeronave que vinha de Londres e fez escala no Rio de Janeiro. Assis Chateaubriand que voaria até São Paulo, decidiu descer no Rio. Próximo ao Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, o piloto confundiu a mata com a pista e espatifou-se. Não houve sobreviventes. Tinha ou não tinha sorte sorte o Dr. Chatô?!

Congonhas sempre foi um aeroporto perigoso, com pista curta e sem possibilidade de expansão. É emoldurado por residências. Certa vez, um avião que aterrissava, deslizou pela pista e caiu na encosta da Av. Ruben Berta. Por pouco não atravessa a movimentada avenida.

Se hoje, com a tecnologia, com os instrumentos, chegar ou sair de Congonhas é um risco, imaginem naquele tempo. E, anotem, é o aeroporto com maior tráfego no Brasil, atualmente. Veja-se o que aconteceu há pouco tempo com o avião da TAM que se espatifou batendo contra um prédio da própria empresa.

Como curiosidade, a palavra Congonhas designa um tipo de erva-mate.

Octávio Caúmo Serrano

Voltemos aos meus passos pessoais.

Em 1 de novembro de 1952, fui trabalhar na firma Alfredo & Orlando Forte, Rua Cardeal Arcoverde, 2856, Pinheiros. Especializada na fundição de bronzes e latões e banhos eletrolíticos, produzia bandejas, puxadores para móveis e similares. Fui recomendado porque eles adquiriram o sistema Front-Feed de contabilidade, que eu tão bem dominava.

Um dos bons clientes era a Philco Rádio e Televisão, Rua João Fernandes, 44, no bairro do Tatuapé, que comprava puxadores para os televisores de consoles. A TV era de imagem branca e preta, mas as vendas explodiam porque ela havia sido inaugurada em 1950 e todos queriam assistir aos programas. Tudo falho, ao vivo, com fantasmas. Do tempo em que os cientistas do improvisado inventaram de colocar a esponja de bom-bril na ponta da antena para melhorar a imagem.

A grande emissora do momento era a PRF3 TV, Tupi/Difusora de São Paulo, no Alto do Sumaré, criada por Chateaubriand, como já mencionamos anteriormente. É hoje o SBT de Sílvio Santos

Nessa firma aprendi bastante, inclusive algo muito ruim: a jogar nos cavalos. Em pleno largo de Pinheiros, onde o bonde fazia o balão, a dois passos da metalúrgica a conversa era só de Jóquei, o Hipódromo de Cidade Jardim, na Via Marginal do Rio Pinheiros.

Aos sábados, depois das dez da manhã ninguém mais trabalhava. Abríamos o jornal para estudar as corridas. Sabíamos quem eram os pais dos cavalos, se correu ferrado ou não, na grama ou areia, páreo forte ou fraco. Nós nos julgávamos entendidos e não passávamos de uns tolos.

Eu vi (vi) São Paulo

Lá pelas onze, íamos até o Prado para fazer as acumuladas. Dois a dois, três a três, ponta, placê, duplas, etc. Queríamos evitar o jogo páreo a páreo porque isso leva todo o dinheiro sem que o apostador tenha controle. À medida que vai perdendo, dobra as apostas para recuperar. E aí mora o perigo!

Mas que nada. Depois de almoçar do Largo de Pinheiros, geralmente a feijoada do sábado, lá íamos para o hipódromo para acompanhar desde o primeiro ou segundo páreo. Lá pelas duas da tarde. E aí tudo virava uma grande loucura. Como a firma nunca pagava o salário no dia certo, dava tudo aos picados, acabávamos nos descontrolando ainda mais. Ao final das corridas, saíamos todos de mau humor e sem um tostão no bolso. O da condução era colocado num lugar à parte porque senão não sobrava nem para voltar para casa.

No domingo, saíamos de casa no Jabaquara e enfrentávamos a mesma maratona para ir ao Prado e fazer, outra vez, o mesmo papel de idiotas.

Foi nesse tempo que meu pai, o pedreiro analfabeto e o meu maior fã, chamou-me e disse: “Olha meu filho. Você ganha mais do que eu e nós precisamos da sua ajuda. Mas se você não quer colaborar procure onde morar, onde comer e alguém que lave a sua roupa, porque a sua mãe não é sua empregada.” Foi o que faltava para eu sumir do jôquei e nunca mais apostar nos burros. A mansuetude da reprimenda encheu-me de brio.

As ruas de barro no meu bairro, não tinham iluminação. Na avenida Diederichsen só passavam carroças e havia o sulco feito pelas rodas. Quando chovia ninguém se equilibrava sobre as corcovas de barro. Muitas vezes

Octávio Caúmo Serrano

escorreguei e lá foram livros e cadernos em meio à lama.

Eu chegava da escola à meia-noite, porque havia cinco aulas no Colégio Estadual Presidente Roosevelt, na Rua São Joaquim. Já havia terminado o ginásio no Ateneu Brasil e agora estava no científico. O pai ia me esperar no ponto do ônibus, apesar da minha maioridade, depois de um cansativo dia de trabalho e tendo que levantar às cinco da manhã, porque era um lugar ermo e perigoso.

Meu lazer nessa época era ir ao campo do Palmeiras, clube do qual me tornei sócio, para assistir aos jogos, no carnaval, nalguma festa. Outros passeios de fins de semana eram no Orquidário do Estado, próximo a onde estão o Observatório e o Zoológico de São Paulo, o maior da América do Sul, que não existia no meu tempo de moço. Para nós havia simplesmente o Parque do Estado (o Orquidário), onde fazíamos piqueniques.

Quando os trocados sobravam, íamos a um cinema. Geralmente Marabá ou Ypiranga, um em frente do outro, quase na esquina da avenida Ipiranga com a São João. Ali ao lado do Brahma, com seu charmoso piano bar, e do Bar Juca Pato, onde se reuniam os artistas da época. Outras vezes no Cine Art Palácio, no Ritz ou no Metro, todos na São João.

Mas, voltemos ao trabalho.

Depois de um ano desisti do científico e comecei a cursar o técnico em contabilidade na Escola Técnica de Comércio Bernardo Leite e Silva, na Av. da Liberdade, em 1954, onde em 1956 eu conheceria Maria, minha esposa. Ela nasceu no dia 1 de novembro de 33, no mesmo dia que nasceu o Antonio, aquele meu irmão que faleceu com vinte dias de vida, e na mesma maternidade. Uma

Eu vi (vi) São Paulo

coincidência!

Depois de quase três anos, já no segundo ano de contabilidade, deixei a Metalúrgica Forte.

Eu tinha um conhecido no bairro, Luiz Bianconi Sobrinho, que morava na Rua Carlos Vilalva esquina com Rua Caviana. Uma bela casa que depois eles venderam aos atores Cacilda Becker e Walmor Chagas. Cacilda, a irmã de Cleide Iáconis, ex-esposa de Stênio Garcia. No tempo em que os artistas ficavam casados!...

O Luiz Bianconi era decorador-vendedor de móveis numa loja e me recomendou ao seu patrão. A firma, Móveis Jacob Lafer e Decorações S/A., rua Domingos de Moraes na Vila Mariana, próximo à Estação dos Bondes e do grupo onde eu estudara, o Grupo Escolar Marechal Floriano que à noite era o Colégio Estadual Brasília Machado Neto. Comecei em 4 de julho de 55 e trabalhei nessa loja até 2 de março de 1959. Nessa firma conclui o curso de Técnico em Contabilidade, em 1956.

Foi também na loja do Sr. Lafer que recebi como presente de uma auxiliar, Maria Idaty de Andrade Leite, logo na primeira semana de casa, o livro do poeta parai-bano Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos, “Eu e outras poesias”. Em brochura. Encantei-me com a obra e creio que aí nasceu meu gosto pelo poeta, pela poesia e, também pelo soneto, que em apenas catorze versos conta uma história, leva um recado, dá uma mensagem.

A loja tinha muitos clientes importantes: Manoel de Nóbrega, Zbignew Ziembinski, Vicente Feola, Nídia Lícia e Sergio Cardoso, Meire Nogueira (ex-senhora Carlos Zara), Paulo Planet Buarque, Leny Eversong, Hélio Ansaldo, Idalina de Oliveira e tantos outros famosos, de to-

Octávio Caúmo Serrano

das as áreas de atividade. Idalina de Oliveira que atualmente participa do programa “Prazer em Conhecê-lo”, da Rede Vida, era das mais famosas garotas propagandas da época. Apresentava os produtos ao vivo, porque não havia o video-tape, clips, vinhetas e que tais.

Um parêntesis para uma curiosidade.

Ali próximo à loja Lafer, descendo pela íngreme ladeira da curta rua Capitão Cavalcante, chegava-se à Rua Dr. Álvaro Alvim. Havia ali uma oficina de conserto de liquidificadores importados, que se transformara numa fabrica desse eletrodoméstico e também de batedeiras. O nome da empresa era formado pela junção apocopada dos nomes do proprietário e sua esposa. Sr. Waldemar e Da. Talita. Já sabem que falo da Walita, que hoje pertence a holandesa e multinacional Philips.

Foi também enquanto trabalhava nessa firma que realizei dois grandes sonhos que alimentava desde menino: comprei um rádio de pilhas e um gravador. Vamos primeiro ao rádio.

O vendedor da Philco Rádio e Televisão visitou a loja para mostrar o mais recente lançamento da fábrica: Um rádio de pilhas sem válvulas. Fora inventado o transistor e o rádio não mais precisava esquentar; ligou, tocou.

O preço era seis mil e quinhentos cruzeiros e eu decidi que o rádio seria meu. O vendedor alegou que não podia vender aquela unidade porque era o rádio de demonstração aos clientes. Não consegui me convencer e eu fiquei com o aparelho na hora. Paguei em dez prestações à loja onde eu era funcionário. Era do tamanho de um tijolo grande, todo verde. Logo depois a Philco lançou o Transglobe, que foi muito vendido à colônia japonesa

Eu vi (vi) São Paulo

porque sintonizava com estações daquele país.

Passado algum tempo eu realizei um outro sonho que tinha desde os oito anos, quando um vizinho me deixava ouvir os jogos da Copa do Mundo de 1938, que o pai dele havia registrado. Este segundo sonho realizei bem depois, quando já era casado, e não comprei na loja onde eu trabalhava. Foi um gravador marca Delta, Geloso, de fita, que custou trinta e três mil e seiscentos cruzeiros. Comprei-o em dez prestações.

Hoje percebo como o sonho é um patrimônio pessoal. Há quem sonhe com anéis de brilhantes, iates, mansões na praia ou gaste uma fortuna para ir à lua, enquanto eu sonhava com um rádio de pilha e um gravador. Minha capacidade não me permitia um sonho maior. Infelizmente, é desse tipo o sonho da maioria do povo brasileiro.

Na loja do Sr Lafer comprei minha primeira televisão. Velha, entrou na troca por uma nova e eu fiquei com ela. A imagem era desbotada que quase não se via. O tubo estava vencido e de repente entrava em curto e dava assustadores estalos na caixa de alta tensão.

Mesmo assim, nos finais de semana as pessoas iam ver o programa “Grandes atrações Pirani-Philco” para “ver” e ouvir Agnaldo Rayol.

O patrocínio era da Philco e da Pirani, que vendia eletrodomésticos e tinham uma loja de vários andares na Avenida São João, destruída por um incêndio. Uma outra filial, muito grande, era na avenida Celso Garcia, depois do Brás, um dos bairros populares da cidade de São Paulo e berço de muitos italianos. Logo depois da Febem.

Em um de meus passeios, em 1955, Luiz Bianconi e eu fomos ao teatro assistir a uma peça, cujo nome não me

Octávio Caúmo Serrano

lembro. O enredo se passava numa construção, quando os operários se reuniam depois do expediente e a empregada de uma casa vizinha ia conversar com eles.

Havia um ator negro: Milton Gonçalves, e um play boy, que ia lá bater papo: Ary Toledo. A empregada era Therezinha Austregesilo, a primeira esposa de Jô Soares. Havia um ator novo que substituía outro que adoecera naquele dia. Fazia o papel de um operário nordestino que deixara a “Das Dô” no Norte e tinha muita “sodade”. Nem carta ela mandava. Foi muito aplaudido o trabalho desse jovem ator. Seu nome, Juca de Oliveira.

No final de 1956, eu me formava em contabilidade e poderia agora assinar balanços e demais documentos. Eu já namorava minha esposa, Maria, desde o final de 55, com quem vivo há mais de cinquenta e um anos. Foi ela que me presenteou com um bonito anel de formatura. E olhem que fazer gastos como esse era sempre uma proeza.

A vida continuou e após alguns meses de namoro, em 1957, no dia 9 de junho, meus pais foram à casa dela para conversar com Da. Isaura Siqueira Alcântara e seu Pardal Vilhena de Alcântara, seus pais, porque eu pediria a sua mão e ficaríamos noivos. Penso que todo mundo achou boa a ideia, porque ninguém fez cara feia. Maria tinha vários irmãos: Walter, Newton e Moacir, já falecidos e Erico. Havia tido dois outros que faleceram pequenos: Hyllo e Dirceu.

Pouco tempo antes meu pai voltara a ficar muito doente. Fomos passar o Natal de 1956 na casa da futura cunhada Margareth e do Walter, irmão mais velho de Maria, na Rua Santa Cruz, 1191, no conjunto dos bancários.

Não havia 13° salário, ou qualquer outra gratifica-

Eu vi (vi) São Paulo

ção de fim de ano, mas minha noiva que era funcionária do INSS recebeu o salário de janeiro adiantado para compras de fim de ano.

Ela morava na Rua Itapirú, 144, próximo à Praça da Árvore. Lá pelas sete da noite, foi de táxi até a minha casa na Vila Guarani, Jabaquara, quando esqueceu a bolsa no carro com o dinheiro que, além das compras de Natal, era a para os gastos de janeiro. A tristeza tomou conta de todo mundo, mas combinamos não falar do acontecido para não estragar a festa dos demais.

À noite, lá fomos nós, mas foi impossível esconder a tristeza, embora não tenhamos relatado o ocorrido. Meu pai passou a festa deitado e gemendo com a sua úlcera que havia voltado com toda força. De madrugada, após a ceia, cada um tomou seu destino.

Dia seguinte, minha namorada foi-nos visitar às dez horas da manhã, bastante ansiosa. Quando chegou em sua casa havia sob a porta um recado de um casal de irmãos que havia encontrado a bolsa, porque tomou o táxi logo em seguida. Moravam próximo a minha casa, na Vila Guarani.

O rapaz desceu do táxi com a bolsa de Maria pensando que fosse da irmã quando viu que ela estava com a dela. Localizaram o endereço e deixaram o recado. Telefone nem pensar. Onde morávamos havia apenas a Farmácia do Renato e do Odilon, com telefone mediante pagamento de taxa. Ao perceber que hoje ninguém vive sem celular, fico imaginando como nós, os antigos, conseguimos sobreviver. Mais um desses milagres brasileiros!

Com a notícia da minha noiva, meu pai pulou da cama, acabaram-se as dores e lá foi ele com Maria até a casa daquelas pessoas honestas e generosas. Uma casa

Octávio Caúmo Serrano

simples, segundo contou Maria que os convenceu a aceitar uma gratificação pelo bonito gesto. Penso que eram por volta de seis mil cruzeiros e ela lhes deu um mil, se não me engano. Eu que era um dorminhoco não consegui sair da cama e não tive a delicadeza de acompanhá-la. Mas o pai, doente, fez a minha parte. Eles se queriam bem.

Desde o Natal que meu pai chegava do trabalho às cinco da tarde, deitava, gemia e esperava o sono chegar. Comia mal. Foi um tempo de sofrimento.

Foi nesta época que meu pai faleceu, com 54 anos de idade, em 22 de setembro de 1957. Não pode esperar o nosso casamento.

Quando solteiro, eu tinha comprado um terreno de 10 x 30 em Interlagos, mais precisamente na Cidade Dutra, e como o pai era pedreiro Maria e eu pretendíamos construir e nos casar. O primo Oswaldo fez a planta de graça.

Num domingo fomos a mãe, o pai, Maria e eu roçar o terreno e prepará-lo para a construção. O seu Pardal, pai de Maria, se recusava a morar lá porque era muito longe. Mas era o que podíamos oferecer-lhes.

Acabamos não construindo porque meu pai adoecera. Podíamos comprar os materiais, embora com sacrifício, mas não tínhamos dinheiro para a mão de obra. Com a impossibilidade de meu pai construir para nós, acabou-se o sonho da casa própria.

Depois de uma crise de úlcera, com violenta hemorragia, como já contei anteriormente, foi socorrido no Hospital São Luiz. Após trinta dias de preparação, foi operado na Santa Casa de Misericórdia, onde faleceu uma semana depois. Foi num domingo, 22 de setembro de 1957.

Eu vi (vi) São Paulo

A solução foi procurar casa pronta, já que não pretendíamos morar de aluguel. Deveria ser uma casa que abrigasse Maria, os pais dela e eu, que a parcela de entrada fosse pequena e a prestação mínima.

Cinema e passeios foram substituídos durante meses pela busca da casa que desejávamos comprar.

Havíamos economizado, Maria e eu, trinta mil que pretendíamos usar na construção da casa, mas gastamos tudo para enterrar meu pai no Cemitério do Araçá. O terreno custou os exatos trinta mil cruzeiros.

Finalmente, encontramos um sobrado de esquina no Jabaquara, na Rua das Nhandirobas, 46. Oitocentos e vinte mil cruzeiros. A entrada era de cento e quarenta mil, mais cento e quarenta mil após doze meses e cento e oito prestações de sete mil e quinhentos cruzeiros. Propusemos quarenta e oito prestações menores de início (seis mil e quinhentos) e as últimas sessenta maiores (oito mil duzentos e setenta e cinco cruzeiros).

Nossa proposta foi aceita. Compramos a casa ainda noivos. Em novembro de 1957, Maria e seus pais passaram a morar na nova casa.

Vizinho a nós havia uma casa de um japonês, grande e bonita, com um jardim típico onde se realizavam festas orientais. Era a casa do pintor Manabu Mabe, já falecido, que era o japonês mais importante entre os que viviam no Brasil. Nesse tempo ele era ainda pouco conhecido. Mais acima, na Rua das Perobas, próximo a Rua dos Jequitibás estava a casa de Bibi Ferreira, a filha de Procópio Ferreira, falecido em 1979.

Nesse tempo eu trabalhava ainda na loja de móveis do Sr. Lafer, quando no dia 5 de abril de 1958, um sábado,

Octávio Caúmo Serrano

eu me casaria com Maria no Registro Civil da Vila Mariana, Rua Domingos de Moraes, às dez horas da manhã. No dia seguinte, no domingo de páscoa, 6 de abril de 1958, confirmávamos no religioso a nossa união, na Capela de Nossa Senhora das Graças, no bairro da Cidade Vargas, próximo ao atual terminal do Metrô Jabaquara e Rodoviária para o Litoral durante a missa das 9.

Nossa lua de mel, minhas primeiras férias, foi de vinte dias, numa quitinete emprestada por um colega de trabalho de Maria. Quem nos levou foi o Sr. José, motorista dos Moreira Salles, num Cadillac Coupê de Ville, preto, 1954. Um luxo, para dois pobres e quase falidos mortais.

Da. Lucrecia (irmã de meu sogro) e o marido, João Moreira Salles, deram-nos também cinco mil cruzeiros para gastar na lua de mel. Era quase o meu salário.

Terminadas as férias, voltamos para começar a ganhar o dinheiro que precisávamos para pagar as contas.

Nesse ano de 1958 o Brasil ganhava a Copa do Mundo na Suécia com um sonoro 5 a 2 contra o time da casa, depois de sofrer o susto do primeiro gol feito pelos suecos. Pelé era a vedete, com seus 17 anos e foi eleito o melhor do torneio. Fomos todos para rua fazer festa.

Alguns dias depois, com Maria já grávida de dois meses, fomos assistir ao desfile dos craques que desembarcaram no Aeroporto de Congonhas, perto da nossa casa, em carro aberto. Além de Pelé, ali estavam Gilmar, Newton Santos, Garrincha, Didi, Vavá, Belini, Orlando, Djalma Santos, De Sordi e tantos outros nomes de uma seleção que resgataria os vexames de 50 e 54. O desfile foi na Avenida Ruben Berta que estava em construção pelo Pre-

Eu vi (vi) São Paulo

feito Faria Lima. É continuação da avenida 23 de maio, a ligação do Anhangabaú com o Aeroporto de Congonhas, e também estava em obras.

Em 29 de janeiro de 1959 nascia nosso único filho, Octávio, cujo nome é uma homenagem ao meu pai, por quem minha mulher tinha grande afeição. Ele também gostava muito dela. Ele nasceu no Hospital da Bomba de Cobalto, do Dr. Alfredo Sauda, na Av. Brigadeiro Luiz Antônio, por falta de vagas na Maternidade do IAPI. Veio pelas mãos de um obstetra que fazia o seu primeiro parto. Margareth, a nossa cunhada, que aniversaria no mesmo dia 29 de janeiro e era enfermeira e radiologista naquele hospital, acompanhou todo o serviço. Ali estava instalada a primeira bomba de cobalto, importada pelo Dr. Sauda e minha cunhada era a operadora do equipamento.

Quem cuidava do Tavinho eram minha sogra, Da. Isaura e o sogro, seu Pardal. Isso permitia que saíssemos de vez em quando. Maria evitava sobrecarregar os pais dela e minha mãe com trabalho de cuidado com o filho.

Numa dessas saídas fomos ao TBC, o Teatro Brasileiro de Comédia, na Rua Major Diogo, 315, no Bexiga, que havia sido fundado em 1948, pelo engenheiro Franco Zampari, empregado das Indústrias Matarazzo, que transformou um velho prédio numa sala de espetáculos.

Fomos assistir a um ator novo, imitador e cantor, que começava. A sala não tinha mais que vinte pessoas. Alguns meses antes, um grupo havia se recusado a representar devido ao pequeno público, sob a alegação de doença da artista principal. Mentira, evidentemente. Temíamos que o fato se repetisse.

Na hora marcada, porém, lá estava o artista, conten-

Octávio Caúmo Serrano

te como se o teatro estivesse lotado. Profissionalmente, apresentou o seu trabalho e foi muito aplaudido. Ele mereceu e acabou vencendo na profissão. Falamos de Raul Gil, o cantor, animador e humorista, que mais tarde seria nosso vizinho na Av. Ceci, no Planalto Paulista.

Algum tempo depois, lá por 1961/62, minha sogra ficou doente e mudou-se para um lugar mais saudável: Extrema, no sul de Minas Gerais, onde um dos cunhados, o Newton, era comerciante. Levaram o Tavinho para morar com eles. Nós os visitávamos todo fim de semana.

Em 26 de junho de 1963 minha sogra, faleceu em São Paulo. Meu sogro foi morar com Margarethe e Walter, o filho mais velho, e quem passou a cuidar do Tavinho foi minha mãe. Ficava com o menino na parte da tarde porque Maria trabalhava do meio dia às seis. Quando chegávamos eu acompanhava a mãe até o ponto de ônibus e ela voltava para a sua casa. Eu não tinha automóvel.

Logo depois comprei meu primeiro carro. Nem tinha carta de motorista. Era um Prefect 1951 – o Ford inglês – com freio a varão (cabo de aço). Tinha coroa e pino tão frágeis que bastava soltar a embreagem mais rapidamente para quebrar o diferencial. A seta era do tipo bananinha, que levantava quando acionada por uma chave comutadora. O limpador de pábrisa era a vácuo. Quando o carro estava acelerado ele não funcionava. Precisava diminuir a marcha para que as paletas se movimentassem. Era o veículo das autoescolas.

Embora a Willys já fabricasse alguns carros e a Volkswagen (em alemão, carro do povo) já houvesse lançado o Fusca, com 36HPs, eram muito caros. Naquele tempo para dirigir tinha de ser motorista. Não havia câmbio

Eu vi (vi) São Paulo

sincronizado nem direção hidráulica. Para colocar a primeira marcha o carro tinha de estar parado ou o motorista ter bom ouvido para aproveitar a rotação sem depender só da embreagem. Aprendi a dirigir com o meu sogro na ruas da Cidade Vargas. À noite. Era um lugar calmo de ruas planas.

Foi por esses tempos que São Paulo importou do Rio de Janeiro o Coronel Fontenelle para dar um jeito no trânsito que era caótico já naquele tempo.

O homem, conhecido pela truculência, simplesmente mandava esvaziar os pneus dos carros estacionados em lugar proibido. Como não havia guinchos para rebocar todos os infratores, ele apelava para esse expediente ilegal e agressivo.

Teve muitos problemas com uma deputada que o enfrentou e processou pela maneira de trabalhar. A deputada Conceição da Costa Neves ou Conceição Santa Maria, depois da separação. Ela se elegia em todos os pleitos com os votos dos leprosos de Santo Ângelo e Pirapitingui, duas grandes colônias de hansenianos, os quais ela defendia e ajudava. Formou um eleitorado cativo.

O coronel Américo Fontenelle encheu a cidade de blocos de cimento, criando corredores e fazendo o que chamou de rótulas. A grande e a pequena. Uma circundava o centro e a outra mais na zona periférica da área central. Proibiu a entrada de carros no centro da cidade, num raio de mais ou menos três quilômetros. Embora o homem estivesse certo nos conceitos, deu-se mal na maneira de agir e logo depois tudo foi desmanchado. Voltou para o Rio e não se falou mais nele. Hoje, ninguém mais dá jeito no trânsito paulistano. Não fora o metrô ninguém

Octávio Caúmo Serrano

mais andaria na minha cidade.

Maria trabalhou ainda alguns anos no INSS e quando o filho fez seis anos ela se demitiu para cuidar dele. Havíamos combinado que enquanto durasse a prestação da casa ela deveria trabalhar para ajudar. Com a inflação, tudo mudou.

Com a intenção de ganhar mais, procurei emprego pelo jornal e encontrei, sem saber, na fábrica de um primo, o José Serrano, dono da Têxtil J. Serrano Ltda., fabricante de tecidos para tapeçaria e hoje produtor dos tapetes J.Serrano.

Atendi a um anúncio e me submeti aos testes como os demais candidatos. Não houve nepotismo. O entrevistador perguntou se eu era parente do Sr. José devido ao sobrenome Serrano. Nada mais. A fábrica está em Vargem Grande, município de Cotia, São Paulo, no Km 43/44 da Rodovia Raposo Tavares, onde há fiação e tinturaria, e o escritório era na Av. Independência, 487, no bairro do Cambuci.

Eu era o contador, mas fazia também todas as compras da indústria. De papel higiênico a automóvel, mediante requisições que chegava diariamente de Cotia, onde o gerente era outro primo, o Roberto, criado pelo tio Evaristo Serrano, pai do José.

José Serrano, um homem que também tivera infância muito difícil e progredira graças ao seu destemor, era muito exigente. E, que ele não nos ouça, até meio ranzinza, embora jovem, simpático e rotariano. Quando queria uma coisa, era terrível. Era tudo para agora e já. Até a irmã dele, minha prima Maria, tremia diante do irmão.

As compras eram entregues no escritório, onde ha-

Eu vi (vi) São Paulo

via uma garagem e depois o caminhão da fábrica retirava e transportava até Cotia. Vinha só o motorista e nós, o Pedro (auxiliar de contabilidade), o Benito (auxiliar de vendas) e eu (contador), fazíamos o papel de chapa no serviço de carga.

Tambores de trezentos quilos de corantes e sacos de fio de algodão e rayon de sessenta quilos estavam entre os mais pesados para serem levantados do chão até a carroceria do caminhão. A carga era de mais de seis toneladas. Isso se repetia no mínimo duas vezes por semana. Despachávamos o veículo, tomávamos banho e recomeçávamos nas nossas funções administrativas.

Havia ali também um setor com uma máquina perfuradora de cartões usados nos teares Jacquard, os cartões que determinam o desenho que são feitos pelos trançados da trama com a urdidura formando o tecido.

Cansado do imediatismo e da insatisfação do primo, trabalhei com ele somente dez meses.

Fiz um teste numa empresa americana: Produtos Farmecêuticos e Biológicos Ayerst do Brasil, afiliada da holding American Home Products Corporation junto com Laboratórios Anakol (fabricante da pasta Kolinol na época, Fontol e AAS), Fontoura Wyeth, Instituto Medicamenta Fontoura e Produtos Químicos Fontoura, dos conhecidos Detefon e Biotônico Fontoura.

Chovia a cântaros. Sai do escritório às 18 horas e o teste era às 19. Quase não chego a tempo. Um funcionário da Ayerst, o Paulo, bastante gentil, levou-me ao lavatório para eu me enxugar. A sala estava com mais de cinquenta candidatos. A vaga era para sub-contador. Fui aprovado e escolhido. Mudei de emprego pelos mesmo salário que

Octávio Caúmo Serrano

ganhava: CR\$ 22.000,00. A Ayerst era na Rua Varnhagen, 44, sobreloja, única travessa da Ladeira Porto Geral, que liga a Rua Boa Vista à Rua 25 de março. Depois comprou a fábrica da ICI, Imperial Chemical Industries, na Rua Serra da Juréia, no Bairro do Tatuapé, no setor farmacêutico enquanto a ICI permaneceu com a linha veterinária. Quase dezesseis milhões de cruzeiros. Lembro que, na condição de procurador da empresa, eu assinei o cheque da compra. Tinha por volta de vinte e seis anos. As demais fábricas do grupo eram no Brás, na Rua Caetano Pinto, 125, que foram depois transferidas para a Via Anchieta, uma das estradas que ligam São Paulo a Santos, logo no começo, depois do bairro do Ipiranga.

Ótimas empresas para se trabalhar. Pagavam bem e eu como profissional de contabilidade trabalhava com prazer pois nunca vi sonegação nem caixa dois. Nessa empresa senti-me valorizado como profissional. Ali a contabilidade era para o controle e orientação da diretoria quanto à rentabilidade, situação econômica e financeira, programa de investimentos, etc., e não simplesmente por imposição fiscal e tributária.

Entre na Ayerst em 15 de dezembro de 1959 com o salário de vinte e dois mil cruzeiros. Em junho passaram-me para trinta mil e logo em seguida promoveram-me com um salário de quarenta e sete mil e duzentos cruzeiros. Eu pagava prestação da casa de seis mil e quinhentos, valor congelado, desde quando ganhava onze mil. Uma época dura, porque, somando ao salário de minha esposa, tínhamos que fazer todas as despesas, manter sogro e sogra, que moravam conosco e que não tinham qualquer renda, e ajudar minha mãe viúva e meu irmão menor.

Eu vi (vi) São Paulo

Com a renúncia do presidente Jânio da Silva Quadros, começou o processo inflacionário, com a conhecida instrução 204, que liberaria o câmbio. O Ministro da Fazenda de Jânio era outro primo da minha mulher: O Dr. Walter Moreira Salles. Passei a pagar a casa por anuidade e não mais por mensalidade. No início do ano eu fazia um cheque para os doze meses. A inflação me ajudou muito sob diversos aspectos.

Terminava a década de 50.

Como sempre houve no mundo certos “heróis negativos” que passaram para a história, como Virgolino Ferreira, o Lampião, Ronald Biggs, o ladrão do trem pagador, e Amleto Gino Meneghetti, o ladrão que tirava dos ricos para dar aos pobres (!?). Em 2 de maio de 1960 era executado Caryl Chessman. Os repórteres Carlos Spera e José Carlos de Moraes (o tico-tico), da TV Tupi, dos quais já falamos em páginas passadas, foram aos Estados Unidos fazer a cobertura para a TV. O acontecimento monopolizou a imprensa de todo o mundo.

Acusado de matar onze casais, Caryl Schesmann foi condenado pelo Estado da Califórnia à pena de morte, em 23 de janeiro de 1948. Na prisão, estudou direito e conseguiu adiar a sua execução até 2 de maio de 1960, quando, às dez horas e doze, morreu após nove minutos na câmara de gás. Era conhecido como o “Bandido da Luz Vermelha”.

Falamos acima, entre os “idólos”, de Meneghetti, um italiano que chegou ao Brasil em 1913, com 35 anos de idade.

Um ladrão convicto e assumido, era conhecido como o Gato dos Telhados. Era anarquista e só roubava os ricos. Nunca ameaçou qualquer pessoa.

Octávio Caúmo Serrano

Casado com uma mulher bonita, tinha dois filhos e estava sempre acima de qualquer suspeita.

No ano de 1926 foi perseguido por 200 policiais e bombeiros por quase dez horas. Pulou muros, saltou telhados e por fim entregou-se, quando foi condenado a 19 anos de prisão. Saiu da cadeia em 1945, mas voltaria às prisões ainda por diversas vezes.

Aos 92 anos de idade foi preso forçando uma fechadura de uma casa no bairro de Vila Madalena. Morreu com 98 anos, pobre e doente.

Ninguém se dedicou como ele à “profissão” de ladrão com tanta competência e obstinação!

Eu vi (vi) São Paulo

1961-1970

Eu queria progredir.

Em 15 de abril de 1961 eu deixava essa companhia, convencido que meu trabalho valeria CR\$ 70 mil por mês e não CR\$ 47.200. Em 2 de maio de 1961 comecei a trabalhar na Beta Industrial e Comercial Ltda., Rua Antonio Fidelis, 361, na Lapa de Baixo, que depois mudou para a Av. Santa Marina, 1588, Freguesia do Ó, em ampla sede própria. Lá eu era o contador geral. Comecei em maio de 1961 com R\$ 65.000,00, em julho fui para 70 mil e em novembro para 85 mil cruzeiros por mês.

Eu já havia trocado o Prefect 1951 por uma Vemaguete cinza e preta, 1958, usada e depois comprei uma nova, 1963, caramelo, placas 17-42-89. Meu primeiro carro 0 km.

A Beta era uma empresa especializada em sais para tratamento de metais durante a fusão e agentes aglomerantes para moldagem de fundidos, tintas, ligas de metais, etc.

O patrão, Sr Gert Kaufmann (para nós o seu Geraldo) era um lutador, como todo judeu. Depois de dois enfartos, decidiu ir mais devagar e dividir a firma. Ofereceu uma parte a três funcionários. Dois mais antigos, com muitos anos de casa, o Silvio Landini e o Ernesto D'antino (já falecidos e que aniversariavam no mesmo dia), e eu que estava na firma havia menos de dois anos. Em 25 de março de 1963, nasceu a Profusa-Produtos para Fundação Ltda., nome criado pela minha esposa, empresa que ainda está no mercado dirigida pelos filhos do Sr. D'Antino, a Yvonne e o Sérgio, o mesmo que é advogado, sócio e empresário de muitos artistas.

Seu Geraldo nos repassou os pedidos em carteira,

Octávio Caúmo Serrano

financiou as importações em trânsito, adiantou capital de giro, etc., etc, em troca de fazermos a administração da Beta. Fui sócio desses dois senhores até maio de 1964. Deixei a firma por dificuldade de convivência, vendendo-lhes minhas cotas em troca de 30 parcelas iguais ao salário que eu ganhava, sem juros ou correção.

Nessa época, minha sogra, Da. Isaura , que como já sabem morava em Minas Gerais, veio a falecer em 26 de junho de 1963.

Enquanto eu não decidia o que fazer, arrumei emprego em uma grande empresa: Bates do Brasil S/A., fabricante de sacos de papel kraft para cimento, cal, açúcar e café. Fui contador geral e depois sub-controlador.

Comecei no dia 21 de agosto de 1964, com o salário de R\$ 400.000,00 e quando sai em 30 de junho de 65, percebia R\$ 507.000. Havia acontecido a revolução e estávamos em plena inflação, com quase sessenta por cento ao ano e já havia caído, em 31 de março de 1964, o presidente João Goulart, que assumira com a renúncia de Jânio Quadros. O cearense Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco passou a ser o presidente da República. Quem diria que na década de 80 teríamos com o Presidente José Sarney uma inflação de mais de 80%. E, o pior, a de Sarney não foi ao ano, mas ao mês.

Nessa época foi criada a correção monetária, com a lei 4357 e o decreto 58400 que regulava a distribuição disfarçada de lucros. Idéias dos economistas Roberto Campos e Octávio Gouveia de Bulhões, expertos no assunto que deixaram a empresa privada para servir ao governo. Era algo complicado e quem tinha dívida pendente saiu correndo para quitar e evitar a correção monetária.

Eu vi (vi) São Paulo

Deixei a Bates em 1965 e, a convite, voltei a trabalhar na loja Móveis Jacob Lafer e Decorações S/A, com os senhores Simão Lafer e Szmil Todres Sone, porque o Sr. Simão tinha a intenção de montar comigo uma empresa do ramo da Profusa. Mais tarde eu faria uma sociedade com ele e nasceria a firma Produtos para Fundação Fundibem Ltda, cuja sede construímos na localidade denominada 1ª Gleba da Micro Indústria, um loteamento no então recém criado município de Diadema.

Diadema, que era distrito de São Bernardo do Campo desde 1948, havia conseguido emancipar-se e passou a ser município em 01/01/1960, tendo como primeiro prefeito o Sr. Evandro Caiafa Esquivel. Tinha meia dúzia de indústrias. Ocupa apenas 4,94% do rico ABCD paulista e 0,01% do território do Estado de São Paulo, com área de 30,7 Km². Bem pequeno, como se vê. Atualmente tem por volta de quatrocentos mil habitantes.

O segundo prefeito de Diadema, que criara esse plano de expansão industrial para o município, foi Lauro Michels. Criou mais duas glebas para micro indústrias.

Num terreno de dois mil metros quadrados, fizemos um galpão de 600 metros, mais um pequeno prédio separado, em dois andares, para escritório no andar superior e cozinha e vestiários de operários em baixo.

A avenida se chamava Marginal, porque margeava um pequeno córrego. Era uma travessa da Av. Casa Grande, na altura do 1800. Fizemos um requerimento à Câmara Municipal pedindo a mudança do nome para Av. Fundibem, o que foi atendido pelo decreto 186 e cujo nome perdura até hoje.

Durante a construção eu sofri um grave acidente com

Octávio Caúmo Serrano

o Gordini 62 que tomei emprestado da minha mulher. Nosso único carro na ocasião.

Um caminhão basculante, com sete toneladas de carga desceu a íngreme ladeira da Av. Cupecê, no bairro Cidade Ademar, e bateu de frente comigo, quando eu subia a 10Km por hora, atrás de um ônibus. O último golpe que dei na direção me salvou a vida. Não tive um único arranhão. A frente do carro, macaco, bateria, e tudo o que havia até o parabrisa, desapareceu. Depois de bater em mim, o caminhão derrubou uma pilha de tijolos e parou a um metro de um bar, onde crianças jogavam bolinhas de gude. Se não me abalroasse primeiro, haveria uma tragédia.

Passei a andar de ônibus até o largo de Piraporinha e depois quase dois quilômetros a pé para chegar à fábrica. Lá pelas três da tarde, eu fazia o caminho de volta.

Terminada a construção, começamos a divulgar nossos produtos. Com o começo muito difícil, o Sr Lafer desgostou-se da fábrica e passou a me tratar mal. quase não conversava e estava sempre irritado.

Durante mais de ano não tivemos telefone. Depois, conseguimos um ramal no PABX da Prefeitura de Diadema, mas no qual era impossível falar.

Começamos a divulgar o nome da firma. O único vendedor no início, meu irmão Oswaldo, que trabalhara com vendas na Kibon, ia aos clientes e todos queriam amostras dos produtos. Sr. Lafer dizia que eu havia montava uma fábrica de vender amostra.

Meu irmão trabalhava com um jeep Willys 58 e com ele fazia pequenas entregas. Após acompanhá-lo na parte da manhã para demonstrações, porque embora contador eu dominava a tecnologia dos produtos, almoçávamos, des-

Eu vi (vi) São Paulo

locava-me até a fábrica para dar as ordens de produção e lá pelas três da tarde ia para a loja do Sr. Lafer. Eu dava a eles uma assistência contábil e aproveitava para usar o telefone e fazer pedidos de materiais, fazer cobranças, falar com bancos, etc.

Ia diariamente ao Banco Bradesco, próximo do local, e passava numa loja, a Maci Modas, na mesma Rua Domingos de Moraes, 1560, onde havia a filial do Lafer, que havia sido desativada. Dava também ali uma rápida assistência contábil para ganhar alguns trocados. Não sei como o tempo dava para tudo.

Os donos, Sr. Paschoal Heumann e Zigmund Krym, parentes do Sr. Lafer, me ajudaram muito. Eu vivia desses dois salários porque da fábrica não podia tirar nada. Pagava os funcionários apenas e com muito sacrifício.

A fábrica, registrada em 25 de outubro de 1963, foi ficando conhecida, mas só no dia 30 de abril de 1964 fez a primeira venda. R\$ 10.400 (dez mil e quatrocentos cruzeiros), uma tampa refratária redonda de oitenta centímetros para forno. O freguês foi a fundição do Sr. Paulino de Giorno, fabricante de sinos de bronze para igrejas, na Av. Irai, 1787, no bairro de Moema. Na primeira fusão do forno a tampa partiu em duas. Tivemos que dar outra de graça, além de perder o freguês. Como veem, não começamos bem!...

Estávamos na ditadura militar e os negócios eram difíceis. Meu sócio continuava irritado e repetia que jamais fizera um negócio tão ruim em toda a sua vida.

Passados alguns meses, com as primeiras vendas, o IPI de saldo credor passou a devedor, precisando ser recolhido no mês três milhões e oitocentos mil cruzeiros. Fa-

Octávio Caúmo Serrano

lei com meu sócio, porque ele sabia que eu não tinha um só tostão, mas ele não respondia e ainda fazia cara feia.

O imposto precisava ser pago numa segunda-feira e eu sabia que se não pagasse o primeiro imposto, depois que fossem incorporados as multas, os juros e a correção monetária, o recolhimento se tornaria impraticável no futuro.

A essa altura, eu já havia comprado uma perua Rural Willys, usada, que servia de condução e para pequenas entregas. Até quinhentos quilos sendo eu o motorista e o carregador de sacos e caixas.

Fiz um anúncio no jornal o Estado de São Paulo, do menor tamanho, numa sexta-feira, vendendo minha perua, único veículo de trabalho e condução para ir da loja à fábrica, novamente à loja e para casa. Tudo muito longe e de condução lenta e demorada.

Aos sábados eu trabalhava na loja do Sr Lafer, das onze da manhã, até uma da tarde. Havia uma contadora, a Helenice, e no sábado eu tinha mais tempo para orientá-la nos assuntos pendentes.

Estava desanimado, pensando como faria com o imposto, mesmo sabendo que não tinha o que fazer, quando o Mello, um dos vendedores da loja, me chamou porque duas pessoas queriam falar comigo.

-Viemos ver o seu carro.

Estava na rua ao lado, Da. Júlia, sujo de barro porque eu trabalhara até aquela hora e não tivera tempo de lavá-lo. O interessado havia levado mecânico. Pediu para abrir o capô e viu que havia vazamento na junta de cabeçote. Nada comentou.

Disse ao interessado. Pode comprar porque o carro é bom, está trabalhando e não foi preparado para vender.

Eu vi (vi) São Paulo

-Qual é mesmo o preço.

-Quatro milhões e trezentos mil cruzeiros, conforme está no anúncio.

-Pago quatro milhões duzentos e cinquenta, está bem?

Pensando no imposto, aceitei a proposta.

Na segunda-feira levei o carro na Av. Angélica e fomos ao Banco onde ultimamos o negócio. Dali, já com a guia preenchida, paguei o IPI de três milhões e oitocentos mil cruzeiros e ainda sobraram quatrocentos e cinquenta mil cruzeiros que guardei para pequenas despesas.

No final da tarde, como eu sempre voltava para a loja, meu sócio perguntou: -Onde está o seu carro?

-Vendi.

-Como vendeu! Por que?

-Para pagar o imposto.

Com a cara mais sem graça que eu já vi alguém fazer, ele disse: -Mas eu ia dar o dinheiro...

-Eu não podia correr o risco. Faltava um dia para vencer e o senhor não falou nada...

-E agora como você vai trabalhar? Pegue a Kombi da loja.

-Deus me livre! E se eu sofrer algum acidente! Não terei como pagar. Não obrigado.

Quando ficou insuportável a convivência eu tomei a iniciativa e lhe propus conversarmos. Fiz-lhe a seguinte proposta: “Como o senhor gosta de trabalhar com imóveis e fazer negócios que dão dinheiro rapidamente, como o comércio, o que não é uma característica da indústria, que é como vaca leiteira, dá pouco, mas sempre, proponho que dividamos a firma. Pelas minhas contas, o di-

Octávio Caúmo Serrano

nheiro que o senhor investiu, setenta milhões de cruzeiros é o que vale o imóvel. Eu lhe dou o imóvel para quitar o seu capital e fico com a empresa. Serei seu inquilino.”

Ele sorriu aliviado. Livrara-se de um enorme abacaxi! Prontamente, definiu que o aluguel seria de um milhão mensal no primeiro ano e dois milhões no segundo ano. Nesse período eu teria uma opção de compra para o prédio por cem milhões de cruzeiros. Nem fiz castelos a respeito, porque era impossível juntar tanto dinheiro com a pequena indústria que apenas engatinhava.

Mas, sem alternativa, fechamos o negócio e não tive mais que aturar a cara feia, as lamúrias e as agressividades do meu sócio desiludido.

No mês dezembro do mesmo ano a fábrica faturou dez milhões. Mais do que a loja dele. Ele ficou surpreso e como o nosso negócio ainda não havia sido desfeito oficialmente, ele me propôs desistirmos, a deixar o dito pelo não dito, e ainda se ofereceu para investir na firma mais uns trinta milhões para capital de giro. Claro que não aceitei, porque ele se arrependeria mais tarde e eu teria de passar por tudo aquilo outra vez.

No final do segundo ano, ele já havia me notificado que o aluguel passaria a quatro milhões por mês (cem por cento de aumento) e a minha opção expiraria, podendo ele vender o prédio para quem desejasse. Eu tinha ainda o privilégio da compra por cem milhões, até o dia trinta e um de dezembro daquele ano: 1966. Nesse mesmo ano foi inaugurado em São Paulo o primeiro Shopping Center do Brasil: o Iguatemi. Uma luxuosa novidade, na Avenida Iguatemi, no trecho que hoje se chama Av. Faria Lima.

Final do ano 66. Na véspera do Natal, eu fui até a

Eu vi (vi) São Paulo

loja do Sr. Lafer com um cheque de noventa milhões e lhe perguntei se me concedia trinta dias de prazo para pagar o restante. Ele levou um susto e não acreditava no que via. Um milagre havia acontecido. Os negócios daquela fabriqueta iam tão bem que eu pudera tirar do giro cem milhões para investir no imóvel! No fim de janeiro de 67 quitamos o saldo e passamos a escritura.

Só como curiosidade: algum tempo mais tarde ele comentou com amigos que se houvera feito comigo o pior negócio do qual ele já participara, muito pior foi ter desfeito a sociedade. Para mim soou como um elogio!

Nessa altura, já tínhamos um telefone. O cabo vinha da central do Largo de Piraporinha e eram dois quilômetros até a nossa fábrica. Um telefone era pouco, mas para quem não tinha nenhum, estava ótimo.

Octávio Caúmo Serrano

1971-1980

Nossa primeira mudança.

Em 1971, devido a uma onda de assaltos na zona onde morávamos, decidimos mudar. Pensamos num apartamento e saímos a procura.

Depois de visitar alguns, chegamos ao Edifício Tocantins, obra da Construtora Albuquerque e Takaoka, que havia lançado um novo conceito de moradia. Prédio com piscinas aquecidas, salões de festa e jogos, ampla sala de recreação unindo as duas torres de treze andares, além de sala de cinema com equipamento de projeção próprio.

Pensamos em nem entrar, porque, como se afirma na gíria brasileira, não era para o nosso bico. Mas entramos, discutimos e compramos. O prédio estava semi-pronto e foi entregue uns dois meses depois. O edifício está na Rua Abílio Soares, 625 e o nosso apartamento era o 113, no 11º andar. Bairro do Paraíso, próximo à Avenida Paulista. Mudamos para lá em 20 de agosto de 1971. Um mês antes, quando ainda morávamos na Rua das Nhandirobas, minha mãe faleceu de um colapso cardíaco. Era o dia 7 de julho de 1971.

Nesse mesmo ano o prefeito Paulo Salim Maluf inaugurava uma obra polêmica: o Elevado Costa e Silva, que o povo logo apelidou de Minhocão. Passava por cima da Avenida São João.

Sempre foi o forte desse engenheiro encontrar soluções para o melhor escoamento do trânsito urbano. Para termos uma idéia de sua capacidade, graças a pequenas e baratas obras e modificações, o motorista sai do Aeroporto de Congonhas e vai ao Aeroporto de Guarulhos, sem

Eu vi (vi) São Paulo

um único semáforo, passando pelo coração da cidade. Um trajeto de mais de cinquenta quilômetros. Um ovo de Colombo que só coloca de pé quem conhece.

A compra do apartamento foi a vista e como faltavam dez milhões, vendemos o Fusca de Maria porque ali o carro era dispensável para ela. Tínhamos condução farta, bem à nossa porta.

Devido ao desenvolvimento dos negócios, começamos a criar sonhos. Olhando pela janela do escritório e vendo mil metros quadrados de terreno vazios, veio à cabeça construir outro galpão de seiscentos metros quadrados. Além dos produtos químicos para fundição e a seção que fabricava o hexacloroetano, tínhamos também uma fundição de não ferrosos. Tudo na mesma instalação.

Telefonei à Construtora Cotic, do Sr João Cotic, que construía quase tudo em Diadema e São Bernardo, e lhe perguntei: -Por quanto o senhor constrói um armazém de seiscentos metros quadrados, trinta metros por vinte, com pé de direito de nove metros e um mezanino para banheiros e vestiários de oitenta metros quadrados, quatro por vinte, dentro do galpão?

-Trezentos e sessenta milhões de cruzeiros.

-Com que facilidades?

-Seis pagamentos iguais de sessenta milhões.

-Vou pensar e depois lhe dou a resposta.

Nossas vendas não passavam de trezentos e oitenta milhões com um lucro final de menos de quarenta. Como poderia pagar sessenta milhões durante seis meses!

Num gesto de coragem, ou de irresponsabilidade, no dia seguinte liguei para o Sr. Cotic e o autorizei a elaborar plantas e dar andamento no negócio.

Octávio Caúmo Serrano

Aconteceu algo surpreendente.

As grandes empresas de alumínio, ASA, Alcan, Alcoa, Metal Leve, Aisa, Furukawa e outras, eram disputadas pelos quatro maiores fabricantes de sais de fundição, sendo que nossa empresa era a menor delas.

Foi uma época em que não tínhamos telex, embora solicitado à Embratel, fax não existia, e.mail nunca se ouvira falar e era tudo feito por carta, telegrama, telefone ou pessoalmente.

Antes de contar o que aconteceu de surpreendente, vou fazer uma pausa para falar de telefone. Não percam o raciocínio.

Certa vez tive um desses ímpetos de escrever carta. Gosto de escrever carta. Talvez tenha sido um epistológrafo em alguma encarnação passada. Estávamos no carnaval e fui trabalhar na segunda-feira. A firma havia fechado, mas meu irmão e eu estávamos lá para aproveitar o silêncio e o sossego e pôr em dia algumas pendências.

Decidi escrever uma carta para a CTBC - Cia Telefônica da Borda do Campo para pedir mais um telefone. Expus as nossas dificuldades e necessidades e pedi ao meu irmão para levar a carta na Av. Portugal, em Santo André, o A do ABCD.

Meu irmão perguntou:

-Por que você fez essa carta. Não há telefone disponível, nem previsão de abertura de plano de expansão?

-Não faz mal, respondi. Pelo menos vai ficar registrado que precisamos de um telefone. Um dia vai ter!

Acreditando ser absoluta perda de tempo, meu irmão protocolou a cópia da carta e me entregou, com um sorriso irônico.

Eu vi (vi) São Paulo

Menos de dois meses, recebo chamado da CTBC: -
O senhor pediu um telefone?

-Sim senhor.

-Pode trazer o contrato da empresa e um cheque para pagar a primeira das doze prestações.

Perguntei o valor, fiz o cheque e sai voando. Eram onze e meia e até esqueci que eu não gostava de ficar sem almoço. E ainda não gosto. Às doze horas sempre me encontram à mesa do restaurante.

Na sala de espera, meio impaciente, aguardei que uma senhora fosse atendida. Logo depois, fui chamado.

O funcionário preencheu o formulário, recebeu o cheque, deu quitação, e eu lhe perguntei: -Para quando é a instalação do telefone?

Ele pensou e disse: -Deixe-me ver. Hoje é terça... Até sexta-feira no máximo.

Não acreditando no que ouvia, levantei-me para ir embora, quando ele me chamou.

-Desculpe, posso fazer uma pergunta ao senhor?

-Claro.

-O Sr é amigo do Dr. Arno, presidente da CTBC?

-Não senhor.

-Quem o senhor conhece aqui na companhia?

-Ninguém, senhor. Não conheço ninguém.

Ele olhou muito desconfiado e disse:

-Se o senhor não quer dizer, não tem problema. Mas nós só tínhamos quatorze telefones disponíveis. Treze haviam sido distribuídos e só sobrou este que vai para o senhor. Mas se o senhor diz que não houve a interferência de ninguém, é porque não houve, não é? O seu sorriso malandro denunciava que ele me considerava um grande

Octávio Caúmo Serrano

mentiroso. Mas eu falava a verdade!

Na quinta-feira às oito da manhã o carro da CTBC chegou ao nosso escritório e o funcionário informou:

-Vamos trazer o cabo do telefone lá do largo de Piraporinha. São dois quilômetros. Lá pelo meio dia nós devemos estar por aqui. No começo da tarde nosso telefone estava funcionando.

Quem ou o que teria convencido a CTBC a me dar o telefone? Mistério que nunca desvendei!

Voltemos ao tal acontecimento surpreendente.

Entusiasmado com a força das cartas, decidi enviar uma para a empresa ASA-Alumínio S.A. da Igarassu-PE, oferecendo nossos materiais. Já vendíamos nossos sais de tratamento à Metal Leve, o que representava uma das melhores referências no setor, pela precisão de seus fundidos para pistões de avião, exportados para as grandes companhias americanas.

Quase um ano depois do envio dessa carta - já nem mais me lembrava dela -, um engenheiro nos telefonou, informando que era o responsável pela fundição da ASA e que havia saído de Santo André-SP, município vizinho a Diadema, para assumir em Pernambuco, na cidade de Igarassu. Havia encontrado uma carta na gaveta do engenheiro que ele substituía, na qual oferecíamos nossos materiais. A carta não fora aberta pelo antecessor. Disse que desejava ir a São Paulo visitar nossa fábrica, porque sua empresa comprava produtos da França, da Rhone Poulenc, e tinha a impressão, pelo que dizíamos na correspondência, que poderíamos atendê-lo sem que ele dependesse de importação, algo bem complicado naquele tempo.

No dia marcado, fomos ao Aeroporto de São Paulo,

Eu vi (vi) São Paulo

Congonhas como é mais conhecido, esperar o jovem engenheiro.

Depois de demonstrar-lhes nossos produtos, ele deu um pedido experimental de cinquenta quilos para cada um dos quatro saís químicos.

Despediu-se e no dia seguinte enviamos o material.

Uma semana depois, reclamou que não havia recebido, mas que seria melhor enviar duzentos quilos de cada um, porque cinquenta quilos era pouco para um teste representativo.

Os produtos foram aprovados e ele colocou uma programação para oito meses, de maio a dezembro, num volume que elevava nosso faturamento dos trezentos e oitenta para mais de seiscentos milhões. Quantidades que iam além de três toneladas de cada item, todos os meses. Como os gastos diretos já estavam cobertos pelo faturamento, os sessenta milhões que precisávamos para pagar o Sr. Cotic, estavam garantidos e a obra nem havia sido iniciada.

Fizemos o galpão e mais uma ampliação do escritório com sala da diretoria do primeiro andar e PABX e sala de engenharia no térreo. Ficou muito bom. Quem comandou a reforma dos escritórios foi o Octávio, meu filho, e as dependências ficaram amplas e agradáveis.

A empresa cresceu e com a compra de mais terreno, o parque industrial foi posteriormente ampliado para sete mil metros quadrados de área e quase quatro mil metros quadrados de construção.

Tínhamos um grêmio, quadra de futebol de salão, restaurante grátis, convênio médico que oferecíamos também gratuitamente aos funcionários, além de facilidades

Octávio Caúmo Serrano

em farmácias e papelaria para material escolar.

Nossos funcionários faziam propaganda da nossa empresa junto ao operariado da região e diziam que era a melhor fábrica quer pelos salários quer pelas condições de trabalho. Talvez por isso nós nunca tivemos um dia de greve. E olhem que éramos químicos e metalúrgicos no ABC, nos tempos em que eram sindicalistas o Presidente Lula, Vicentinho, Jair Meneghelli, Joaquinção, Rogério Magri, Antonio Medeiros, etc. Uma turma da pesada com a qual cruzávamos a todo momento!

Nesse ano de 1972, São Paulo foi abalada por um triste acontecimento. O Edifício Joelma, na Avenida Nove de Julho, próximo ao Vale do Anhangabau, bem no coração da cidade, pegou fogo. Vinte e cinco andares, onde havia mais de setecentas e cinquenta pessoas deixou um saldo de cento e setenta e nove mortos e mais de trezentos feridos. A TV mostrou ao vivo as pessoas se jogando do alto do prédio, em desespero. Os helicópteros não conseguiram pousar devido à fumaça e aqueles que estavam na cobertura e recebiam leite para desintoxicar-se, jogavam o líquido na laje para resfriá-la. Uma tragédia!

O prédio foi restaurado e ainda hoje faz parte da paisagem paulistana.

Em dezembro de 1972 fizemos nossa primeira viagem internacional. Das mais comuns. Tomamos um navio no porto de Santos, o Rosa da Fonseca, do Lloyd Brasileiro, e fomos até Montevidéo, Mar Del Plata e Buenos Aires. Passamos o reveillon a bordo. Convenhamos que para o menino pobre já era um passo que nem todos conseguem dar. Uma noite de tango na Boca, compras na Calle Florida, caminhar pela Corrientes. Em Montevidéo co-

Eu vi (vi) São Paulo

nhecemos o Estádio Centenário e em Buenos Aires o La Bombonera, do Boca Juniors . Tudo o que ouvíamos falar, agora estávamos vendo. Onze dias de glória.

Nessa viagem, descobri em mim um vocação desconhecida. Embora neto de espanhol, jamais falara com meu avô nesse idioma e jamais o ouvira conversar com alguém em castelhano, porque tive pouco convívio com ele. Nossas conversas de dez ou quinze minutos, por insistência da mãe que mandava que visitássemos os avós, não passaram de dez ou quinze vezes, se muito, em toda a vida.

Em Buenos Aires, tínhamos programada uma visita. Iríamos à casa de Da. Cesarina, que morava na Villa Ballester, servindo-nos do metrô, estação Mitre, um meio de transporte que existe em Buenos Aires desde 1909. O de São Paulo teve sua primeira linha rodando só em 1974.

Ao desembarcar em Buenos Aires, falei com o fiscal aduaneiro que estava na escada do navio e pedi autorização para passar porque eu levava cinco quilos de café para essa amiga argentina.

Fiz a pergunta em espanhol e o homem respondeu. Passe, senhor, ninguém leva um país à bancarrota com cinco quilos de café.

Peguei-me falando o idioma deles, que não era um portunhol nem um espanhês. Todos me entendiam e eu também os compreendia, corretamente. Jamais houvera estudado a língua!

Depois de muita gente dizer que eu falava bem, acabei me convencendo e para conferir prestei um concurso para a obtenção de diploma de espanhol como língua estrangeira na Embaixada da Espanha em São Paulo. Em 1993 submeti-me ao teste para diploma Básico e passei.

Octávio Caúmo Serrano

No ano seguinte fiz para diploma Superior e também fui aprovado. Recebi o diploma com registro do Ministério de Educação e Ciência da Espanha, seção de Madrid, e posso lecionar espanhol.

Como espírita que sou desde 1970, posso compreender esse conhecimento como um saber armazenado de vidas passadas. Essa alegria que sinto ao falar ou ouvir o idioma espanhol ou ao visitar países hispânicos, só pode ser explicada pela reencarnação. É o que imagino!

Retomemos a minha história da década de 1970.

Depois de ter comprado meu primeiro carro 0 km em 1963, uma Vemaguet, a perua DKW que posteriormente troquei por um Aero Willys 65, não mais havia andado de carro novo. Só em 1975 comprei um LTD O km, o carro grande da Ford, usado por executivos. Foi meu primeiro carro de câmbio automático. Gostei tanto que nunca mais, nestes trinta e quatro anos tive carro mecânico. Meu veículos atual é um Honda New Civic.

Em 1975, depois de algumas viagens pelo Brasil, fomos aos Estados Unidos e México. Lá estávamos nós diante da Catedral de Guadalupe, passeando nas águas do Chochimilco e assistindo aos mariaches no Parque Chapultepec. Na Cidade do México, com quase três mil metros de altitude, passamos a conhecer o que a altitude faz no organismo de quem não está acostumado.

Fomos a Acapulco e vimos o salto dos mergulhadores. Uma das piores viagens de avião, porque descemos de cerca de três mil metros para o nível do mar em apenas quatrocentos quilômetros, ou seja quarenta minutos de voo. Parece que enfiam uma agulha do nosso ouvido.

Mas valeu a pena. Passeamos na baía de Acapulco

Eu vi (vi) São Paulo

onde estão as mansões de importantes artistas. Ali vimos a casa onde Maria De La Costa (a Maria Bonita) se encontrava com Agustín Lara e também a de Mario Moreno, o insubstituível comediante e ator de cinema, Cantinflas.

Seguimos para Washington, Nova Iorque, etc. E lá estava o menino pobre que tinha como sonhos possuir um rádio de pilha e um gravador, frente a frente com o Memorial George Washington, com o Pentágono e o FBI. Em Nova Iorque conhecemos o Central Parque, a Estátua da Liberdade, o Empire State Building, na época o mais alto do mundo, fomos à Broadway assistir a um show. Para os ricos um relato como este é absolutamente brega, porque faz parte do cotidiano deles. Mas para um filho de operários era um êxtase; algo jamais sonhado.

Em 1976 eu havia comprado um Landau e no ano seguinte um Dodge Charger RT. Esses carros faziam entre três e meio e quatro quilômetros com um litro de gasolina. Não podiam ver mulher de vermelho que paravam pensando que era bomba de gasolina.

Devido ao péssimo preço na revenda desses carros, decidi entrar na linha Mercedes. Tive na sequência seis diferentes Mercedes, desde um 250, passando pelos 280S e 280C, até um 450SLC.

Ainda no ano de 1975, no dia 16 de novembro, dera-se a implosão do Edifício Mendes Caldeira, na Praça da Sé, para atender a obras do metrô. Lá foram de embrulho os velhos cine pulgueiros Santa Helena e Cinemundi. Um acontecimento que a TV mostrou. Em menos de um minuto estava totalmente no chão o edifício que era na época o maior do mundo em estrutura de concreto armado.

A tecnologia e a perfeição do trabalho deixou a to

Octávio Caúmo Serrano

dos encantados. Manualmente era trabalho para anos. Depois dele, muitos outros seguiram o mesmo caminho e o método virou algo corriqueiro. Mas o primeiro foi sensacional e emocionante! Eu vi!

Em 1976, mudamos para a Avenida dos Bandeirantes, 5800, em uma casa muito agradável.

Nesse mesmo ano começamos a introduzir nossos materiais no mercado exterior. Como primeira viagem, visitamos Peru, Colômbia e Venezuela. Nomeamos agentes e fornecemos tecnologia a empresas desses países, para a fabricação de nossos produtos sob licença. Na Fundibem, tínhamos algumas tecnologias especiais.

Fomos pioneiros em fundição de precisão pelo processo cerâmico, quando desenvolvemos também ligas de cobre-berílio, ligas à base de cobre, com dureza de aço após tratamento térmico, para ferramentas de injeção e sopro de plástico e pistões para injetoras.

Na linha de sais melhoradores de metais, fabricávamos o Hexacloroetano um sal de cloro usado na degaseificação do alumínio durante a fusão, que vendíamos para vários países e aos nossos concorrentes. Além dele tínhamos ampla linha de sais para fundição e fornecíamos, também aos fabricantes de panelas (Clock, Panex, Penedo, Fulgor, Vigor, Couraça, Nigro, etc) entre muitas outras empresas expressivas no setor de alumínio.

Vendíamos também para o exterior e chegávamos a entrepostar material em Rotterdam para atender a países europeus, concorrendo com a ICI na Inglaterra, fabricante da mesma mercadoria.

Vendíamos nosso hexacloroetano na América do Sul (Argentina, Uruguai, Peru, Colômbia, Venezuela), Esta-

Eu vi (vi) São Paulo

dos Unidos, Alemanha, Inglaterra, Itália, Coréia, Japão, África do Sul, Índia e outros.

O inusitado é que nós abríamos a clientela por carta, num inglês macarrônico. Escrevíamos a Embaixadas e Consulados Brasileiros no Exterior ou a Embaixadas e Consulados desses países no Brasil, pedindo nomes e endereços de consumidores dos produtos que fabricamos. Fazíamos o mesmo para conhecer fornecedores de produtos estrangeiros que utilizávamos como matérias primas. Foi como desenvolvemos a clientela estrangeira e fornecedores de matérias primas inexistentes no Brasil.

No setor de fundição, houve um lance que foi fundamental para o nosso desenvolvimento.

Havíamos recém pesquisado a liga de cobre-berílio e só havia matéria prima nos Estados Unidos e Inglaterra. Procuramos alguém que tivesse na praça e soubemos que a firma A.Tonolli, no bairro de Santo Amaro, produtora e revendedora de ligas metálicas, tinha, rara e excepcionalmente, uma partida de cobre berílio de cinco toneladas.

Estávamos iniciando o trabalho, ainda em fase de pesquisa, e nosso consumo mensal era de cinquenta quilos. Havíamos recém viajado, o Engenheiro Takeshi Suzuki e eu, aos Estados Unidos a convite da Avon Cosmetics para aprender melhor a tecnologia da produção de moldes e matrizes para plásticos em cobre berílio. Consultamos a Tonolli, empresa que tinha o metal, que nos informou que só venderia o lote inteiro, a cem cruzeiros por quilo, no total de quinhentos milhões. Nosso faturamento total era de setecentos milhões. Aceitariam parcelar o faturamento a trinta, sessenta e noventa dias da data da entrega.

Estávamos com a referida viagem marcada para

Octávio Caúmo Serrano

Venezuela, Colômbia e Peru, onde visitaríamos clientes e nomearíamos distribuidores dos nossos produtos químicos.

Decidi fazer a compra. Sabia que uma empresa do ramo de soldagem, Eletrodos Simonek, para a qual fundíamos quadros e pinças em ligas especiais para máquinas de solda, utilizava esse material. Liga de cobre berílio a quatro por cento de berílio. No nosso trabalho usávamos ligas com dois a dois e meio por cento de berílio, o que aumentava aquelas cinco toneladas para quase oito, após serem diluídas com mais cobre. Tínhamos cobre berílio até o terceiro milênio, foi o que imaginamos.

A empresa A. Tonolli demonstrou confiança na Fundibem porque a fatura era enorme diante da nossa estrutura e do que vendíamos mensalmente. Embora já fôssemos clientes deles, nossas compras eram bem pequenas.

Havíamos deixado orientação para que o engenheiro responsável pela fundição oferecesse à Simonek o material, a trezentos cruzeiros por quilo. Eles aceitaram e encomendaram trezentos quilos o que deu noventa milhões de cruzeiros. Na semana seguinte pediram mais trezentos quilos e logo a seguir mais trezentos. Ou seja, dos quinhentos milhões, com a venda de apenas novecentos quilos (dezoito por cento das cinco toneladas totais), havíamos recebido duzentos e setenta milhões (cinquenta e quatro por cento do valor). O saldo de duzentos e trinta milhões em três pagamentos, já não mais era problema.

Esse lance foi um dos responsáveis pelo crescimento da nossa fábrica e pela nossa libertação do jugo bancário com o desconto de duplicatas.

Os leitores já perceberam que Deus nos ajudou em muitos momentos da nossa vida, ostensivamente. Tam-

Eu vi (vi) São Paulo

bém nesse período, dois acontecimentos valem a pena ser relatados, mostrando a proteção e a orientação divinas que chegam das maneiras mais inusitadas.

O primeiro refere-se a um incêndio que tivemos no setor de fundição.

Houve uma maré de perda de peças fundidas o que nos aborrecia. Um trabalho caro e de precisão que, de repente, começava apresentar alto índice de refugo. Não apenas as ligas eram caras, mas também a moldagem que era feita à base de zirconita e silicato de etila, que era o aglomerante. Mais ou menos como os moldes que os próticos usam para fundir próteses dentárias.

Era hábito em nossa empresa dar o décimo terceiro salário, conforme determina a lei, mais o décimo quarto e mais alguma coisa para os que demonstrassem dedicação acima da média.

Diante dos fatos, sem comentar com ninguém, decidimos que iríamos nos reembolsar pelos prejuízos causados com os refugos, cortando as gratificações que não fossem determinadas por lei. Tínhamos uma equipe de jovens e eles estavam se mostrando irresponsáveis. Foi a conclusão a que chegamos.

Fomos surpreendidos com um incêndio. Um cadinho com quinhentos quilos de ferro derretido estourou e o fogo alastrou-se pela mangueira de óleo diesel em direção ao reservatório. Grandes labaredas e uma fumaceira que não permitia enxergar o que acontecia.

Esses jovens que eu taxava de irresponsáveis, tomaram os extintores, ligaram os hidrantes e controlaram em menos de dez minutos todo o incêndio, inclusive sem destruir os moldes que estavam prontos para receber o metal

Octávio Caúmo Serrano

derretido. Um prejuízo insignificante diante da catástrofe que se desenhava. Na porta do galpão eu gritava para que eles abandonassem o prédio, mas eles, sem me dar atenção, só pararam quando o fogo estava controlado.

Chegaram os bombeiros e nem rescaldo foi preciso. Tudo fora feito com perfeição pela nossa jovem equipe de funcionários. Apenas assinamos o boletim da ocorrência.

Dispensamos os funcionários naquele fim de tarde e mandamos buscar cerveja para que todos pudessem comemorar. Houve muitas risadas depois que tudo acabou. A faxineira que limpava um dos banheiros do setor naquele momento, saiu de quatro pelo chão da fábrica e se jogou da plataforma de um metro e vinte, caindo sentada no pátio. Agora, tudo era engraçado!

Fomos para a nossa sala, sentamos, relaxamos, meditamos e percebemos que aquele incêndio se destinava a reparar os conceitos errôneos que havíamos estabelecido em relação àqueles operários. Concluímos que se o comandante não faz o trabalho corretamente é porque o comandante não orientou a tropa com competência. Era outubro. Em dezembro, pagamos o décimo terceiro, o décimo quarto e o algo mais, como fazíamos habitualmente.

Comprendemos claramente que o pequeno sinistro foi um recado cifrado para o dono da firma que estava totalmente equivocado. Logo depois do acontecimento, os refugos voltaram ao normal.

Outro episódio que mostra como Deus nos ensina e nos protege, o que nem sempre percebemos, pode ser compreendido no episódio do assalto.

Tínhamos uma portaria organizada. Um dos porteiros era o seu Astério. Muito espirituoso, mas acabou ten-

Eu vi (vi) São Paulo

do um derrame que o deixou semi-invalído. Ele costumava dizer quando eu chegava. “Seu Octávio, hoje vai chover em Diadema.” “Mas como é que o senhor sabe que vai chover em Diadema, seu Astério?”. “É porque o rádio disse que hoje vai chover em pontos isolados. O senhor conhece um lugar mais isolado que Diadema?” Exagero dele, estávamos no asfalto, com ônibus a duzentos metros, boa iluminação pública e cercados por fábricas. Havia sido um lugar isolado; mas já não era.

Vamos ao assalto:

Parte da lateral e o fundo de nossa fábrica eram abertos, porque a divisa era com um barranco de mais de quatro metros de altura.

Por ali um indivíduo adentrou a fábrica, pelo setor químico. Ao passar pelo primeiro funcionário perguntou pelo Sr. Antonio, o chefe da manutenção: -Seu Antonio está aí? -Não. Está na fundição.

Continuou caminhando por dentro da fábrica, passando por muitos funcionários e chegou à fundição e perguntou: -Seu Antonio está aí? -Não. Ele está lá na portaria.

Saiu da fábrica e chegou na portaria. Sem que ninguém lhe perguntasse o que fazia ali, como entrou na fábrica ou por que estava sem crachá de visitante, indagou: -Seu Antonio está aí?

-Está aí na frente conversando, na calçada, no lado de fora da fábrica.

Saiu pela portaria, aproximou-se do seu Antonio e perguntou: -O senhor é que é o seu Antonio?

-Sim, por que?

O senhor está precisando de soldador?

-Não, disse o seu Antonio, mas a firma aí em frente

Octávio Caúmo Serrano

precisa.

-Obrigado.

O cidadão atravessou a rua e bateu na firma de frente:

-Estão precisando de soldador?

Vieram dois sócios para atendê-lo e o levaram até a sala da diretoria.

Ao iniciarem a conversa, o homem sacou um revólver e disse: -É um assalto.

Levou o que pode e foi-se embora andando a pé pela Avenida Fundibem.

Quase todas as firmas tiveram suas portarias assaltadas e os revólveres dos vigias roubados. Nós nunca tivemos esse problema.

No fundo da avenida Fundibem havia uma pequena favela com uns vinte barracos. Como nós tínhamos poço artesiano colocamos uma torneira na rua para as pessoas usar a água. As correspondências destinadas à favela eram deixadas na nossa portaria e depois distribuídas. Nunca tivemos problemas com essas criaturas.

No final desta década, 1980, fizemos nossa primeira viagem à Europa. Já conhecíamos boa parte do Brasil, até a ilha de Marajó, Manaus, etc. Passamos na Europa trinta e seis dias num roteiro que nos levou a dez países.

Conferíamos a história. Quem diria que um dia iríamos à Europa. Mas lá estávamos. Portugal, que noutra viagem em 1986, conhecemos por inteiro, do Algarve ao Minho, incluindo a Ilha da Madeira, do Funchal, a civilizada capital da Ilha.

Em Madrid, a mais bonita capital da Europa, na nossa visão, entre tantos passeios bonitos, assistimos a uma tourada com a presença do Rei Juan Carlos que, de manga

Eu vi (vi) São Paulo

de camisa, saiu da Plaza de Toros dirigindo um Mercedes Benz, muito a vontade, sem seguranças ou batedores.

Fomos também a Barcelona, Sevilha, Granada, Toledo, Saragoza e outras cidades e seguimos para Paris. onde fizemos lindos passeios.

Descemos de Paris para Montpellier e Marselha, chegamos a Nice na Costa Azul. Estávamos diante do Mediterrâneo, um dos mais bonitos mares do globo. Na saída para o Principado de Mônaco, visitamos uma fábrica de perfumes com grande cultivo de rosas.

No principado vimos todo o perigoso traçado da corrida de fórmula 1, passamos pelo cassino, pelo castelo e residência do príncipe Rainier, que foi casado com a atriz americana Grace Kelly. Ali há o museu do mar, uma obra que para ser conhecida precisa-se de alguns dias.

Vimos muitas coisas mais.

Entramos para a Itália por Genova, passando por Florença até chegar em Roma. Vaticano, capela Cistina, catacumbas, o Moisés de Michelangelo, o Coliseo, e tantos outros monumentos milenares foi algo do que vimos. Visitamos Veneza, o que não poderia faltar num roteiro como esse. Lembramos de um amigo que nos disse certa vez: -Não tenho sorte, toda vez que vou a Veneza está tudo alagado. Pois é! E desta vez estava também!...

Descemos até Napoles, onde fomos à bonita Gruta Azul. No caminho estão os restos do Vesúvio, na sua explosão que destruiu Pompéia no ano 79 dC.

A seguir, Suíça, Áustria, Alemanha, passando por Colônia com sua bonita catedral gótica, margeamos o rio Reno, uma rodovia fluvial com barcos que transportam de tudo: material de construção, alimentos, mudanças, etc.

Octávio Caúmo Serrano

Visitamos outras cidades e partimos para a Holanda, Bélgica e Inglaterra, nossos passos seguintes, passando por Luxemburgo o pequeno país encravado entre a França a Alemanha e a Bélgica.

Atravessamos o canal da Mancha, que liga Calais (França) a Dover (Inglaterra). Uma travessia turbulenta que hoje pode ser feita por meio de um túnel sob o mar.

Saindo da ilha da Grã-Bretanha, fomos a Poitier na França e depois San Sebastian, no país basco, aquela região que tenta ser independente da Espanha e onde existe o grupo separatista do ETA. É uma bonita cidade com sol às nove da noite e uma bela orla marítima.

Entramos para Portugal, por Coimbra e depois Lisboa, porque era hora de voltar.

Eu vi (vi) São Paulo

1981-1990

Novamente ao trabalho.

A esta altura, meu filho cuidava do setor de pós e luvas exotérmicas para as siderurgias. Fornecíamos à Dedini, de Piracicaba, Zanini de Sertãozinho, Cosim, de Mogi das Cruzes, Aços Vilares de São Paulo, Siderúrgica Rio Grandense, de Porto Alegre e outras. Já estávamos com cento e cinquenta funcionários. Um trabalho bem difícil porque tínhamos a concorrência das multinacionais.

Fomos sempre protegidos, felizmente. Durante quase vinte anos trabalhamos com produtos químicos perigosos, tóxicos e fogo.

Tínhamos trinta cilindros de cloro de novecentos quilos constantemente na fábrica. Jamais tivemos um vazamento ou qualquer outro problema envolvendo funcionários. Tínhamos kits de segurança que nunca precisamos usar. Graças a Deus!

Dirigimos a Fundibem de 25/10/1963 até o início de 1982, quando vendemos a empresa a um grupo inglês. Trabalhamos com eles dois anos e depois nos desligamos.

Aliás, nesse ano de 1982, tínhamos programado uma viagem mais longa, que efetivamente realizamos.

Começamos por Los Angeles, depois San Francisco, com sua bela baía coberta por neblina e só descoberta lá por 1930. Ali está Alcatraz onde Al Capone, o criminoso americano ficou preso por sonegação do imposto de renda e esteve até seus dias finais.

Atravessando a Golden Gate, construída em 1933, sobre a baía, fomos ao Sausalito, a região das milenares sequóias, que chegam a 100 metros de altura e vi-

Octávio Caúmo Serrano

vem mais de 3000 anos.

Demos um pulo a Las Vegas, voando sobre o deserto de Nevada. Vegas é uma loucura de luzes e movimento, Fotografa-se à noite sem flash. Em Las Vegas sempre é dia. Em cada esquina um cartório para casamentos improvisados e que, muitas vezes, terminam com a noite de lua de mel.

Em Vegas cada hotel é um cassino porque o saguão é obrigatoriamente uma salão de jogos.

Voltamos a Frisco e depois fomos para o Hawai. Honolulu das ondas gigantes, da praia de Waikiki e da Av. Kalakaua. Passeamos por toda a ilha cheia de vulcões e fomos ao porto de Pearl Harbour, o sinistro ponto da emboscada japonesa que dizimou milhares de americanos, naquele 7 de novembro de 1941. Foi quando os americanos entraram na Guerra contra o nazismo de Adolf Hitler.

O destino seguinte, o Japão. Na terra do sol nascente,desembarcamos em Osaka e fomos de trem até Kioto. Uns trinta minutos. Depois visitamos Niko, Hakone, Kamakura, Tóquio, Nara, etc.

No centro da ilha de Honshu, vimos o Monte Fuji (em japonês Fuji-yama) com 3778, que fica coberto por gelo a maior parte do ano. Da aeronave da Japan Airlines já o havíamos avistado e sentido a emoção dos japoneses por ver do alto um dos símbolos do país. Alguns estavam voltando ao Japão depois de muitos anos longe da sua terra.

Visitamos o palácio do imperador em Tokyo, o bairro de Ginza, que lembra a Broadway americana, o grande Buda na cidade de Nara, também na ilha de Honshu, a maior estátua de bronze do mundo. Andamos no trem bala, a quase 500 quilômetros por hora e visitamos a cidade subterrânea de Osaka.

Eu vi (vi) São Paulo

Até aqui, luxo e riqueza.

Iríamos agora para as Filipinas de Ferdinand Marcos, o ditador, e da sua mulher Imelda Marcos, que o sucedeu. Aquela que tinha três mil pares de sapatos.

Os carros usados ali são os jeepnees, deixamos pelos americanos ao término da segunda guerra mundial. Foram reformados e adaptados e hoje há fabricas desses jeeps porque são o veículo popular do país.

A seguir, Tailândia. O mesmo problema. Templos espetaculares com pedras e metais preciosos. O rei com todos os privilégios, budas de ouro maciço de cinco toneladas e o povo vivendo na miséria. Muitos moram nos canais flutuantes e usam a mesma água para banhar o filho, defecar e escovar os dentes. Ali há barqueiros vendedores de alimentos, frutas, verduras.

Um oásis nesse ponto do planeta é Hong Kong, que já voltou às mãos dos chineses. Uma das mais bonitas baías do mundo. Defino Hong Kong não como um país, mas como um shopping center. Demos uma corrida até Macau, que os portugueses também já devolveram aos chineses.

Passamos pela Índia, Nova Delhi, túmulo de Moandas Karamchand Gandhi, o Mahatma (grande alma), o libertador da Índia pela não violência. Uma chegada até Agra, visitar o Taj Mahal, uma das sete maravilhas do mundo. Um país de miséria onde as pessoas tinham em 1982 média de vida de 45 anos. Não cremos que melhorou muito.

Ali, a vaca é sagrada. E é mesmo e não pode ser perturbada. Nosso voo de Nova Delhi para Istambul sofreu atraso de uma hora porque havia uma vaca na pista

Octávio Caúmo Serrano

impedindo a decolagem da aeronave.

O curioso é que na Índia a criminalidade é baixa e os conflitos se dão mais por ideologia religiosa do que por dificuldade financeira. Para se ter ideia da miséria, mais de cinquenta por cento da população atual não dispõe de banheiro (700 milhões de pessoas sem banheiro).

Da Índia voamos para a Turquia. Istambul. Esse país estava em estado de sitio. Parelhas de policiais pelas ruas de Istambul, com carabina engatilhada.

Conhecemos o Topkapi, o museu do ouro, próximo ao Bósforo, o estreito que liga o mar Mármara ao Mar Negro. Atravessamos a ponte Galatas e fomos à Istambul asiática.

O Bósforo é um estreito estratégico, porque é a única saída da Rússia para o resto do mundo. O tráfego de navios nesse canal é bastante intenso. Istambul tem tudo para se transformar em uma importante cidade no futuro.

À entrada da ponte, a mesquita de Santa Sofia, das mais famosas do mundo, construída em 660 aC pelo imperador Constantino. Istambul já se chamou Bizâncio e Constantinopla. Em Istambul pudemos ver porque a Rua 25 de março, a rua dos turcos em São Paulo, é aquela loucura. Quem vai à 25 pode imaginar-se no centro de Istambul.

Seguimos em direção à África e entramos no continente pela cidade do Cairo, capital do Egito. Conhecemos a técnica do embalsamamento no museu do Cairo, ficamos frente a frente com a Esfinge e visitamos as pirâmides de Gizé: Quéops, Miquerinos e Quéfren.

Demos, depois, um pulo até Luxor, onde navegamos na placidez do Nilo. Desfila como imponente senhor daquelas terras, com seus 6500 quilômetros, desde o Sudão. Já dizem que o Egito é um presente do Nilo. Sem ele

Eu vi (vi) São Paulo

o Egito seria uma continuação do Deserto do Saara.

Em Luxor visitamos templos com inscrições e estátuas altíssimas e misteriosas. Daí, fomos ao vale dos reis visitar o túmulo do faraó Tutancâmon, que morreu aos 16 anos, assassinado.

Deixamos a terra dos faraós e fomos depois à Grécia onde assistimos a espetáculos na Acrópolis; depois ilhas gregas, Parthenon e vimos os loureiros plantados por toda a cidade de Atenas. Compreendemos porque a coroa dessa folha para premiar os vencedores.

De Atenas para Roma, como escala, porque nosso destino era uma semana em Israel para conhecer o país de norte a sul. Hospedamo-nos em Tel Aviv e no dia seguinte partimos para Jerusalém, a capital, na Judeia, região sul do país.

Ali visitamos as ruínas do Templo de Jerusalém, onde se fazem orações e se colocam nas frestas do muro os pedidos de ajuda espiritual. Ao lado, a mesquita de Omar, com sua cúpula dourada em bronze alumínio. Aquele país já era um conflito, mas não como agora. Dentro dela, que não é uma mesquita para oração pública, o que se faz ao lado, na Mesquita Distante, ou Mesquita de Al Aqsa, está a pedra onde o patriarca Abrão ofereceu seu filho Isaac em holocausto. Em pequeno espaço, quase toda a história religiosa da humanidade. A pedra onde o judeu Abraão há mais de cinco mil anos mostrou fidelidade a Deus; a esplanada do templo onde Maomé teria sido levado para o Céu no ano 400 da nossa era e, ao lado, o Gólgota, onde Jesus foi crucificado há pouco menos de 2000 anos.

Descemos para Jericó por uma serra de 20 quilômetros, desértica, onde de dia é muito quente e à noite é bas-

Octávio Caúmo Serrano

tante frio. Cenário perfeito usado por Jesus para contar a parábola do Bom Samaritano.

Descendo a serra está a cidade oásis, próxima ao Mar Morto, que fica 400 metros abaixo do nível do mar.

Pudemos flutuar em suas águas saturadas de sal. A evaporação é grande e a única fonte de reabastecimento é o pequeno rio Jordão, o mesmo onde Jesus foi batizado.

À beira do Mar Morto, bem próximo a Jericó, estão as ruínas do mosteiro do Qum Ran, habitado pela seita dos Essênios, muito conhecidos depois que foram descobertos os manuscritos do Mar Morto. Dizem que eram homens adiantados e conheciam tecnologia para manter água estocada, muito importante naquele lugar. Foram talvez os primeiros fabricantes de açudes e conheciam técnicas de impermeabilização com o próprio barro argiloso. Fica próximo a Sodoma e Gomorra e à Fortaleza de Masada, construída em 36 aC por Herodes, e destruída no ano 73 pela X Legião Romana quando milhares de prisioneiros judeus foram escravizados.

Fomos para o Norte, conhecer a Galiléia. Passeamos de barco no Lago de Genesaré. Ao pôr do sol, as águas tingem-se de ouro e carmim, o que confere ao lago uma beleza toda especial. Banha Tiberíades, uma estância climática do norte de Israel, Cafarnaun, a terra onde morava a sogra de Pedro e Jesus falava sobre a Boa Nova, Magdala, a terra de Maria Madalena, entre outras cidades.

Visitamos Tabja, da multiplicação de pães e peixes e Caná, a cidade onde se deu a transformação da água em vinho, o primeiro “milagre” de Jesus. Estivemos também em Nazaré, a cidade onde praticamente, só havia cristãos.

Eu vi (vi) São Paulo

Na Galileia dormimos num kibutz, uma comunidade rural singular; uma sociedade dedicada ao auxílio mútuo e a justiça social; um sistema sócio-econômico baseado no princípio da propriedade comum, igualdade e cooperação na produção, no consumo e na educação. Vimos prós e contras, mas foi uma experiência interessante.

No dia 4 de agosto, depois de um minucioso inquérito e devassa em nossa bagagem no aeroporto Ben Gurion, para combater o terrorismo, saímos para Frankfurt, onde desembarcamos num dos maiores aeroportos do planeta. Duas horas depois, tomávamos um avião da Varig com destino a São Paulo.

Se o passeio foi lindo, que maravilha foi voltar para casa depois de sessenta e dois dias.

No dia 5 de agosto, ao retornar ao trabalho, fomos sumariamente despedidos. Nosso superior, empregado do tal grupo inglês para quem vendemos nossa fábrica e que insistiu muito para que continuássemos com eles, percebeu que nossa ausência por sessenta dias nem foi percebida. Nosso subgerente administrou tudo muito bem e eles não precisavam de nós.

Sabíamos que eles estavam equivocados, mas não ficamos zangados com a dispensa porque eles faziam muitos arranjos com os concorrentes para forjar lucros à matriz inglesa, o que sempre nos desagradava. Para cumprir o orçamento chegavam a vender material para nós e exigiam que faturássemos o mesmo material de volta para eles. Aumentar vendas dessa maneira é muito simples...

Em setembro de 1982 iniciamos uma nova empresa: a Ocase Produtos para Fundição Ltda, na Estrada Sadae Takagi, 1965, bairro da Cooperativa, São Bernardo do

Octávio Caúmo Serrano

Campo-SP, em um armazém alugado.

Ali começamos a abrir novamente a clientela, o que foi muito fácil devido ao nosso passado. Sempre tivemos grande respeito pelos clientes e nossa volta ao mercado foi comemorada. Em curto prazo a firma estava de pé, exportava e gozava de bom conceito.

Logo depois, desliguei-me deixando com os herdeiros: meu filho e meu irmão.

Em 1983 mudamos para a casa que construímos na Av Ceci, 861, bairro do Planato Paulista, próximo ao Parque do Ibirapuera. Num terreno de 400m² uma casa de campo de 100m², em plena São Paulo, mas com acro-las, uva, limão, romã e uma casa de madeira muito agradável. Aqui vivemos até sair de São Paulo para morar em João Pessoa, na Paraíba.

Desde 1972 que minha esposa e eu havíamos abraçado o Espiritismo como a religião.

Demos nossos primeiros passos no Centro Espírita Amor e Paz, na Alameda dos Arapanés, 707-Moema, por orientação de Da. Nazaré, uma vizinha que visitava minha mulher para pedir-lhe alguma ajuda financeira ou de trabalhos manuais.

Depois fui estudar na Federação Espírita do Estado de São Paulo durante 4 anos (Escola de Médiuns) e no Grupo Socorrista Maria de Nazaré (Escola de Aprendizes do Evangelho) por três anos. Minha esposa havia feito os dois cursos na Federação Espírita do Estado de São Paulo e terminara um pouco antes de mim.

Passei a expor aulas para novas turmas em vários centros espíritas e quando uma turma do mesmo G.S. Maria de Nazaré concluiu o curso, decidiu fundar um Centro.

Eu vi (vi) São Paulo

Maria e eu fomos convidados a participar da casa.

Em 25 de outubro de 1982, nascia o Centro Kardecista “Os Essênios”, em salão alugado na Vila Guarani, São Paulo, Capital.

Em 1984 decidi construir uma sede própria para a sociedade. Comprei um terreno de 10 x 44, na Av. Diedrichsen, 1458/1462, na mesma Vila Guarani, Jabaquara, São Paulo, Capital. O prédio tem três andares no total de 650 m².

Octávio Caúmo Serrano

1990-1996

Abraçamos o Espiritismo com toda dedicação.

Passei a expor o Evangelho em diversos centros da capital paulista e do ABCD e escrever artigos para jornais e revistas especializadas na doutrina espírita.

Em agosto de 1992 comecei a fazer um folheto espírita mensal, o Esse news, que está no 18º ano de circulação sem falhar um único mês. Está no <http://essenios.wordpress.com>.

Desinteressado pela atividade industrial, construí alguns imóveis para locação e um conjunto esportivo com duas quadras de tênis e demais dependências, na Av. Barro Branco, 48, Cidade Vargas, Jabaquara. Explorei o negócio e joguei tênis muito tempo, até decidirmos mudar para João Pessoa. Hoje a quadra está arrendada.

E lá viemos nós morar na Paraíba. Era exatamente 21 de janeiro de 1997.

Eu vi (vi) São Paulo

1997-2009

Nossa Vida em João Pessoa.

Havíamos visitado a cidade em julho de 1996. Minha mulher, meu neto, meu filho e eu. Fizemos todos os passeios convencionais e imaginamos que seria uma cidade boa para morarmos, embora jamais houvesse passado pela nossa cabeça sair de São Paulo.

Em outubro do mesmo ano voltamos, Maria e eu, para comprar algo. Não tínhamos parentes nem conhecíamos ninguém na cidade. Adquirimos um apartamento em Manaíra.

Voltamos para São Paulo depois de uma semana para decidir o que faríamos da vida. Rafael, o neto que morava conosco, estudava próximo de nossa residência, na mesma Av. Ceci, no Ginásio Jabaquara, Havia ainda dois outros netos: Érica, a mais velha e Renata, a mais nova, que viviam com a mãe. Hoje moram todos em Santa Catarina; as meninas em Laguna e o rapaz em Tubarão. Era preciso esperar o fim do ano letivo do Rafael. Meu filho havia vendido a sua parte na fábrica para o sócio e nos mudaríamos, os quatro, para João Pessoa.

Chegando à capital paraibana, começamos a procurar algum Centro Espírita para trabalhar. Especialmente minha mulher que estava acostumada a atender muita gente, providenciar enxovais para gestantes e outras formas de ajudar, não imaginava ficar em João Pessoa como turista desocupada. Decidimos montar uma filial dos Essênios na Paraíba.

Procuramos um local e encontramos na avenida Esperança 1213, que havia sido um Pronto Socorro de

Octávio Caúmo Serrano

Asma e a clínica estava desativada. Compramos a casa, executamos pequena reforma e no dia 1 de abril do mesmo ano de 1997, apenas sessenta dias depois da nossa chegada, com estatutos registrados e CNPJ, inaugurávamos o Centro. O dia 1 de abril foi escolhido como homenagem ao lançamento da Revista Espírita, por Allan Kardec, em 1 de abril de 1858.

Dois ou três meses depois, com a frequência aumentando, construímos ao lado, onde havia entrada de carro até os fundos, um salão com capacidade para mais ou menos 120 pessoas. Ali temos atividades de ajuda às pessoas, estudamos a doutrina espírita e tentamos devolver um pouco do que Deus nos ofereceu nessa nossa caminhada de mais de sete décadas, que o leitor pode acompanhar.

Tenho três livros publicados com princípios doutrinários: Ponto de Vista, Modo de Ver e Trovas da Codificação e escrevo para o jornal O Clarim, fundado em 1905, e para a Revista Internacional de Espiritismo, fundada em 1925. www.oclarim.com.br, ambos de Matão-SP.

Entre outras atividades, participei da Academia Paraibana de Poesia, onde dizia meus versos e ouvia o trabalho de outros poetas. Tenho três livros de poesia publicados e um quarto no prelo. Editei um jornal com o nome de Tribuna Literária que circulou desde novembro de 1998, uma contribuição para a cultura do povo e despertar as pessoas para o hábito da leitura. Recebeu Moção de Aplauso da Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba, por duas vezes. Graças ao trabalho, acabei por receber o título de Cidadão Paraibano e a Medalha Augusto dos Anjos,

Eu vi (vi) São Paulo

ambos por iniciativa do deputado Rodrigo Soares, líder do PT na Assembleia Legislativa.

Nessa minha carreira poética e literária prefaciei dúzia e meia de livros e fiz a apresentação de outros tantos. Para um “estrangeiro” no nordeste isso é uma prova de aceitação...

Se eu exagerei nos comentários sobre as nossas viagens é porque essa conquista é privilégio de poucos. É como agradecimento a Deus e não como exibicionismo. Muita gente com mais recurso não faz os passeios que fizemos porque não valorizam como importante meio de adquirir cultura.

Como relatado no início, e todos confirmaram pela leitura, este é um livro que narra uma história comum. Sete décadas e meia de vida de um filho de operários que viveu intensamente na busca pela sobrevivência enquanto muita água rolava por debaixo da ponte.

Seria injusto e um gesto de ingratidão dos mais lamentáveis, deixar de realçar, quando se avizinha o encerramento desta narrativa, a importância que a família teve na minha vida. Minha esposa durante muito tempo trabalhou duro e quando eu lhe sugeri parar ela aceitou, mas definiu como condição que gostaria de nunca ter de me pedir um centavo. E assim foi feito.

Temos na cidade de João Pessoa a nossa vida simples, moramos num apartamento que nos agrada, no bairro de Cabo Branco, e não temos do que nos queixar. Ao contrário, diante da generosidade de Deus, temos muito a agradecer.

Como eu disse certa vez no meu livro “Tchau São Paulo, vou pra João Pessoa”, escrito em 1996, estamos escrevendo o reverso da história. No passado, os nordes-

Octávio Caúmo Serrano

tinóis iam para o sul em busca de comida; na década de 50 eram mais de cem mil por ano; hoje, os sulistas vêm para o norte a procura de vida. Tomara que os poderes constituídos não deixem que a vida se estrague muito em João Pessoa, pois estamos a cada dia correndo mais esse risco! A pacata cidade hoje está violenta e tem trânsito complicado. Pena, mas vai piorar porque o desleixo e as intrigas políticas contribuem para isso.

São Paulo, embora inchada nos dias de hoje, está se estabilizando. Seu crescimento que era de 5 a 6% ao ano nas décadas de 50 a 70 está hoje por volta de 1,5 a 2%. Mesmo assim há um automóvel para cada dois habitantes. Isso obriga a cidade a ter dois rodízios de veículos: o estadual e o municipal.

Ao contemplar este quadro, volta à minha mente o ex-prefeito José Carlos de Figueiredo Ferraz, o mesmo que fez o extraordinário vão livre do MASP, genro do ex-governador Ademar de Barros. Quando o slogan da cidade era “São Paulo não pode parar”, ele lançou, em 1971, “São Paulo precisa parar.” E já se vão trinta e oito anos!....

Como viram, a minha história se confunde com a história da cidade de São Paulo, desde quando ela tinha um milhão de almas, se muito, até os dias atuais, quando a Paulicéia desvairada, na expressão do modernista Mario de Andrade, se transformou na megalópole que figura entre as cinco maiores do planeta em população.

Pisei em cada bairro do seu perímetro. Vi o bonde ser sucateado e o transporte moderno enfiar-se pelas entranhas da cidade. O mesmo bonde que trafegava pelas ruas e avenidas São João, Paulista, Consolação, Teodoro

Eu vi (vi) São Paulo

Sampaio, Ibirapuera, Rodrigues Alves, da Liberdade, Vergueiro, Domingos de Moraes, Jabaquara, Independência, Voluntários da Pátria, Xavier de Toledo, Barão de Itapetininga, Sete de Abril, Conselheiro Crispiniano, Glette, Bresser, Praça da Sé, Rangel Pestana, Celso Garcia, Tiradentes, da Glória, Silva Bueno, Angélica, Brigadeiro Luiz Antônio e tantas outras artérias mestras da cidade por onde passava a malha dos Transvias da Light e depois os bondes da CMTC.

Vi ruas e edifícios sumirem para o progresso avançar. Rios desapareceram sob o asfalto e prédios se aproximarem do céu. Vi nos seus topos os heliportos, os restaurantes giratórios e imensas torres de TV.

Acompanhei, também, a construção das vias metroviárias por baixo da cidade sem que os moradores dos edifícios percebessem que o tatum escavava sob os seus pés. Vi as artérias rasgando o seu coração para que os minúsculos automóveis corressem na intimidade de seus vasos; túneis e viadutos formando complexos intrincados como vísceras da metrópole. O Shopping Cidade, antiga Sears Roebuck, na Praça Oswaldo Cruz, marco zero da Paulista, recebendo vários pisos de estacionamento subterrâneo sem a interrupção de sua jornada comercial. Tudo isso eu vi!

Estava lá quando os imigrantes chegaram e a cidade se internacionalizava; sou também neto de vários deles; as multinacionais descobrindo a Paulicéia e a sua periferia e a cidade tentando manter a suas humanização, porque a índole do povo é de fraternidade, apesar das desigualdades sociais, comum em todo o país.

Vi o tempo passar, os amigos chegarem e partirem.

Octávio Caúmo Serrano

Vi os inimigos tentarem me vencer e não percebiam que Deus foi sempre o meu escudo, embora nem eu mesmo disso tenha sempre me dado conta.

Eu vi(vi) São Paulo e espero ter comprovado neste meu despretenso passeio pelo tempo como exercício de memória. Se algum dado ou data foi registrado com falhas, desculpem. Procurei ser bem fiel, o que nem sempre é possível quando sai de uma mente já gasta pelo excesso de repetições da data natalícia, pelo acúmulo de criatividade e pelo uso na arte de sobreviver num país com tantas injustiças sociais.

Conheço muitos que chegaram bem mais longe partindo do mesmo ponto que eu. Todavia, a maioria das pessoas neste país, infelizmente, condena-se a passar uma existência morna, sofrida e de poucas esperanças. Até quando, meu Deus, a riqueza do mundo será tão mal dividida!

Agradeço à cidade João Pessoa pela acolhida que nos ofereceu onde já contabilizamos alguns verdadeiros amigos, além de muitos conhecidos.

Para encerrar, deixo um grande abraço à minha estimada São Paulo, porque me deixou ser homem. Sou-lhe extremamente agradecido, minha querida Terra-Mãe! Paciência e coragem. Por enquanto, veem em você uma cidade superpovoada, violenta, de trânsito caótico. Mas você não é isso, apenas. Um dia o mundo lhe fará justiça e realçará o seu valor humano! O tempo da verdade está mais próximo do que imaginamos. Deus já prepara o mundo da felicidade onde todos iremos viver. Nesse dia, a dimensão da sua força será do tamanho da sua PAZ!

Eu vi (vi) São Paulo

Como espírita convicto, espero que quando tudo isso for realidade eu tenha o mérito de renascer novamente no seu ventre. Pedirei a Deus que me dê a oportunidade de ter tarefas que me permitam servir as pessoas, de todas as formas possíveis. Será a minha retribuição ao torrão que tão bem me tratou e me deixa ter uma velhice calma e com a possibilidade de ajudar um pouco o meu próximo. Faço isso hoje bem longe da minha cidade; mas que importa, se todos os lugares são de Deus!

Estou certo de que tive uma reencarnação proveitosa e que o meu crescimento espiritual foi maior do que em oportunidades anteriores.

Glória à minha São Paulo da garoa, com seus 455 anos de produtiva e exuberante existência! Que ela continue agasalhando todos aqueles que procuram o seu colo, seja em busca de trabalho, de saúde, de cultura ou de importância, com estágios e cursos de pós-graduação. Só não a ama quem não a conhece na intimidade, porque ela é a mãe generosa que abraça todos os filhos deste querido Brasil! E quanto aos que se beneficiam do seu carinho e depois falam mal porque portam o DNA da ingratidão, não devem ser levados em conta; devemos perdoá-los porque não sabem o que dizem!

Eu vi (vi) São Paulo

fim